

DA FRANÇA COM ESPERANÇA



**RODRIGO FELIX
DA CRUZ**

Inspirado pelo espírito
CÉSAR HANZI da Colônia

Recanto de Irmãos.

Campanha:

Leia estude e divulgue as obras da lavra mediúnica do médium Chico Xavier.

DA FRANÇA COM ESPERANÇA

Rodrigo Félix da Cruz
Inspirado pelo espírito César Hanzi.

Publicação digital
1ª edição, Outubro de 2012.
São Paulo – Brasil

Copyright © Todos os direitos desta obra são reservados ao autor que autoriza reproduções desde que citada á fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
DA CRUZ, RODRIGO FELIX.
DA FRANÇA COM ESPERANÇA.
90 p. 14 x 21 cm
1. Espiritismo
Da Cruz, Rodrigo Felix. II Título

Ilustração da capa: Rodrigo Felix da Cruz

Imagem da Capa: <http://jornale.com.br/mirian/?p=6194>

Revisão: Elisa Sampaio Cruz e Gláucio Farani Alves dos Santos

www.luzespirita.org.br

DA FRANÇA COM ESPERANÇA

RODRIGO FELIX DA CRUZ

Inspirado pelo espírito

CÉSAR HANZI

da Colônia Recanto de Irmãos.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar agradecemos a Deus pela oportunidade de trabalho e aprendizado.

Agradecemos também os seguintes amigos que contribuíram com seu apoio e sustentação durante as 10 reuniões mediúnicas dedicadas à confecção deste trabalho: Wilton Oliver (Médium), Alessandra (Médium), Jorge Gonçalves de Farias, Leonor Pereira de Oliveira, Ilson Forner, Ricardo Santos da Silva, Gláucio Farani Alves dos Santos e Sérgio Torres.

Por fim, agradecemos a Elisa Sampaio Cruz e Gláucio Farani Alves dos Santos pela revisão ortográfica e sugestões.

Sumário

Apresentação pag. 09

Prólogo (Fevereiro de 2012) pag. 11

Primeira Parte - Vida Atual (Brasil)

1 – O Chamado do mais além pag. 14

2 – Uma viagem no tempo pag. 16

3 – São Paulo, 04/01/1977 pag. 22

4 – A infância do menino “arteiro” pag. 26

5 – Dificuldade tamanho família pag. 30

6 – A sede do evangelho pag. 32

7 – Dissabores em família pag. 35

8 – O trabalho precoce pag. 38

9 – Casamento precoce pag. 44

10 – Divórcio pag. 48

11 – Reencontro pag. 50

12 – Adversidades pag. 53

13 – Novos rumos pag. 57

14 – Helena, uma benção pag. 59

15 – As lutas e o consolador pag. 60

16 – Recordações forçadas! pag. 64

- 17 – Desequilíbrios no lar pag. 69
- 18 – A criação do Portal Luz Espírita pag. 72
- 19 – A luta continua! pag. 79
- 20– Segunda Separação pag. 81

Segunda Parte - Vida Passada (França)

- 1 – Paris, 16/01/1910 pag. 86
- 2 – A Infância do *Petit Garçon* pag. 91
- 3 – Difícil Adolescência pag. 95
- 4 – Os duelos pag. 97
- 5 – A Segunda Guerra Mundial pag. 104
- 6 – Alexander Lagden pag. 109
- 7 – Fatídico dia pag. 112
- 8 – O Segundo Casamento pag. 116
- 9 – A difícil convivência familiar pag. 120
- 10 – No Brasil pag. 127

Terceira Parte - Período Umbralino

- 1 – De 1965 a 1974 pag. 133
- 2 – O Resgate de Isabelie Lagden pag. 137

Quarta Parte – Período Colonial

- 1 – O Despertar na Vida Maior pag. 142
- 2 – A Colônia Recanto de Irmãos pag. 144
- 3 – Arthur na Colônia Recanto de Irmãos pag. 153
- 4 – Preparação para o porvir pag. 156
- 5 – Convencimento entre irmãos pag. 158
- 6 – A Reunião de Alexander Lagden pag. 161
- 7 – Promessas no banco da praça pag. 163
- 8 – Reencarnação do grupo pag. 167

Quinta Parte – O Presente

- 1 – O despertar para a realidade pag. 170
- 2 – Reuniões esclarecedoras pag. 173
- 3 – O Resgate de François pag. 180
- 4 – Esperança pag. 187
- 5 – Por que o Perdão impera? pag. 191

Apresentação

Graça e paz a todos.

Venho humildemente vos falar da necessidade da prática do perdão mútuo e da paciência com as faltas alheias.

Vivemos em um mundo de provas e expiações no qual todos que aqui estamos ainda estamos longe de viver plenamente os ensinamentos de amor do Cristo.

O Mestre Jesus quando esteve entre nós não viveu entre sábios e sãos. Antes, ele procurou viver entre os simples e ignorantes a fim de levar luz e alívio para suas aflições.

Nosso Mestre quando sofreu no duro madeiro da cruz nos deixou grande lição dizendo: “Pai perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem!”.

Assim amados irmãos, deixemos de lado todas às críticas e melindres porque a Seara do Mestre Jesus necessita de trabalhadores dispostos em servir ao próximo.

Lembremo-nos ainda que no momento em que os discípulos disputavam entre si qual era o maior, Jesus

pegou uma bacia com água e lavou seus pés deixando a lição de que maior é aquele que serve ao próximo.

Se não podemos ainda viver como Jesus, sejamos ao menos seus imitadores.

Nesse mesmo diapasão, apresento aos leitores a obra DA FRANÇA COM ESPERANÇA de nossos amigos César Hanzi e Rodrigo Felix da Cruz que traz a história de um irmão que ao invés de aprender o valor do perdão pelo caminho do amor, optou em aprender sentindo na própria pele os efeitos de seus atos.

Sejamos sábios para aproveitar os exemplos contidos nesse livro para que não precisemos incorrer-nos mesmos erros aprendendo a divina lição do Perdão para que durante a prece que Jesus nos ensinou possamos dizer de todo nosso coração: “Senhor, perdoa as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”.

Irmã Lia

Colônia Recanto de Irmãos

(Mensagem psicografada pelo médium

Rodrigo Felix da Cruz em 11.06.2012)

Prólogo (fevereiro de 2012).

Era uma noite agradável.

A lua reinava soberana sobre o céu estrelado, o clima estava fresco depois de um dia lindo e ensolarado, enquanto as pessoas estavam do lado de fora de suas casas se divertindo em confraternização.

No entanto, para Ricardo não havia motivo algum para sair de seu apartamento e se distrair com os vizinhos. Tampouco tinha ânimo para olhar pela janela e contemplar a beleza daquela noite refrescante.

Grande angustia assaltava o coração de Ricardo que batia descompassado em desespero. A ideia do suicídio era cada vez mais forte em sua mente. Tudo lhe parecia turvo e sem vida, pois perdera a esperança em dias melhores.

Influências negativas assombravam a mente de Ricardo que começou a olhar fixamente para a rede de proteção da janela de seu apartamento situado no último andar do edifício. Uma sugestão vinha em sua mente:

__ pegue uma tesoura, corte a rede e pule!

Ricardo não se conformava com os últimos acontecimentos de sua vida. No dia em que completou 35 primaveras, sua esposa Isabela disse-lhe que não suportava mais sua presença e seus defeitos, e exigiu que fosse embora de sua casa depois de quase 11 anos de casamento.

Ficar longe daqueles a quem amava era insuportável. Além da saudade de Isabela, Ricardo sentia falta de sua filha de 6 anos Helena e de seu enteado Ricardinho de 18 anos.

Devido ao sentimento de culpa, Ricardo sentia-se impotente diante da vida porque era o segundo casamento falido, pois 12 anos atrás se separou de Sílvia, mãe de sua filha Elisabeth atualmente com 14 anos de idade. Ele não estava preparado para isso.

Aqueles instantes terríveis pareciam uma eternidade, Ricardo não conseguia pensar em mais nada além de suas tristezas e depressão que o levaram a se isolar dentro de seu apartamento.

Lágrimas escorriam em sua face, a cabeça doía e seus braços tremiam. Ricardo decidido se dirigiu à cozinha para pegar a tesoura. O suicídio era eminente.

Naquele fatídico momento, benfeitores do plano espiritual começaram sua benéfica ação aproximando-se de Ricardo para lhe confortar o coração, para lembrá-lo de seus compromissos assumidos perante Deus para a presente existência, para lembrá-lo da beleza da vida apesar das adversidades, para lembrá-lo dos ensinamentos da Doutrina dos Espíritos.

Então, Ricardo começou a pensar em tudo isso que os benfeitores lhe trouxeram em sua mente e sentiu-se mais forte e animado. Uma pequena brasa de esperança aqueceu seu coração.

Ricardo desistiu da infeliz ideia do suicídio.

Primeira Parte

Vida Atual (Brasil)

1

O chamado do mais além.

O trabalho dos benfeitores espirituais não se restringiu em apenas demover Ricardo de sua infeliz ideia de suicídio. Os abnegados amigos o intuíram a tomar uma ducha relaxante e deitar-se.

Em sua cama, Ricardo começou a fazer um balanço de sua vida, de tudo que viveu, errou e aprendeu. Também começou a pensar nas lembranças que tinha sobre sua vida anterior, daquele Arthur Bescherelle que viveu na França no início do século XX e terminou sua vida em São Paulo no Bairro do Bom Retiro.

Ricardo começou a lembrar de tudo como se estivesse assistindo a um filme de uma triste história que começou na França da *Belle Époque* e transferiu-se para o Brasil na promissora cidade de São Paulo.

Enquanto isso, os benfeitores espirituais vindos da Colônia Recanto de Irmãos fizeram uma cuidadosa limpeza no apartamento de Ricardo, tirando toda a presença indesejável de irmãos em desequilíbrio e seus miasmas negativos.

Alguns espíritos saíam desesperados dizendo:

— Vamos ter que nos explicar com nosso chefe, “o Estrangeiro”, que não tivemos como lutar contra os homens vestidos de luz!

Terminada a limpeza o benfeitor César Hanzi posicionou-se ao lado de Ricardo e fez-lhe através do pensamento um convite:

— Ricardo, desperte meu amigo! Saia dessa tristeza e ocupe seu tempo com salutar trabalho. Você escreve muito bem, é um trabalhador esforçado na Seara Espírita, o que acha de ocupar seu tempo escrevendo um livro sobre sua vida nesta encarnação e de sua encarnação passada para compartilhar com nossos irmãos sua historia e os ensinamentos que dela podemos colher? Tenho certeza que até a conclusão de seu livro você estará bem melhor, mais equilibrado e quem sabe até lá tudo estará em seu devido lugar!

César Hanzi continuou orientando Ricardo:

— Ricardo, Deus nunca nos desampara! Se nós nos sentimos só é porque Dele nos afastamos. Muitas vezes, somatizamos um conjunto de pequenos problemas que juntos parecem insolúveis. Quando agimos assim transformamos pequenos morros em montanhas intransponíveis. Ricardo, meu amigo, é nesses difíceis momentos que Deus espera que coloquemos em prática aquilo que dissemos que aprendemos. Deus que é bom e justo te espera de braços abertos a exemplo do pai saudoso figurado na parábola do filho pródigo, dessa forma, antes de sermos filhos pródigos sejamos filhos prodigiosos.

Ricardo embora não conseguisse enxergar a presença de César Hanzi e seus companheiros da Colônia Recanto de Irmãos, sentiu em seu coração grande alívio e recebeu em sua mente através de sua mediunidade intuitiva a mensagem de alívio e chamado ao trabalho.

Para concluir sua missão daquela noite, César Hanzi aduziu:

— Ricardo, sendo assim, antes de sermos filhos pródigos sejamos prodigiosos sem esperarmos por milagres, sem esperar por mais um Cristo que venha a ser morto, pois se o Cristo viver verdadeiramente dentro de nós, não se faz necessário que o

crucifiquemos todos os dias. Ao contrário, imperioso é que Ele, Jesus, o Cristo nosso de todos os dias viva sempre em nossas atitudes cotidianas porque é pelos pequenos atos que se demonstram as grandes mudanças.

Naquele momento, Ricardo tomou sua decisão de parar de se lamentar e começar a escrever sua autobiografia como forma de ajudar ao próximo e a si mesmo.

2

Uma viagem no tempo.

Dias depois, Ricardo ficou matutando como escrever seu livro autobiográfico, seu livro regressão. Ficou preocupado com a ideia de que estivesse sendo mistificado por algum espírito zombeteiro porquanto estivesse passando pelo período mais difícil de sua existência.

Neste mesmo dia, Ricardo após uma jornada de trabalho cansativa em sua repartição pública, entra em uma farmácia e sobe em uma balança. Para sua surpresa, notou que em apenas dois meses de sua separação chegou a perder 10 quilos, pois seu apetite diminuía sensivelmente.

Ao chegar a seu apartamento, Ricardo liga seu net book e decide enviar um e-mail aos seus amigos mais íntimos do movimento espírita, contando a ideia de escrever um romance que narrasse sua vida anterior e os desafios enfrentados nesta vida.

No dia seguinte recebeu mensagens de apoio à empreitada, no entanto, Ricardo continuou preocupado com a ideia de mistificação, pois além de estar passando por um difícil momento em sua vida, também é contra aos trabalhadores na seara espírita

que buscam fazer trabalhos somente para autopromoção, sem a intenção de levar edificação aos seus irmãos.

Dessa forma ele continuou ansioso pela resposta de Miguel, o médium da Fraternidade Luz Espírita, na qual Ricardo militava sendo monitor do curso *online* desse importante site que se tornou um Centro Espírita Virtual.

A resposta de Miguel era de suma importância, pois conforme Kardec nos ensinou, na *Revista Espírita* de abril de 1864, é necessário levar as mensagens que recebemos para apreciação de outros médiuns para confirmar a veracidade destas, segundo o controle universal dos espíritos.

No entanto, o referido e-mail causou estranhamento a Miguel que demorou alguns dias para responder, pois era uma ideia inédita: um trabalhador espírita se propor a contar sua vida anterior e sua relação com sua vida atual.

Domingo à noite, antes do início dos trabalhos na Casa Espírita onde colaborava, Ricardo encontrou Miguel e recebeu pessoalmente uma resposta acerca do projeto do livro:

— Ricardo, nosso amigo espiritual César Hanzi confirmou seu apoio ao trabalho e propôs que agendássemos reuniões quinzenais para que você colha mais informações acerca de seu passado e possa escrever o livro.

Então, foi agendada a referida reunião no apartamento de Ricardo, na qual este recebeu palavras de conforto e orientações para a redação de seu livro.

A primeira reunião se iniciou com a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo Capítulo 3, itens 16, 17 e 18.

16. *Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também os há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! Há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite ir para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada.*

17. *Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.*

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados a Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de

habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar às emanações do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam.

18. Mas, ah! Nesses mundos, ainda falível é o homem e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam.

Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que uni mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra. - Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

Após a leitura do iluminado trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo e da prece inicial, o benfeitor César Hanzi, o porta-voz da Colônia Recanto de Irmão silenciou a comunicação:

— Amados irmãos, vivemos tempos de filtragem orientada pelas leis divinas, sendo a última oportunidade para muitos antes do degredo (exílio em mundos primitivos). Os verdadeiros

espíritas são os que se pautam pela filosofia espírita e não somente pelos fenômenos.

— Quando estamos às sós com nossos pensamentos estamos envoltos daqueles com quem temos afinidade. Se nosso intuito é amável, serão os espíritos do bem que estarão a inspirá-lo, caso contrário serão outros amigos. Em ambos os casos isso é uma manifestação mediúnica.

O benfeitor continua palestrando:

— Os espíritas têm pecado pelos excessos porque um livro do amigo Ricardo não recebe atenção, ao passo que se esse mesmo livro levar o nome do espírito César Hanzi ou outro, receberá maior credibilidade - Acrescenta César Hanzi.

— O Espírita é contraditório por justificar tal atitude alegando seguir o Pentateuco de Kardec, pois este não era médium. A obra do Codificador era puro suor humano com informações do mais alto. Os espíritos não tiraram o mérito do trabalho de Kardec.

— Como posso dividir com o leitor minhas reminiscências do passado? Pergunta Ricardo Felício.

— A melhor forma de falar de uma existência passada é tomar como parâmetro a verdade. Deve-se entender os efeitos positivos de todo mal que tenhamos feito, bem como de todo o mal que tenhamos sofrido. Claro que no plano espiritual isso toma mais ou menos tempo por ser um processo de redescoberta do espírito - Respondeu César Hanzi que continuou sua palestra:

— Como Arthur sofreu não pelos outros, mas pelas ações, pelas partículas de atitudes que não alimentou durante sua vida.

Para ilustrar o benfeitor faz uma pequena parábola:

— Imaginemos que ao invés de um roteiro escrito, recebemos uma caixa com várias pílulas com qualidades e defeitos de acordo com nossa realidade. Levamos essa caixa e conforme a situação cotidiana, tomamos esta ou aquela capsula.

— O homem bom que em seu íntimo entendeu seus sofrimentos do passado e que aprendeu as lições aqui na estrada da vida. Tomará a pílula correta, uma capsula de virtude. Já aquele que ainda não escolheu o caminho do bem, vivendo a superficialidade do que aprendeu, escolherá as pílulas das paixões. O mesmo se aplica a Arthur.

— Reconhecer que errou não apaga o erro, mas transforma o futuro para melhor. Deus nos oferta conversas fraternas, palestras edificantes para que decidamos pelo caminho certo e direcionado à evolução.– encerra Hanzi seu discurso esclarecedor.

Decorridos mais alguns dias, logo após a primeira reunião mediúnica especial para o livro e obtida à confirmação que buscava, Ricardo pôs-se a escrever.

Nesse momento, Ricardo começou a lembrar-se de sua vida atual como se fossa a exibição de um filme.

Iniciou-se assim sua viagem no tempo.

3

São Paulo, 04/01/1977.

Ao quarto dia do mês de janeiro de 1977, o Brasil estava sob Regime Militar tendo como presidente Ernesto Beckmann Geisel que iniciou a abertura política do país que vivera sob rígida ditadura. Geisel afirmava que o Brasil necessitava de uma redemocratização, lenta, gradual e segura.



(Manifestação contra a ditadura em 1977)

Naquela época a Cidade de São Paulo era o coração financeiro do país e cidade que mais atraía imigrantes de todos os estados brasileiros, pois era a cidade das oportunidades.



(Avenida Paulista em 1977)



(Avenida Paulista em 1977)

Às 11 horas e 40 minutos da manhã do referido dia, no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, conhecido como Hospital das Clínicas, nasceu Ricardo Felício, filho da mineira Rose da Silva e do alagoano Francisco Felício.

Ricardo veio ao mundo segundo o planejamento reencarnatório feito em sua colônia espiritual de origem, a Colônia Recanto de Irmãos situada em região equivalente a Zona Leste da cidade de São Paulo.

Não por acaso, a família de Ricardo era muito humilde e residia também na mesma região da cidade, inicialmente no bairro de Itaquera, e logo após, em um dos bairros mais afastados do centro de São Paulo, Guaianases que fica distante 35 quilômetros do marco zero, a Praça da Sé.

Guaianases era um bairro muito pobre: somente algumas ruas eram pavimentadas, tinha poucas opções de transporte, contando apenas com algumas linhas de ônibus e uma antiga estação de trem da Rede Ferroviária Federal, na qual as pessoas se espremiavam em velhos trens elétricos da década de 50 que saíam de Mogi das Cruzes com destino à estação Roosevelt no Brás.

O Bairro tinha poucas casas, uma pedreira e ainda tinha muitas áreas verdes.



(Centro Comercial de Guaianases em 1977)

A grande maioria dos habitantes do bairro era de nordestinos recém-chegados de seus estados de origem, que vinham para a cidade de São Paulo com suas trouxas cheias de sonhos.

Desses imigrantes, um deles era Francisco Felício, alagoano que ganhava a vida como pedreiro trabalhando em diversas obras por empreitada, pois não gostava de trabalhar como operário com registro em carteira.

Outra imigrante era a mineira Rose da Silva, natural de Poços de Caldas, que passou sua infância em Franco da Rocha e ganhava a vida como empregada doméstica.

Quando ela trabalhou em uma casa na Avenida Angélica, ela se apaixonou pelo pedreiro Francisco que trabalhava em obra de um prédio vizinho.

Estes são os pais de Ricardo que reencarnou em uma pobre e humilde família para aprender com estes a lição da humildade, da honestidade, da perseverança e do trabalho.

4

A infância do menino “arteiro”.

Francisco e Rose não se continham de tanta felicidade.

O alagoano estava perdidamente apaixonado pela sua bela mineira loira de modo que o seu primeiro casamento que lhe deu três filhos ficou no passado. Francisco costumava tratá-la carinhosamente de “Roseira”.

O primeiro fruto dessa ventura, desse ninho de amor era o bebê Ricardo, que desde o início foi cercado de muitos mimos pelos seus pais. Ricardo era uma criança muito linda. Todos diziam que era semelhante a um bebê de propaganda, pois era muito branquinho, olhos acinzentados e cabelos muito loiros.

Rose tinha prazer em manter seu filhinho sempre muito bem cuidado, vestido com uma roupinha sempre limpa, cabelos bem pentados e sapatinhos nos pés. Tratamento bem diferente para o padrão pobre do lugar no qual as crianças andavam sujas e praticamente sem roupas. Tratamento este que era feito com muito esforço e dedicação face às condições humildes da família.

Tudo ia muito bem, Francisco conseguiu obter boas empreitadas em diversas obras, de forma que embora com

modéstia, conseguiam viver bem, chegando a comprar uma Kombi azul, modelo 1969, para passear com a família e transportar ferramentas.

O feliz casal também passava por um período espiritualizado através de sua frequência em respeitáveis centros de Umbanda.

Enquanto isso o menino Ricardo crescia e desenvolvia-se com muita saúde e inteligência. Pouco a pouco foi se revelando um menino hiperativo, agitado e dotado de grande imaginação. Como seus pais moravam longe de parentes, não tinham com quem deixar seu filho quando iam para as reuniões umbandistas. Então era necessário levar o menino consigo.

Nessas ocasiões o “levado” Ricardo testava a paciência de qualquer cristão, pois não parava quieto em nenhum momento. Certa feita chegou a quebrar seus dentes brincando entre os bancos de madeira do centro de umbanda.

O maior divertimento do menino Ricardo era brincar com os tambores, entrar em baixo das saias das baianas e tentar observar os santos do altar e suas oferendas.

Em uma importante festividade da casa de umbanda, o nosso espevitado personagem chegou a botar fogo nas saias da mãe de santo com uma vela subtraída do altar, fato que foi a gota d’água para os dirigentes da casa que tiveram que destacar uma pessoa para cuidar do menino-problema durante os trabalhos da casa.

Após o fatídico dia, Ricardo ficava sob a supervisão da filha da mãe de santo da casa que muito se esforçava para não perder a paciência. Então, os pais do menino agitado, resolveram tentar deixar este em casa sozinho em algumas ocasiões para poupar a moça de boa vontade.

No final de uma tarde, os pais de Ricardo o deixaram brincando no quintal de sua casa, pois na época não existia a preocupação com malfeitores que eram muito raros. A família tinha o costume de ter no quintal um galinheiro, uma horta e um pomar com várias árvores frutíferas. Naquele dia Rose tinha separado do galinheiro uma galinha caipira que estava “choca” e a deixou amarrada no quintal com um cordão.

O curioso Ricardo perguntou:

__ Mãe, porque a galinha está amarrada?

Então, sua mãe para não dar maiores detalhes respondeu:

__ Filho, ela esta doente. Cuida dela para a mamãe até quando voltarmos!

Após a saída de seus pais, Ricardo sentindo-se um importante médico, foi até o jardim que ficava na frente de sua casa, colheu várias flores, amassou-as no pote de água da galinha e disse para a mesma:

__ Galinha, tome o remedinho que fiz para você!

Evidentemente a galinha não respondeu ao menino e tampouco bebeu o remédio preparado por ele.

Então, o “Dr. Ricardo” de quatro anos de idade, pegou a galinha e a virou de ponta cabeça dentro do pote de água para que esta tomasse seu remédio.

Quando seus pais retornaram, encontraram a galinha morta de ponta-cabeça dentro do pote de água, fato que rendeu uma bela surra ao menino.

As reações de Ricardo não paravam: corria atrás dos pintinhos do galinheiro chegando a pisar nos pobres coitados;

quebrava os ovos que as galinhas botavam, pois brincando de chocar ovos sentava sobre estes no ninho; não tinha medo de cão bravo; brincava com gatos provando à ira nos felinos; se embrenhava no mato sem o temor de encontrar cobras e escorpiões pelo caminho; amarrava uma corda no seu cachorro e o obrigava a puxar sua bicicleta como se fosse um cavalo; colocava o pobre gato dentro da geladeira até que alguém o encontrasse quase morto de frio; tirava a roupa e nadava em uma velha banheira no quintal; passava as tardes trepado em um pé de amora comendo seus frutos maduros e de lá saía com a roupa toda manchada; se divertia matando formigas e caçando sapos com uma lanterna fabricada com lata de leite em pó e vela.

Quando Rose percebia suas travessuras imediatamente lançava mão de uma vara de amora e corria atrás do menino em volta da casa até que o alcançava vencendo-o pelo cansaço. As pernas do menino viviam marcadas pelas varadas recebidas.

O menino Ricardo era um verdadeiro Saci-Pererê branco e por isso, sua fama era tão grande no bairro que ninguém se atrevia a tomar conta dele para que sua mãe trabalhasse:

__ Cruz Credo! Deus me livre cuidar desse capetinha!

Na verdade os primeiros seis anos da existência de Ricardo foram muitos felizes para ele, que certamente estava assistido por desvelados benfeitores espirituais que o livraram de muitos acidentes.

5

Dificuldade tamanho família.

Infelizmente, a felicidade de Francisco e Rose estava se esgotando. O Casal se afastou das atividades no centro de umbanda que frequentava. Francisco começou a ter dificuldades para encontrar trabalho, tendo que vender sua Kombi azul. Começou a beber diariamente, sob a influência de obsessores chefiados pelo temido “Estrangeiro”, que dizia aos seus subordinados:

— *Merde*, quero me vingar de Arthur por meio de seu pai!!! Quero ver Alfred Bescherelle chegar em casa embriagado, sem dinheiro e revoltado com a vida. Quero vê-lo praguejando contra Deus e espancando aquele *cretin imbecile!* (do francês: Cretino imbecil).

Rose, uma mulher de muita fibra, vendo as dificuldades financeiras que surgiam, não desanimou e começou a trabalhar como vendedora de utensílios domésticos para complementar o orçamento do lar.

Francisco que até então era um homem muito romântico e carinhoso com sua roseira, pois costumava tocar violão e fazer serenatas para sua amada, começou a se distanciar do lar ficando em bares bebendo e cantando com seus parceiros de vida boêmia, além de começar a buscar novas parceiras fora do lar. Rose sofria muito com a situação, pois as discussões do casal passaram a ser frequentes e para não chocar seu filho, trancava-se no banheiro para chorar.

O menino Ricardo começou a ficar triste pelos cantos sentido a falta de um irmãozinho para sua companhia, então, por

inspiração do mais além, o menino começou a pedir para seus pais um irmão para brincar:

__ Mamãe! Papai! Eu queria ter um irmãozinho para brincar, meus amigos têm irmãozinhos!

O pedido comoveu o casal que estava em crise e começou a pensar seriamente no assunto, e como um sinal de esperança para dias melhores, Rose engravidou.

Os nove meses passaram rapidamente e para alegria de Ricardo nasceu o bebê:

__ Mãe, qual o nome dele? Perguntou o menino.

__ Não é dele, é dela, seu nome é Amanda!

Então, Ricardo primeiro sentiu a frustração em não ter o irmão que havia pedido e ao mesmo tempo sentiu-se feliz ao receber sua irmãzinha.

O tempo seguiu célere e os problemas do casal continuavam: Francisco trabalhava metade do ano, e passava a outra metade desempregado, no entanto, sua bebida era sua companheira do ano inteiro. Espíritos obsessores subordinados ao “Estrangeiro” continuavam atormentando-o ao ponto de quase todos os dias chegar em casa bêbado brigando com Rose e seu filho Ricardo, agredindo-o fisicamente. Felizmente a pequena Amanda era seu xodó que o acalmava após as costumeiras desavenças do pedreiro frustrado.

Francisco decidiu tentar um emprego na cidade de Registro no interior de São Paulo, prometendo que mensalmente enviaria o dinheiro necessário ao sustendo da família. Porém, ele não cumpriu a promessa deixando esposa e filho em mísera situação.

Ricardo ingressou na escola e necessitava de materiais escolares. Amanda não portava boa saúde e não se alimentava direito.

Rose vivia grande desespero, pois além das dificuldades financeiras, recebera a notícia de que Francisco estava vivendo com outra mulher. Meses se passaram e Francisco retornou a sua casa, sem dinheiro e a triste rotina de bebidas e brigas voltou ao lar de Ricardo.

6

A Sede do Evangelho.

Quando completou oito anos de idade, Ricardo não apenas recebeu o certificado de sua alfabetização na escola, como passou também, a ser um assíduo leitor. Gostava de ler placas, cartazes, luminosos e gibis.

Certo dia, Ricardo recebeu um convite de uma vizinha para visitar a Igreja Presbiteriana do bairro. Então, sentindo grande desejo de conhecer as coisas de Deus, ele começou a frequentar as reuniões da igreja, mesmo a contragosto de seus pais.

Ricardo tinha muito prazer em acordar cedo aos domingos para ir à Igreja participar da escolinha dominical passando a ser um dos alunos mais aplicados e curiosamente, o menino levado transformou-se em comportado aluno. Como prêmio, Ricardo ganhou dos monitores do curso uma revista bíblica para colorir e a vizinha que o convidara para a igreja lhe presenteou com uma Bíblia.

O desejo de conhecer as coisas de Deus, inspirado pelos benfeitores da Colônia Recanto de Irmãos, levou ao menino Ricardo, em poucos meses ler a Bíblia inteira, fato que deixou sua mãe Rose espantada.

Rose motivada pela equipe espiritual do “estrangeiro”, bem como por preconceito religioso em relação aos evangélicos lhe dizia:

— Menino para de ler a Bíblia, pois quem lê este livro inteiro fica louco!

Ricardo não se importava com isso, o “pequeno pastor”, como era chamado na igreja, continuou firme em sua leitura bíblica e na frequência as reuniões evangélicas. Mal sabia que era frequentemente assistido pela equipe da Colônia Recanto de Irmãos coordenados por César Hanzi.

Não contentes com a iluminação divina sobre o menino Ricardo, antigos desafetos de seu passado começaram a obsidiar ainda mais seu pai que desgostoso de sua vida, bebia, chegava nervoso em casa e brigava com Ricardo implicando porque este estava sempre quieto lendo, desenhando e estudando:

— Sua múmia, levante-se e faça algo de útil! Está cada vez mais gordo parecendo uma baleia!

E não contente com os xingamentos que proferia contra o filho, espancava-o por motivos fúteis causando-lhe muita tristeza.

Ricardo não desanimava com seu sofrimento pela perseguição sofrida por seu pai. O menino lembrava-se das palavras de Jesus: *Quem não toma sua cruz e não me segue, não é digno de mim. “Aquele que acha sua vida, a perderá, mas aquele que perde sua vida por causa de mim, a achará”* (Mateus 10, 38-39).

Vendo que não conseguiam seu intento, os desafetos do mais além prosseguiram de outras formas. Os pais de Ricardo começaram tentar impedi-lo de ir à igreja alegando que ele estava ficando “fanático” e que isso prejudicaria sua educação.

Então, o “Estrangeiro” arquitetou novo plano e intuiu ao seu conterrâneo francês, suas novas ideias.

Francisco começou a ensinar coisas da vida sexual a Ricardo, fazendo flertes e cantadas a outras mulheres na frente deste, assim como ensinar sua filosofia materialista de viver:

__ Meu filho, um homem somente vale o que tem no bolso. Se eu estiver com o bolso cheio de dinheiro serei tratado de senhor Francisco, e se eu estiver com o bolso vazio, serei chamado apenas de Chico. O que mais importa nessa vida é dinheiro no bolso e mulher. Tirando sua mãe e sua irmã, você poderá ter todas as mulheres do mundo. Você é um homem ou um saco de batata?

Felizmente tal discurso não chegava ao coração de Ricardo que de menino levado passou a ser um filho mais educado e prosseguia frequentando a igreja evangélica. A equipe espiritual de César Hanzi continuava trabalhando diligentemente pelo seu tutelado.

Os irmãos trevosos fizeram nova investida levando o Pai de Ricardo a dizer-lhe:

__ Filho, chega de ir nessas seitas religiosas. Já que você insiste em seguir esse caminho, quero que frequente a igreja de meu irmão José em Itaquera, a Congregação Cristã do Brasil, pois lá você vai receber orientações corretas.

Na verdade, Francisco acreditava que seu filho, por preguiça, iria desistir de continuar frequentando a igreja em razão da distância, o que não ocorreu porque o menino Ricardo continuou firme, frequentando as reuniões de Jovens e Menores da igreja. Mal sabia ele que na verdade estava ajudando a seu filho a viver no caminho do evangelho que o livrou de más companhias, pois muitos meninos do bairro que não tiveram a oportunidade de frequentar uma igreja passaram para a vida das drogas e crime.

Ricardo continuou firme em sua fé, acreditava de uma forma muito pura nos ensinamentos do evangelho, sentia-se como escolhido por Deus para sua obra na terra e por isso se engajava cada vez mais nas atividades da igreja.

Aos onze anos de idade, interessou-se por estudar violão recebendo aulas de seu irmão do primeiro casamento de seu pai, Antonio.

Por volta de 1994, a Congregação Cristã do Brasil abriu uma pequena casa de oração próxima da casa de Ricardo, então passou a frequentá-la chegando a ser nomeado como auxiliar de jovens, comprou um trompete e ingressou na escola de música para tocar louvores na orquestra da Igreja, obteve mais tarde a autorização para ser músico oficial e posteriormente passou a ser instrutor.

Quando estava nos cultos da igreja, Ricardo sentia-se como se vivesse no Reino de Deus, emocionava-se durante as orações e tocando seu instrumento, pois tinha certeza que os louvores entoados com amor chegavam até o trono do Criador.

7

Dissabores em família.

A alegria de Ricardo estava restrita em dois refúgios: a igreja e a escola.

Além de evangélico fervoroso, Ricardo destacava-se como o melhor aluno da escola, angariando a simpatia de professores e direção da escola, assim como a antipatia dos alunos que se

sentiam diminuídos diante do talento do jovem estudante. Além das leituras bíblicas, interessava-se em ler velhos livros de história, química, biologia, física e enciclopédias, livros que iam ser jogados no lixo por famílias mais favorecidas, que foram trazidos por Francisco.

Quando chegava em casa, Ricardo perdia sua paz, pois sua mãe não permitia que ele brincasse com Amanda porque era menina e para Rose menino somente poderia brincar com outros meninos. Era proibido de brincar na rua e quando chegava seu pai Francisco a macabra rotina ocorria: Francisco descia do ônibus após um dia cansativo de trabalho, parava de bar em bar tomando uma dose de pinga em cada um, então, finalmente, chegava em casa cansado, de mau-humor, sem dinheiro, tendo como bodes expiatórios o menino Ricardo e sua mãe Rose.

_ Seus inúteis! Estou farto de vocês! Eu trabalho igual a um cavalo enquanto vocês nada fazem! – dizia embriagado o pai de Ricardo.

Se o menino estivesse assistindo a velha televisão com imagem preta e banco, brigava com este para sair da televisão. Se estivesse brincando no quintal, mandava entrar para casa, se estivesse desenhando ou fazendo alguma leitura, mandava que se mexesse e se porventura o encontrasse na rua, o resultado seria uma surra com pedaço de pau, chutes e pancadas, o que muito envergonhava Ricardo diante da vizinhança.

Para agravar ainda mais a situação, muitas vezes a menina Amanda mentia ao seu pai, com lágrimas nos olhos, dizendo que o irmão lhe havia batido durante o dia, então mais raivoso ainda Francisco espancava seu filho.

_ Pai! O Ricardo brigou comigo e me bateu!

Quando Rose intervinha em favor do filho, Francisco berrava contra esta de forma animosa e a contenda estava

formada. Somente quando se deparava de sua predileta Amanda é que Francisco se acalmava e começava chorar copiosamente:

_ Minha pretinha! O papai te ama! – dizia em lágrimas.

Os recursos familiares eram cada vez mais escassos. Rose era obrigada a comprar alimentos na mercearia de quilo em quilo. Na maioria dos dias não era possível comprar carne que era muito cara para a família que se socorria de couves, tomates e alfaces quase diariamente.

Ricardo sofria tanta pressão que por desequilíbrio emocional engordara muitos quilos em contraste com sua magérrima irmã. Por ser gorducho, passou a ser alvo de zombaria de todos, pois naquela época a obesidade infantil era rara. Seu café da manhã era composto de dois copos de café com leite e quatro pãezinhos franceses.

Na hora do intervalo escolar Ricardo era conhecido como “merendão”, pois depois de comer a merenda escolar, voltava para o final da fila para repetir o prato. A merendeira sempre dizia ao menino:

_ Benza Deus meu fio! Pode cumer à vontade!

Na escola recebia muitos apelidos como “gordo”, “baleia assassina”, “saco de areia”, “balão”, “bunda mole”, “algodão-doce”, o que o deixava muito deprimido, solitário e infeliz. Nenhuma garota se interessava pelo menino pobre e alvo de chacotas.

O menino que antes vivia bem vestido e calçado passou a vestir roupas velhas, surradas, bem como tinha apenas um calçado que somente era substituído quando rasgava pelo uso. Com a menina Amanda não era muito diferente, vestia-se de roupas doadas pela vizinhança. Certa vez ganhou um par de tênis, cujo

dono anterior pisava torto e o calçado gastou irregularmente. Quando calçava o par de tênis torto tropeçava várias vezes.

Apesar de todas as adversidades, Rose não esmorecia sendo uma boa dona de casa, mãe atenta e mantinha sempre os filhos limpos e bem alimentados. Além disso, costumava ajudar os filhos nas tarefas escolares.

Nos finais de semana, infelizmente a família não permanecia unida, pois Francisco ia para os botecos deixando a família sem a devida atenção. Para Ricardo não restava alternativa, se não a de buscar seu sagrado refúgio na Igreja.

8

O trabalho precoce.

Em virtude da falta de recursos da família, Rose que não se conformava com a difícil situação da família, começou a incentivar seu filho a trabalhar desde cedo.

Em 04 de janeiro de 1989, quando completava 12 anos de idade, Ricardo começou em seu primeiro emprego como balconista de um depósito de construção.

Nesse dia, sua mãe estava preparando um bolo para seu aniversário e quando Ricardo chegou, precisou esconder o recheio do bolo em baixo de uma cama para que ele não desconfiasse da surpresa que estavam preparando.

O gordinho Ricardo disse desconfiado:

— O que vocês estão comendo e não querem repartir comigo? Não quero nem saber, vou comer também!

Amanda e seus primos que estavam passando férias na casa de Ricardo começaram a rir da situação.

Então, Ricardo bravo começou a procurar o que estavam comendo quando olhou em baixo da cama encontrou uma panela com recheio de chocolate e passou a comer tudo sozinho:

— Só de raiva vou comer tudo sozinho para vocês aprenderem a dividir!

A risada tomou conta de todos os presentes.

Ricardo continuou em seu serviço como balconista até que teve seu primeiro acidente de trabalho: teve a mão esquerda picada por ferozes maribondos, que deixaram sua mão muito inchada e dolorida, sendo necessária a aplicação de compressas com fumo de corda fervido para alívio dos sintomas.

O que Ricardo não imaginava era que os maribondos foram dirigidos por *elementais* dirigidos pela equipe do “Estrangeiro” (elementais = espíritos responsáveis pelos seres e forças da natureza).

Logo em seguida, passou a trabalhar como balconista em uma padaria em Arthur Alvim sendo necessária uma viagem de 45 minutos de ônibus para chegar ao seu posto de trabalho. Ricardo acordava às 04h30min da manhã, chegava às 06h e trabalhava até às 14 horas, retornava e entrava às 15 horas na escola, chegando em sua casa esfomeado após as 19 horas. Além de trabalhar no balcão e limpar a padaria, era obrigado pela portuguesa gerente da padaria a limpar a gordura do forno de frango sem detergente, utilizando apenas água quente e sabão em pedra.

Aos quatorze anos de idade, após fazer um curso de datilografia e auxiliar de escritório, Ricardo tirou sua Carteira de

Trabalho e Previdência Social e começou a procurar emprego devidamente registrado.

Depois de árdua procura, conseguiu um emprego de auxiliar de escritório e Office-boy em uma transportadora de cargas no bairro do Pari, cujo nome era a pronúncia francesa do nome da capital da França Paris, e em homenagem ao ilustre país, suas ruas receberam nomes de importantes personagens da história francesa.

Nesse emprego, Ricardo tinha que fazer serviços de entrega de documentos e pagamentos, circulando pelas ruas do Brás, Pari, Bom Retiro, Santa Efigênia e Centro.

Quando o rapaz andava pelas ruas da região, sentia algo estranho, uma espécie de *déjà-vu*, pois se sentia familiarizado com aqueles locais, como se já tivesse vivido ali, de modo que conseguia ir aos endereços sem a necessidade de indicações, pois tudo lhe era familiar. Ricardo chegou a comentar por diversas vezes, que apesar de evangélico, sentia que em vida anterior já vivera naqueles locais.

Por ser evangélico sincero, Ricardo era vítima de zombaria por parte de seus colegas de trabalho, que não aceitavam que um rapaz procurasse viver de forma casta e reta. Chegaram ao ponto de trancá-lo com uma bela secretária que o assediava. Ricardo ao invés de aproveitar-se da bela morena de cabelos compridos, abaixou sua cabeça sobre a máquina de escrever e começou a chorar dizendo:

— Senhor Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim! Ajuda-me a vencer a incompreensão dos que não compreendem seus caminhos e superar meu sofrimento!

As perseguições a Ricardo cresceram de tal modo que a empresa decidiu demiti-lo.

Entretanto, Ricardo não desanimava em sua fé. Ele chorava na presença de Deus pedindo forças para viver neste mundo hostil que não respeitava seu modo singelo de ser. Quanto mais sofria, mais fervorosamente frequentava sua igreja.

Ricardo não estava sozinho, pois seus amigos da Colônia Recanto de Irmãos sempre lhe amparavam ora pela equipe de César Hanzi, ora pela equipe da Irmã Lia do burgo Maria de Nazaré.

Quando temos fé em Deus e o invocamos com sinceridade, sempre teremos benfeitores divinos nos amparando nos momentos de adversidades.

Rose não permitia Ricardo ficasse sem ocupação, porque seu pai Francisco não conseguia mais sustentar o lar devido seu vício no álcool, conseguiu arrumar outro emprego de Office-boy no bairro da Mooca, época que iniciou o segundo grau técnico em química em Itaquera.

Em seu novo emprego a situação se repetia, acordava muito cedo, trabalhava o dia inteiro somente com o café da manhã e almoço, indo para a escola à noite muito faminto, pois não sobrava dinheiro para comprar um lanche antes da aula. No entanto, nem mesmo as vertigens de fome e o ronco de seu estômago tiravam sua força de vontade de aprender para que algum dia tivesse uma vida melhor do que a de seus pais.

Muitas vezes para que sobrassem alguns trocados para comer, Ricardo “varava” os muros das estações de trem para economizar o dinheiro da passagem.

No plano espiritual, obsessores implacáveis continuavam assediando Ricardo, não lhe dando paz, pois continuava a ser zombado por seus colegas de trabalho, pela sua forma cristã de

ser, casto e singelo. A pressão foi tão grande que o rapaz se viu forçado a pedir as contas e procurar outro trabalho.

No mais além, o “Estrangeiro” dava gargalhadas e dizia:

— Se depender de mim Arthur Bescherelle nunca terá paz! Ele se arrepende por ter tirado minha vida naquele tarde de 1930!

Arthur, agora Ricardo foi fazer “bicos” com um serralheiro, trabalhando em um andaime de 15 metros de altura lixando fachadas metálicas até que chegou o terceiro ano do ensino médio começou a fazer seu estágio de técnico químico em uma indústria metalúrgica no bairro do Tatuapé.

Sua tarefa na referida metalúrgica era trabalhar no tratamento de efluentes, nos banhos de galvanoplastia e retirando amostras de tubos de aço para análise no laboratório. Naquele tempo já era comum que todo estagiário enfrentasse as tarefas mais pesadas, as quais ninguém queria fazer.

Nos banhos de galvanoplastia, tinha que carregar peso enchendo os tanques com bombonas de soda caustica e ácido muriático, assim como manipular peças encharcadas de óleo mineral.

Na estação de tratamento de efluentes, além das atividades anteriormente descritas, tinha que aos sábados retirar os resíduos com uma pá e colocá-los em tambores de aço. O problema dessa tarefa é que tais resíduos cheiravam muito mal e eram semelhantes à lama de um manguezal. A família de Ricardo brincava com este dizendo:

— Há! Há! Há! Parece que você trabalha em um fedorento manguezal caçando caranguejos!

Certo dia, quando estava operando um esmeril, uma espécie de pedra rotatória utilizada para usinar pedaços de tubos,

devido ao fato da politriz (pedra abrasiva), ter passado do tempo de ser substituída, Ricardo se acidentou quase perdendo um dedo.

Entre espíritos trevosos o mais exaltado deles, o “Estrangeiro” disse na ocasião:

__ Há! Há! Há! Há! *Tu vois Arthur! Qui fait mal avec le fer, le fer va faire mal!*(do francês= Veja Arthur! Quem com ferro fere, com ferro será ferido!).

Logo após a fatídica ocorrência, Ricardo foi vítima de descaso total, tanto pelo pessoal da empresa que simplesmente o deixou sozinho na porta do hospital público, assim como pelo péssimo atendimento do hospital, permanecendo horas gemendo de dor até receber a devida sutura. Devido à demora no atendimento, Ricardo quase perdeu seu dedo que ficou infeccionado o que não ocorreu porque recebeu doação de antibióticos.

O maior desejo de Ricardo era sair daquele trabalho precário, no entanto era impedido de fazê-lo, pela sua dependência do estágio para concluir seu curso técnico e do dinheiro da bolsa auxílio para sobreviver.

Sua mãe lhe dizia:

__ Ricardo, você não pode sair de seu emprego antes de arrumar outro. Eu não tenho mais condições de sustentar você, pois seu pai gasta tudo o que ganha com a “pinga”.

Então, Ricardo continuou com suas atividades, mesmo com o dedo machucado, até que novo acidente do trabalho ocorreu. Certo dia, ao manipular uma pesada bombona de ácido sulfúrico, o perigoso conteúdo escorreu em seus braços, e pelo fato da empresa não fornecer luvas de mangas compridas, o ácido queimou Ricardo causando-lhe intensa dor.

Mais uma vez a equipe do espírito denominado “Estrangeiro” festejou a lamentável ocorrência:

– *Arthur, aujourd’hui vous avez brûlé avec l’acide, demain vous brûlerez em enfer!!!* –disse o “Estrangeiro” em francês. (Arthur, hoje você se queimou com ácido, amanhã queimará no inferno!!!).

Mais uma vez o estagiário foi vítima do descaso de seus empregadores, pois simplesmente o mandaram de volta para casa sem prestar-lhe o devido atendimento médico. Quando Ricardo chegou em casa, ao tomar banho, a carne da área afetada em seu braço que apresentava a cor verde, começou a derreter, e então, o rapaz teve que buscar o atendimento hospital. Dias seguiram com curativos doloridos até a completa cicatrização de seus braços que ficaram cheios de quelóides (cicatrizes em relevo).

Felizmente pouco tempo depois, Ricardo conseguiu um emprego melhor em uma farmácia de manipulação próxima da Avenida Paulista.

9

Casamento precoce.

Aos dezesseis anos de idade, Ricardo conheceu Sílvia, uma esforçada moça que trabalhava como Office girl no bairro da Mooca. Silvia cativou o rapaz devido sua grande simpatia, sendo sorridente, extrovertida com uma piada na boca:

– Ricardo, o amor é uma flor roxa que nasce nos corações dos trouxas! Quá, quá, quá, quá!

Ricardo sentiu-se muito atraído por Sílvia que além de alegre e trabalhadora, frequentava sua mesma igreja. Assim que Sílvia completou quinze anos de idade, começaram a namorar. Ricardo sentia algo estranho em seu relacionamento, sentia que já conhecia Sílvia há muito tempo e juntos sentiam-se bem à vontade.

Apesar de ser casto, Ricardo começou a ceder aos seus desejos e ele e Silva começaram a aprofundar seu relacionamento. O jovem casal aproveitava momentos de distrações da família da moça para gozarem de intimidade.

Esse tipo de relacionamento deixou Ricardo com grande sentimento de culpa, pois não estava sendo fiel aos ensinamentos da igreja que ordenavam a castidade até o dia do casamento.

Para piorar a situação, sua relação com seu pai piorou, pois chegou ao ponto de ter que enfrentá-lo com uma cadeira na mão dizendo:

__ Agora sou um homem, tente me enfrentar para ver!

Dias depois seus pais separaram-se e a relação de Ricardo com sua mãe começou a se complicar. Rose começou a procurar novos parceiros para lhe dar apoio financeiro com o que não concordava seu filho que tinha a sensação de que isso já ocorrera no passado e não aceitaria isso novamente. Mãe e filho passaram a discutir.

Pelo contexto em que vivia, Ricardo começou a apressar os preparativos de seu casamento. Fizeram um simples noivado e logo em seguida iniciaram-se os preparativos para o matrimônio.

Rose desde o início reprovava o relacionamento de seu filho com Sílvia por julgá-la frívola, desinibida e irresponsável. Tentou de todas as maneiras demover o rapaz para que não

cometesse a sandice de casar com tal pessoa, o que foi em vão, pois Ricardo não confiava mais em sua mãe e agia por impulso. Para complicar ainda mais a situação, Amanda e Ricardo não se davam bem por motivo de rivalidade entre irmãos. Ricardo sentia-se um verdadeiro estranho em seu lar.

Apesar de seus protestos, Rose foi ao cartório para autorizar que seu filho se casasse antes da maioridade e no dia do casamento, chegou muito triste na cerimônia e disse:

— Filho você não precisa disso, não estrague sua vida!

Tarde demais, Ricardo e Sílvia se casaram partindo felizes para sua lua de mel no litoral.

No início o jovem casal experimentou grande alegria, pois ambos queriam ser adultos e gozar de todos os prazeres da vida. No entanto, meses depois, Ricardo foi demitido da farmácia de manipulação onde trabalhava.

Logo que acabaram as parcelas do seguro desemprego, Ricardo passou a sofrer humilhações pela família de Sílvia que chamava-o de vagabundo, fato que o deixava muito magoado, porque diariamente ia procurar emprego.

Em 1996 o país passava por uma crise, com grandes índices de desemprego. Na época as empresas de São Paulo fechavam suas portas para mudarem-se para o interior e outros estados. Ricardo fazia parte do contingente de desempregados.

Graças ao auxílio dos benfeitores da Colônia Recanto de Irmãos que nunca perdiam de vista seu tutelado, Ricardo conseguiu novo emprego em uma indústria farmacêutica. Logo que passou do período de experiência, Ricardo recebeu de sua esposa a notícia que seria Pai.

Ricardo ficou inicialmente irritado, porque morava junto com sua sogra pretendendo comprar uma casa própria para viver

com Sílvia. A notícia da gravidez adiava seus projetos, então decidiu alugar um imóvel para viver.

Oito meses depois, Sílvia começou a sofrer complicações devidas à sua hipertensão o que adiantou o nascimento de Elisabeth.

No dia do nascimento de sua filha, Ricardo estava muito feliz, e ao mesmo tempo muito preocupado com o peso da responsabilidade de ser pai. Quando foi buscar a filha no hospital teve o pressentimento que já conhecia aquele pequeno ser que lhe daria muitas alegrias.

O mesmo não ocorreu com Sílvia que não tinha o menor senso de responsabilidade, pois gastava além dos recursos familiares, em sua ilusão de viver como uma rica *madame*, ostentando um estilo de vida incompatível com sua realidade.

Ricardo irritava-se cada vez mais com a situação, sendo obrigado a trabalhar cada vez mais para sustentar o lar e por ter que fazer empréstimos junto ao banco para não cair em inadimplência.

O rapaz tinha o sonho de fazer um curso superior, ganhar mais para ter um padrão de vida melhor. Então, começou a fazer cursos de informática e pretendia fazer cursos de idiomas.

No início de 1998, Amanda, irmã de Ricardo, cedeu-lhe sua vaga em um curso gratuito de francês. Ricardo muito empolgado começou o curso e prodigiosamente em apenas 35 dias já estava falando fluentemente o idioma! Aquela língua que à primeira vista era estranha, em poucos dias pareceu-lhe muito familiar, era como se já tivesse sido um francês em vidas anteriores.

Enquanto isso a relação de Ricardo com Sílvia estava cada vez mais desgastada, todas as advertências para que ela fosse

menos perdulária era inútil. Sílvia queria viver como uma *madame* francesa. Toda vez que Ricardo tirava um extrato de sua conta bancária, tinha a desagradável surpresa da conta negativa devido aos excessos da esposa.

Ricardo começou a desinteressar-se por Sílvia e começou a viver diversas relações extraconjugais, apesar de todos os avisos que os benfeitores da Colônia Recanto de Irmãos lhe enviavam em sua consciência.

Espíritos que haviam sido companheiros de farra em vida anterior e seguindo ordens de seu chefe “o Estrangeiro”, sintonizavam-se cada vez mais com Ricardo, ao ponto deste deixar de se preocupar com seu testemunho de cristão, ao ponto de beijar mulheres em público e até mesmo dentro dos ônibus.

Ricardo começou a agir como um verdadeiro *Dom Juan* que seduzia com muita facilidade as mulheres que desejava levando-as com muita facilidade para a cama.

10

Divórcio.

Apesar do trabalho intenso de Ricardo, sua situação financeira estava cada vez mais grave, seu relacionamento com Sílvia cada vez mais frio e a contenda do casal mais frequente.

Então, como solução para os problemas e devido sua afinidade com a língua francesa, Ricardo decidiu estudar para entrar em uma faculdade pública para fazer o curso de letras.

Sílvia, no entanto, já desconfiada das relações adúlteras do marido, movida pelos ciúmes se opôs à ideia do marido ingressar

na faculdade, fato que foi a gota d'água para Ricardo que tomou a extrema decisão de divorciar-se, mesmo sabendo que seria excomungado da Igreja.

Após a tomada de sua decisão, Ricardo retirou todos os seus pertences pessoais e retornou para a casa de sua mãe Rose. Na mesma semana, enfrentou o grande desafio de prestar o vestibular da FUVEST para tentar ingressar no curso de letras da Universidade de São Paulo.

Dias depois, Ricardo recebeu a boa notícia de que tinha sido aprovado. Sua alegria foi tão grande, que passou a noite em claro em comemoração. Sua única tristeza em relação ao seu desligamento de Sílvia era distância de sua filha Elisabeth que tinha apenas dois anos de idade.

Sílvia, no entanto, após muita reflexão sobre seus atos decidiu procurar Ricardo para uma reconciliação. Propôs o perdão recíproco, propôs uma tentativa de reconstruir o casamento. Porém, Ricardo se mantinha inflexível com repostas negativas dizendo a Sílvia que não lhe amava mais e que a mesma tivesse amor próprio e se conformasse com a realidade. Tudo estava acabado.

Depois da separação, Ricardo ajuizou ação de divórcio, quando um advogado chamado Dr. Josué que era espírita e por intuição da espiritualidade, este lhe apresentou o Evangelho Segundo o Espiritismo, ensinando que o divórcio não era contrário às leis divinas, pois separava o que já estava de fato separado.

Em suas conversas com Dr. Josué, Ricardo aprendera um pouco sobre o espiritismo:

— Ricardo, tudo o que acontece em sua vida é reflexo de suas experiências em vidas passadas. O fato de você ser

autodidata e ter aprendido francês em apenas 35 dias foi na verdade reminiscências de seu passado.

_Você não deve se abater por ter sido desligado da Igreja, pois Deus está acima de qualquer religião. Siga adiante, pois uma nova etapa se inicia em sua vida com o ingresso na faculdade! – disse o nobre advogado.

Novos ventos começaram a soprar sobre a vida de Ricardo que começou a frequentar as aulas da faculdade e fazer suas leituras nas obras básicas da codificação, começando pelo LIVRO DOS ESPÍRITOS de Allan Kardec. Ricardo lia com muito interesse aquelas questões e as confrontava com o que aprendia nas aulas da faculdade. Em seguida estudou o EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, O LIVRO DOS MÉDIUNS, A GÊNESES e O CÉU E O INFERNO de Kardec.

11

Reencontro.

Era o ano de 2001 de nosso Senhor Jesus Cristo.

Ricardo estava no segundo ano de seu curso de Letras Português/Francês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Para conseguir acompanhar o ritmo das aulas e a grande quantidade de monografias solicitadas, Ricardo trabalhava em meio período em uma companhia aérea fazendo atendimento em francês aos passageiros francófonos.

Após seu trabalho, dirigia-se até o campus, ficando na biblioteca e por volta das 17h30, dirigia-se até o restaurante universitário para fazer sua segunda refeição do dia após seu café da manhã feito às 08 horas.

Apesar de ainda viver em dificuldades financeira, Ricardo não desanimava e continuava sua jornada confiante em dias melhores. Aproveitava suas horas vagas para conhecer pessoas diferentes, oriundas de outros ambientes diferentes com os do passado e se relacionou com várias mulheres.

No entanto, seu destino lhe reservava uma grande surpresa. Estava prestes para se reencontrar com um grande amor de sua vida passada: Isabela Silva.

Certo dia estava caminhando próximo de onde morava, quando passou por uma linda mulher que vinha com semblante triste. Ricardo pensou – Que morena linda!

Quando, para sua surpresa, a moça lhe correspondeu o cumprimento com um sorriso. Ricardo então se dirigiu à moça:

__ Posso te conhecer?

__ Sim, me chamo Isabela e você?

__ Eu me chamo Ricardo!

Isabela fez uma cara de estranhamento, pois por coincidência seu filho de sete anos de idade também se chamava Ricardo.

O Casal esticou a conversa e resolveu sair para se conhecer melhor. Ricardo inicialmente achou que se tratava de mais um namorico, no entanto, era um relacionamento diferente, como se conhecessem de longa data.

O relacionamento ficava cada vez mais sério. Isabela costumava assistir algumas aulas na faculdade junto com seu amado Ricardo para ficarem mais tempo juntos.

No entanto, Rose, a mãe de Ricardo, não aprovava a relação porque achava o comportamento da futura nora muito despojado, muito moderno diante dos padrões morais tradicionais.

__ Ricardo você não acha estranho o modo dela se vestir com essas roupas muito decotadas, acho que não fica bem uma mulher se vestir assim... Dizia Rose.

Ricardo respondia contrariado:

__ Mãe, isso não tem nada a ver. É o jeito dela.

Então, depois de três meses de namoro, Ricardo decidiu ir morar junto com Isabela e seu filho Ricardinho.

No início, viviam muito felizes, pois apesar dos recursos escassos, ambos tinham muita vontade de vencer e conseguiram um padrão digno.

O casal se completava em tudo, na vida conjugal, no companheirismo, no diálogo, nas atividades domésticas e na economia de recursos, fato que permitiu que juntos comprassem seu primeiro carro, um Fusca 1986 em bom estado de conservação.

Além disso, Isabela iniciou seu curso de Auxiliar de Enfermagem na Vila Mariana, voltando todos os dias junto com Ricardo, ambos felizes por estudar e lutar por dias melhores.

12

Adversidades.

Enquanto isso, os antigos perseguidores espirituais de Ricardo não ficaram de braços cruzados. Começaram a planejar uma forma de separar o casal para que este não pudesse permanecer em felicidade.

A primeira medida foi incentivar Sílvia, ex-esposa de Ricardo, a tentar fazer a vida do casal um inferno. Sílvia criava diversas situações para que Ricardo e Isabela brigassem o que foi ineficaz, pois o amor que unia o casal era mais forte que suas intrigas. Então, Sílvia orientada pelos obsessores de Ricardo, mudou de estratégia e se apresentava como amiga de Isabela:

— Isabela, fique atenta com o Ricardo, pois ele pode fazer com você o mesmo que fez comigo. Ele me fez passar por muita vergonha diante das pessoas, pois se encontrava com mulheres nos lugares públicos sem se importar com quem visse. Além disso, ele era muito sovina e regulava o dinheiro, etc.

Sílvia elencou uma longa lista de seus defeitos. Isabela, que era médium, também recebia as vibrações negativas dos adversários de Ricardo, passando a nutrir desconfiança em relação ao seu amado, bem como gradativamente deixou de ser uma companheira carinhosa.

O casal passou a enfrentar suas primeiras desavenças e como consequência disto, Isabela começou a demonstrar seus distúrbios bipolares, oscilando entre a raiva explosiva e a prostração depressiva.

— Eu não confio em você! Se estiver pensando que eu sou trouxa como a Sílvia que aguentava tudo está enganado porque comigo vai ser diferente!

Ricardo, por sua vez, sentia uma grande melancolia, uma grande tristeza em seu coração. Era como se a vida insistisse em dar-lhe duros golpes. Quando tudo parecia que ia melhorar, inesperadamente algo de mal acontecia.

Refletia sobre tudo o que já havia vivido e chegava à conclusão de que nada de bom lhe acontecia se antes não passasse por duras provas. Tudo o que conquistava era com muito esforço. Ao mesmo tempo sentia-se remando contra a correnteza da vida. Sentia ainda grande saudade de um lugar que não vivera em sua vida presente, a França.

Quando pensava que tudo iria voltar à normalidade, Isabela recebeu uma intimação da Justiça para desocupar o imóvel onde morava, pois o perdera para a família de seu ex-esposo.

— Ricardo o que vamos fazer? Para onde vamos com meu filho?

Ao receber tal notícia, Ricardo entrou em desespero e de cabeça quente, assim como por falta de fé no Deus, todo-poderoso, decidiu construir nos fundos da casa de sua mãe.

Isabela relutou muito em morar próximo da sogra que não simpatizava consigo. No entanto, também estava muito preocupada e acabou concordando com o companheiro.

Espíritos benfeitores provenientes da Colônia Recanto de Irmãos tentaram a todo custo demover Ricardo da ideia de construir no quintal de sua mãe, porém, este era impermeável pela sua falta de fé e apego às coisas materiais.

O prazo para desocupação do imóvel era curto e os recursos também eram. Ricardo recorreu à ajuda de seu pai

Francisco e para isso se reaproximou deste se reconciliando de suas mágoas do passado.

Na ocasião, Francisco, devido aos sofrimentos da vida, tornara-se um homem diferente. Reduzira seu vício no álcool e se tornou um homem mais humano se compadecendo do desespero do filho. Então, passou a ajudar Ricardo na construção emergencial no quintal de Rose.

Francisco demonstrou grandeza de caráter, pois suportou com sabedoria e humildade as ofensas desferidas por sua ex-esposa Rose.

O prazo esgotou e para não serem despejados, o casal registrou seu casamento em cartório, fez um almoço de comemoração e mudou-se para o pequeno cômodo ainda sem banheiro construído por Francisco.

Não satisfeitos com todas as dificuldades do trio Ricardo, Isabela e Ricardinho, os adversários do mais além comandados pelo “Estrangeiro” prepararam uma nova investida dividida em duas frentes: desentendimentos entre Isabela e Rose e a fraqueza de Ricardo por belas damas.

Rose e Isabela começaram a travar batalhas verbais entre si. Rose não simpatizava com a nora. Isabela por sua vez, não conseguia conter-se e entrava em discussões com Rose e Amanda que se aliava à sua mãe.

Certo dia, Ricardo ao retornar do trabalho, conheceu no metrô uma bela moça e por falta de saberia começou a puxar assunto. A moça lhe correspondeu e passou-lhe o número de seu celular para quem sabe, marcarem um encontro. Ricardo por fraqueza tivera uma recaída em pensamentos adúlteros.

Os infelizes irmãos do plano espiritual por sua vez, mostraram em visão para a médium Isabela onde Ricardo havia escondido o telefone da moça do metrô. Então, para sua decepção encontrou o papel.

— Ricardo seu desgraçado! Achou que eu sou trouxa e que não descobriria suas traições! Você vai me pagar por tudo o que fez comigo!

Estava formada a contenda no quintal. De um lado Isabela brigava com Rose e Amanda, e de outro lado Isabela brigava com Ricardo.

Nessa ocasião sentimentos sombrios de mágoa, ódio e desejo de vingança brotaram no coração de Isabela. Ela mudou radicalmente seu comportamento deixando de ser uma esposa respeitadora e carinhosa.

Seguindo um impulso incontrolável de atingir o marido, Luana passou a procurar a companhia de outros homens.

Não contente com sua vingança, Isabela disse para a mãe de Ricardo:

— De seu filho quero apenas uma casa, um carro, um filho e uma pensão! Ele vai “comer o pão que o diabo amassou” em minhas mãos!

Rose entrou em desespero ao ver que seu filho viveria sem dignidade e iniciou uma investigação o passado de Isabela com pessoas que moravam próximo de seu antigo endereço e com membros da família do pai de Ricardinho, descobrindo que Luana, também tivera problemas da mesma ordem, em seu anterior casamento.

A situação no quintal ficou tão insustentável que Rose decidiu impedir que Ricardo guardasse seu carro em sua garagem como forma de fazer o casal sair.

Isabela, para complementar sua vingança, tomou a decisão de fingir perdoar o esposo e alugou uma casa para sair do quintal de sua sogra.

No entanto, Isabela impôs ao marido a seguinte condição:

— Agora você vai ter que me compensar pelo que passei na casa de sua mãe. Eu quero uma casa! Se vira!

Então, Ricardo e Isabela mudaram-se para a casa alugada em plena véspera do Natal do ano de 2003.

13

Novos rumos.

Era o ano de 2004, Ricardo enfrentava grandes desafios como superar a crise conjugal, pagar contas, continuar seu curso universitário, estudar para concursos públicos e lutar pela aquisição de uma casa própria.

Tanto foi seu empenho que começou obter destaque na empresa em que trabalhava ganhando diversos prêmios. Na faculdade estudava com muita dedicação acumulando os estudos universitários com os estudos preparatórios para os concursos públicos.

No local onde alugaram sua nova residência, tinha como vizinho um rapaz solteiro de nome Arnaldo. Mais uma vez surgiu em Ricardo a desconfiança nas intenções da esposa.

Mesmo assim, Ricardo com muita humildade e amor, passou a fazer de tudo para agradar sua esposa Isabela a quem passou a admirar cada vez mais. Sua dedicação sortiu o efeito desejado, pois sua esposa por sua vez passou a ser mais carinhosa e demonstrou ser uma companheira para qualquer luta.

No entanto Ricardo ganharia mais uma aliada para sua vida, pois, Helena no plano espiritual escolheu o jovem casal para que fossem seus pais neste mundo. Então, Isabela após uma tentativa infrutífera, conseguiu finalmente ficar grávida.

Perseverante, Ricardo lutava muito na lide cotidiana, se desdobrando para conseguir dar para sua família uma vida melhor. Passou a ser uma mais dedicado à prece, voltou a ler as obras espíritas, enfim, se esforçava para ser uma pessoa melhor.

Em meio ao seu esforço, Ricardo fez provas em vários concursos públicos, tendo em seu coração muita fé em Deus para a obtenção de um cargo público a fim de dar à sua família uma boa estabilidade material.

Meses após a inscrição e programa habitacional, o casal recebeu a abençoada notícia de que finalmente receberiam seu apartamento no mês de outubro de 2004, no bairro do Itaim Paulista, São Paulo, capital. Com muita alegria, receberam as chaves e fizeram os preparativos para a mudança de sua casa alugada para a sonhada casa própria.

Para Ricardo, Isabela e Ricardinho, 2004 foi um ano de muitas realizações.

14

Helena, uma benção.

Em abril de 2005 nasceu à esperada e amada Helena. O casal estava tão feliz que se reconciliou com Rose e Amanda, mãe e irmã de Ricardo, pois afinal, se Deus havia abençoado tanto o casal, porque não aproveitar isso para se reatar relações com a família.

Então, pela bondade divina Rose e Amanda se reaproximaram de forma que foi colocado um fim na desavença de 2003.

Isabela em um lapso de bondade disse para o marido:

__ Deus nos abençoou com nossa filha Helena e não é justo que continuemos brigados com sua mãe e sua irmã!

O perdão é um ato tão divino, que quando perdoamos a quem nos ofendeu, colocamos em nosso favor todas as boas vibrações do Universo.

Após o nascimento de Helena e a reconciliação com Rose e Amanda, Ricardo recebeu uma promoção no trabalho, passando para um cargo de liderança e para completar a sua benção, recebeu a notícia de que fora aprovado em um concurso público e que breve seria nomeado.

Desde pequena Helena dizia para o pai:

__ Papai, quando eu estava no céu eu me lembro de que estava sentada em uma cadeirinha em um lindo campo florido e de lá escolhi você e a mamãe para serem meus pais nessa vida.

Ricardo se emocionava com a declaração de sua pequena filha.

O tempo passava e o casal vivia alegremente até que no final de 2006 chegou à notícia da tão esperada nomeação de Ricardo em cargo público que possibilitaria uma melhoria financeira da família.

Então, com muita alegria Ricardo começou em suas novas atividades.

15

As lutas e o Consolador.

Insatisfeitos com as bênçãos divinas sobre a vida de Ricardo, seus opositores do passado no plano espiritual prepararam novas incursões contra seu francês desafeto.

O “Estrangeiro” ordenou aos seus estafetas:

— Agora é a vez de atacar a desequilibrada Isabelie Lagden. Vamos atingir Arthur deixando-a debilitada!

Repentinamente, Isabela apresentou problemas de saúde, sentindo tonturas, fraqueza, tremores no corpo e a desmaiar na rua. Ela sofria de síndrome do pânico.

Ricardo entrou em desespero, pois não sabia o que seria de sua vida, caso viesse a ficar viúvo. Não conseguia imaginar como cuidaria sozinho da pequena Helena.

Então, graças a boas influências dos irmãos benfeitores da Colônia Recanto de Irmãos, o casal buscou assistência espiritual

no Centro Espírita Perseverança, próximo ao bairro do Tatuapé em São Paulo.

A assistência prestada pelos abnegados benfeitores da equipe socorrista de Dr. Bezerra de Menezes sortiu bom efeito em Isabela que pouco a pouco encontrou seu equilíbrio deixando de tomar seus remédios de “tarja preta”, contra a depressão e síndrome do pânico.

No entanto, o maior feito da espiritualidade no Centro Espírita Perseverança foi levar o casal Ricardo e Isabela a tomarem o hábito salutar de frequentar a casa espírita e fazer o evangelho do lar aprendido no final da assistência espiritual do centro espírita.

Logo em seguida, Ricardo conheceu uma casa espírita perto de sua residência chamada, A Caminho da Luz, a qual passou a frequentar juntamente com Isabela.

Ricardo se interessava cada vez mais pela Doutrina Espírita e passou a frequentar os cursos da casa. Novas ideias começaram a ventilar sua mente ainda muito ligada às coisas materiais da vida. Após a leitura do livro *Nosso Lar*, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier, teve o interesse de se engajar nos trabalhos voluntários da casa.

A alegria voltou a imperar no lar de Isabela e Ricardo que juntos curtiam a pequena Helena que crescia e ficava cada vez mais inteligente. Ao mesmo tempo, Ricardo participava cada vez mais nos trabalhos do Núcleo de Amparo e Assistência Espiritual Dr. Bezerra – A Caminho da Luz do Itaim paulista.

Depois de conquistar a simpatia e confiança da equipe do centro espírita, Ricardo recebeu o convite para auxiliar na musicoterapia de casa espírita, coligada ao Caminho da Luz no Jardim das Oliveiras, Itaim Paulista, São Paulo. Ricardo ficou muito

feliz ao ter a oportunidade de tocar louvores ao Criador com seu violão e ajudar na doação de fluídos aos assistidos da Casa.

Ricardo gostava de tocar e cantar a canção *Eu Vou Seguir Cantando*:

*Parece um sonho que veio a mim,
Viver a vida assim como ela é,
Livre das forças da solidão,
Vou me soltando e mostrando a minha fé!
Querendo mais a cada passo,
Me sinto no espaço aonde estiver!*

*Eu vou seguir cantando, eu vou seguir amando,
Eu vou seguir, distribuindo a vida aonde quer que eu vá!*

Ricardo se esforçava cada vez mais em sua reforma íntima, trabalhando, lutando e amando sua família.

Entretanto, devido ao fato de vivermos em um mundo de provas e expiações, como nos ensinou o professor Allan Kardec, ainda não temos como viver em plena felicidade sem antes resgatarmos nossos débitos do passado. Por isso Jesus nos ensinou – *Reconcilia-te com teu irmão enquanto estiver em seu caminho!*

Embora nesta vida, Ricardo fizesse seu melhor em prol de sua evolução espiritual, em vida anterior agia diversamente da moral cristão. Por isso, desafetos do plano extrafísico sob a direção do “estrangeiro” não estavam contentes com a reforma íntima de Ricardo. Queriam vingança, queriam sua derrota. Então, lançaram mão de mais uma rodada de investidas contra o antigo francês e sua família, promovendo a discórdia do casal por motivos fúteis.

A situação foi piorando, Isabela começou a ser induzida pelos irmãos vingadores do plano espiritual a ir para eventos onde imperava o gosto pela dança e bebidas. Ricardo para não ficar sozinho e parecer um esposo “careta” começou a participar de tais confraternizações de amigos.

Além disso, Isabela começou a mostrar interesse por um rapaz da academia, de forma que, certa vez, Ricardo se deparou com Isabela se encostando a esse rapaz beijando-o.

Nesse momento, Ricardo movido pela culpa que carregava pelo episódio de 2004 quando pegou o número de telefone de uma moça pretendendo sair com esta, resolveu perdoar o ocorrido.

Ao mesmo tempo, Isabela voltou a manifestar novos desequilíbrios mediúnicos, dando passividade a irmãos vingativos durante as noites em sua cama. Ricardo, orava, pedia auxílio ao mais alto, no entanto não conseguia que tais manifestações cessassem em seu lar. Diversos comunicantes compareciam e o insultavam, dizendo que queriam destruí-lo.

16

Recordações forçadas.

Apesar das visitas indesejáveis, Ricardo aprendera que devemos tratar com respeito os espíritos comunicantes. Também aprendera no centro espírita que o local correto para o socorro a entidades desequilibradas é a casa espírita e não a residência do espírita.

No entanto, em seu íntimo Ricardo discordava de tal afirmação, pois aprendeu no livro *Nosso Lar* que “*Quando o servidor está pronto, o serviço aparece*”, então, pesava consigo:

__Se Deus permite que esses irmãos venham conversar comigo em meu lar, devo aproveitar a oportunidade para tratá-los com respeito, ouvir o que eles têm a dizer e pedir perdão pelas minhas ofensas...

Por várias noites, o “Estrangeiro” revoltado com Ricardo se apresentava usando o aparelho mediúnico de Isabela:

_ Você vai me pagar! Vou destruir você da mesma forma que você me destruiu! Você acha que vai sair impune depois de tudo o que fez? Está muito enganado. Não adianta rezar, pois você é imundo!

Ricardo tentava conversar com muita paciência:

_ Irmão, me perdoe em nome de Jesus! Não me lembro mais o que te fiz, então não perca mais seu tempo precioso lutando com este que vos fala. Eu estou aprendendo com a vida e pretendo um dia reparar todo o mal que fiz. Aproveite também para seguir sua caminhada rumo à Luz!

Várias vezes, espíritos de mulheres utilizavam o aparelho mediúnico de Isabela e vinham assediar Ricardo durante o descanso noturno:

— Não se lembra de mim? Nós fazíamos amor loucamente horas e horas! Vim para matar minha saudade, Arthur!

Ricardo ficava muito perturbado, pois era muito estranho ver sua esposa lhe procurando como se fosse outra mulher.

Certo dia, Isabela entrou em um processo anímico, no qual ela fizera uma regressão da vida presente até a vida passada:

— Me vejo quando era criança brincando na escola. Agora me vejo no colo de minha mãe na forma de um bebê e observo que ela está nervosa e sem paciência comigo!

Isabela continuou sua regressão em seu processo anímico no qual o médium, ao invés de dar comunicação a um espírito, traz suas próprias histórias, seus próprios sentimentos:

— Agora eu vejo um lindo lugar, como é lindo e maravilhoso! Está cheio de flores de vários tipos e cores! Que perfume gostoso! Vejo também homens de branco cuidado de pessoas que estão sobre macas, eles estão aplicando passes sobre essas pessoas, quanta luz!

O processo regressivo continuou:

— Estranho! Sei que sou eu mesma, porém minha aparência é diferente, ao invés de mulata de cabelos pretos e ligeiramente ondulados, me vejo morena muito clara, com olhos castanhos claros e cabelo preto bem liso. Meu nome é Isabelie Lagden!

— Também te vejo Ricardo, no entanto te vejo com o rosto mais fino, cabelos iguais ao teu castanho claro, com uma barba

rala e olhos azuis, diferentes dos teus olhos cor de mel. Seu nome é Arthur Bescherelle! Isso mesmo, você é o francês Arthur!

__ Vejo também meu filho Ricardo, mas ele também é seu filho e por coincidência seu nome também é Arthur, Arthur Figlio! Como as histórias se repetem!

A partir de então, em outras noites a comunicações anímicas seguiram com mais revelações que se completavam com sonhos que Ricardo passara a ter durante as noites, acordando muito atordoado com tudo:

__ Você me matou infeliz. Eu estava internada em um hospício vivendo muito nervosa porque você abandonou-me e também abandonou *notre petit fils Arthur!* (do Francês: nosso pequeno filho Arthur). Senti uma grande dor no peito e de repente me vi fora do corpo! Então com muita raiva me juntei com outros que te odiavam e começamos a te perturbar. E continuou dizendo:

__ Se você me matar de novo Arthur não pense que vai continuar impune! Vou te atormentar até que não suportes mais a vida! Você vai se destruir sozinho! Você vai se matar!

As revelações continuavam:

__ Maldito! Você me pegava à força em cima da maca do hospital em que eu trabalhava! Você me forçou a casar contigo sob chantagem para que eu não tivesse minha honra manchada perante minha família e sociedade! Você só quis meu dinheiro! Nunca me amou de verdade! Agora você vai me devolver centavo por centavo! Não te darei paz nesta vida!

Ricardo ficou chocado com tais revelações, pois nesta vida foi uma pessoa honesta, batalhadora, que passou fome para chegar até onde chegou. Nunca se imaginara dessa forma, como um homem cafajeste, que abusava de mulheres pelo interesse no vil metal! Gostava sim de viver ao lado de uma bela mulher, mas

pelo prazer de compartilhar sua companhia e nunca com interesses materiais.

Ricardo passou dias taciturno, triste e deprimido. Não conseguia parar de pensar um só minuto nesta triste história de seu passado.

Nessas ocasiões ele aproveitava para fazer o *Evangelho no Lar* que é uma prática muito salutar por atrair a presença de espíritos benfeitores em sua residência. A realização do evangelho consiste em uma pequena reunião familiar, no qual fazemos uma prece inicial, a leitura de um trecho do evangelho seguida por seu comentário e termina com uma prece com vibrações pelos necessitados, assim como pela proteção aos entes queridos.

Nessas ocasiões Ricardo ficava intrigado com uma determinada passagem do *Evangelho Segundo o Espiritismo* de Allan Kardec que ele abria várias vezes durante seu *Evangelho no Lar*. Tratava-se do Capítulo XII – Amai os vossos inimigos – Item 11 – Instruções dos Espíritos:

O DUELO

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida uma viagem que o há de conduzir a determinado ponto, pouco caso faz das asperezas da jornada e não deixa que seus passos se desviem do caminho reto. Com o olhar constantemente dirigido para o termo a alcançar, nada lhe importa que as urzes e os espinhos ameacem produzir-lhe arranhaduras; umas e outros lhe roçam a epiderme, sem o ferirem, nem impedirem de prosseguir na caminhada. Expor seus dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provações da vida, é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se não fôsseis, como sois, iludidos pelos vossos prejuízos, tal

coisa seria ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio em duelo; a vossa própria legislação o reconhece. Ninguém tem o direito, em caso algum, de atentar contra a vida de seu semelhante: é um crime aos olhos de Deus, que vos traçou a linha de conduta que tendes de seguir. Nisso, mais do que em qualquer outra circunstância, sois juízes em causa própria. Lembrai-vos de que somente vos será perdoado, conforme perdoardes; pelo perdão vos acercais da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto na Terra correr uma gota de sangue humano, vertida pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda se não terá implantado aí, reino de paz e de amor, que há de banir para sempre do vosso planeta a animosidade, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo somente existirá na vossa linguagem como longínqua e vaga recordação de um passado que se foi. Nenhum outro antagonismo existirá entre os homens, afóra a nobre rivalidade do bem. - Adolfo, bispo de Argel. (Marmande, 1861.)

Ricardo ficava muito confuso ao ler esse trecho do evangelho que aparecia diversas vezes quando abria o livro ao acaso. O ponto que mais o confundia era a questão do duelo, pois nunca gostou de desafiar seus desafetos em palavras, muito menos em brigas.

O tempo passava e Ricardo continuava recebendo visitas de seus desafetos em seu lar, através da mediunidade de Isabela, fato que lhe causava sofrimento. Ele não sofria apenas pelas informações recebidas por meio de Isabela, sofria também por suas reminiscências e sonhos desse passado sombrio que gostaria muito de esquecer.

No entanto, se não lhe foi concedida a benção do esquecimento, era porque a lembrança lhe seria como um remédio muito amargo, mas eficaz para sua cura. Para que o velho

alpinista social Arthur Bescherelle se transformasse em um novo Ricardo Felício, um cristão espírita!

17

Desequilíbrios no lar.

As noites perturbadas continuavam. O Casal começou a se desentender por motivos fúteis. Ricardo vivia triste e de cabeça muito quente com a situação, fato que lhe fez perder oito quilos de peso.

O refúgio para Ricardo era o trabalho voluntário no centro espírita Caminho da Luz onde começou a fazer vários tratamentos de assistência espiritual para afastar de seu lar as negativas influências.

Na ocasião, na Casa Espírita do Jardim das Oliveiras, entrou pela primeira vez uma bela dama chamada Cibele, amiga de infância de um trabalhador da casa, Roberto. Como era necessário fazer uma entrevista no início do atendimento fraterno, Roberto então disse a Ricardo:

— Ricardo quero te apresentar minha amiga de longa data, Cibele. Como somos amigos não me sinto a vontade para fazer a entrevista. Você pode fazer a entrevista?

Então Ricardo aquiesceu e se dirigiu ao local apropriado para conversar com a simpática Cibele. Durante a entrevista, Ricardo percebeu que Cibele estava passando por problema parecido com o seu: separação. Porém, Cibele, já tinha se separado

de seu marido e estava enfrentando os desafios do recomeço. Ricardo então, se viu na posição de servidor do Mestre Jesus para aconselhar Cibele conselhos que serviam para ele mesmo. Desde então, surgiu entre eles grande simpatia e Cibele passou a sentar-se nas cadeiras da frente, próximo do local onde Ricardo tocava seu violão cantando louvores.

Certa vez um benfeitor espiritual lhe disse na casa espírita:

__ Pare de ficar assumindo culpa o tempo inteiro. Culpa é coisa para fracos e derrotados. Levante sua cabeça e continue sua caminhada! Faça o bem, seja uma pessoa melhor e tudo seguirá bem! Confie em Deus!

As lutas e as desavenças no lar pioravam cada vez mais. Ricardo desesperava-se ante a ideia de um segundo divórcio. Um companheiro da casa espírita disse-lhe:

__ Ricardo, continue firme! A cabeça de Isabela está igual ao líquido agitado por um liquidificador. Continue firme estudando o Espiritismo e trabalhando. Comece a orar para estes irmãos que visitam seu lar, com toda a sinceridade, para que estes te perdoem e recebam o auxílio da equipe socorrista do plano espiritual. O liquidificador já foi desligado. Agora basta ter paciência até o líquido parar de girar!

Assim Ricardo procedeu, com paciência, humildade, fazendo suas preces e o imprescindível Evangelho no Lar.

Além de seu amigo Wilson do centro espírita, Ricardo tinha muita amizade com o novo esposo de sua ex-esposa Sílvia. Tinha muita afinidade com Valter parecendo que já se conheciam de longa data.

Valter, também é médium e por isso Ricardo gostava de contar as experiências mediúnicas que ocorriam em seu lar e através da mediunidade deste, mais informações chegavam:

— Ricardo, sinto que a história é verídica e digo mais, sinto que Isabela, ou seja, Isabelie Lagden era minha irmã na existência passada na Itália. Nós vivíamos em família muito abastada e éramos autoridades em nossa cidade. Vejo a imagem de Isabelie, também vejo a imagem de Arthur que era meu amigo!

Valter prosseguiu:

— Vejo-me brigando com minha irmã Isabelie que me acusava de irresponsável e que dissipava o dinheiro de nossos pais!

— Vejo também sua briga com Sílvia da época, Madeleine, a qual era sua mulher porque você havia confiado nela e esta não lhe correspondeu às expectativas.

Ricardo continuava ouvindo atento às revelações de Valter:

— Agora vejo você se interessando por minha irmã Isabelie e vocês decidiram se casar!

Valter continuou seu processo anímico-regressivo ainda mais para o passado:

— Vejo uma construção muito antiga feita de pedras, madeiras e chão rústico. Vejo minha mãe Francisca cuidando de mim criança e também você criança, vejo que somos irmãos. Enquanto nossa mãe Francisca costurava nós brincávamos de capa e espada. Eu brincava que era um rei e você gostava de ser o cavaleiro, o soldado! Depois vejo a existência anterior, minha mãe desta vida, Francisca, cuidando de mim e também de Isabela, digo, Isabelie Lagden. Agora a escuto me chamando – Venha aqui meu filho Alexander!

Ao ouvir tais revelações, Ricardo ficava mais confortado, pois isso confirmava o que ouvira em casa, assim como suas reminiscências.

Graças à bondade divina e a atuação dos benfeitores da Colônia Recanto de Irmãos, após três meses de lutas, o casal se reconciliou e a vida seguiu seu rumo. Terminava-se o ano de 2008.

18

A criação do Portal Luz Espírita.

No início de 2008, Ricardo destacava-se como dedicado trabalhador a Casa Espírita A Caminho da Luz.

Em companhia do dirigente Wilson, trocava muitas ideias sobre o Espiritismo, e juntos refletiam sobre a necessidade de renovação do Movimento Espírita. Falavam sobre o problema dos espíritas puritanos que ficavam paralisados em Kardec e não aceitavam novas ideias, novos trabalhadores que dessem continuidade à obra do Codificador.

Segundo os amigos Wilson e Ricardo, para ser espírita não devemos deixar de ser quem somos repentinamente, devemos sim fazer nossa reforma íntima. No entanto, não devemos fazê-la com sacrifício inútil, com violência para si mesmo. O espírita tem direito de ser feliz, de ter amigos, de se divertir de vez em quando. O espírita não deve ter vergonha de tentar coisas novas!

Wilson era um verdadeiro incentivador de novos trabalhadores na casa espírita, por inspiração dos benfeitores espirituais, começou a incentivar Ricardo a escrever temas interessantes ao movimento espírita.

Constituiu-se naquela época de difíceis provas, como mentor de Ricardo para as atividades espíritas. Certa vez, Wilson disse-lhe:

__ Breve você desenvolverá uma mediunidade intuitiva na qual você dará oportunidade para seus espíritos amigos trazerem suas mensagens. E digo mais:

__ Breve você psicografará direto no teclado do computador as ideias vindas do mais além!

Os trabalhos no Caminho da Luz continuavam até que em determinado dia, Lopes, um iniciante na Doutrina Espírita, fez uma confidência para Ricardo:

__ Amigo Ricardo, eu tenho uma ideia que gostaria de compartilhar contigo. Saber sua opinião e caso você goste, gostaria que você passasse para a direção da casa para que esta adote nossa ideia.

Lopes prosseguiu:

__ Pretendo fazer um site, que será inicialmente o site oficial do Núcleo de Amparo e Assistência Espiritual Dr. Bezerra de Menezes – A Caminho da Luz, um site voltado inicialmente para estudo do Espiritismo e que depois terá novas atividades. Inicialmente gostaria de criar uma biblioteca online, um curso de espiritismo online e um painel online para que o movimento espírita troque informações salutares sobre eventos e confraternizações. O que você acha da ideia?

Ricardo respondeu muito empolgado:

__ Lopes, sua ideia é excelente! Pode contar comigo para ser seu colaborador neste projeto! Com todo prazer passarei a ideia

aos dirigentes da casa! Amigo, este trabalho é inovador e certamente terá bons resultados!

Lopes e Ricardo nem suspeitavam que na verdade a criação do Portal Luz Espírita era um projeto antigo o qual ambos tinham participado de sua elaboração durante suas incursões noturnas enquanto seus corpos físicos repousavam dormindo.

Eles não imaginavam que uma equipe de benfeitores coordenada pelo espírito César Hanzi contavam com eles para dar início em um importante projeto de divulgação do espiritismo que estava engavetado nos arquivos da colônia por muito tempo.

O trabalho começou em 1º de março de 2008 com o apoio do dirigente Wilson. Então, alguns voluntários se apresentaram para iniciar a monitoria do curso *Espiritismo online*, dentre eles, Ricardo inscreveu-se como monitor voluntário, assim como passou a escrever vários artigos e livros sobre os mais variados temas de interesse do movimento espírita. Estudos e livros os quais eram disponibilizados gratuitamente para download na seção *Sala de Leitura* do site www.luzespírita.org.br.

O Portal Luz espírita foi ganhando publicidade e importância, de modo que passou a ser relevante site do movimento espírita. Vários voluntários foram se apresentando, o atendimento foi ampliando-se até que um deles, Miguel, passou a exercer o importante papel de médium da equipe Luz Espírita.

Então, durante uma reunião mediúnica na casa de Lopes, finalmente o porta-voz da Colônia Recanto de Irmãos, César Hanzi se apresenta com a seguinte mensagem que foi publicada no Portal Luz Espírita:

SERVIR

Servir, sem querer ser servido.

Amar, sem querer ser amado.

Viver, para melhor entender a vida.

Adquirir conhecimento para melhor discernir o certo do errado.

Olhar para o próximo e nos enxergarmos.

Ser mais amigo para dispormos de mais oportunidades para fazer o bem.

Aproximar pessoas comuns.

Olhar e não só desejar, mas contribuir para a construção de um mundo melhor.

Dividir melhor nosso tempo, para que nenhuma área de nossa vida sinta nossa falta.

Há tempo para fazer o bem ao próximo tal qual há tempo de fazermos o bem a nós mesmos.

E a melhor forma de fazermos isso é cuidando daquilo que Deus nos confiou.

Cuidemos de nosso trabalho;

Cuidemos de nossos amigos;

Cuidemos de nosso lar;

Cuidemos uns dos outros,

Com a devida preocupação de que não estamos dando maior importância a um do que a outro.

Hanzi

Hanzi não se apresentou para a equipe envolvida do projeto do Portal Luz Espírita como um mentor.

Desde o início solicitou que os participante das reuniões se despissem de todo tratamento formal, pois afinal, ele já se tornara um amigo da Equipe Luz de Espírita desde o tempo em que viveram juntos na Colônia Recanto de Irmãos.

O porta-voz da Colônia passou a se comunicar frequentemente com a equipe Luz Espírita e em certa reunião deixou uma bela mensagem de incentivo aos trabalhos do site:

MISSÃO DO ESPIRITISMO E DO ESPÍRITA

A missão do Espiritismo não é de ser a religião do futuro, é a de espiritualizar o ser. No entanto, o mal manipula as boas coisas em nosso interesse pessoal.

Felizmente, existem mais pessoas interessadas no caminho de Deus do que no mal.

Por que tanto mal na Terra?

Pela omissão dos bons e ênfase demasiada dos meios de comunicação na maldade.

Enfatizamos a maldade para ofuscar nossos defeitos: Esse é o alerta do Espiritismo para que conheçamos nossos males antes de apontar os erros do próximo.

Não há limites para a comunicação, a internet chegou por meio da destruição da guerra, hoje é levada para levar amor e sabedoria dos planos espirituais.

A missão do verdadeiro espírita transcende isso, este tem a responsabilidade de levar conhecimento àquele que ainda não o tem. Seremos cobrados por isso.

Desejamos que todos tenham no Espiritismo a certeza da Justiça e da Bondade de Deus (que não é punitivo). Deus sempre nos dará a oportunidade do recomeço tendo paciência com nossas imperfeições.

O Espírita de Hoje não pode se comportar como um fanático religioso preso dentro do Centro Espírita escondendo seus conhecimentos entre quatro paredes.

Nosso Senhor Jesus nos ensinou: “não coloque a candeia em baixo do alqueire”.

O trabalho foi sendo executado de modo que o projeto Luz Espírita seguia a metodologia de ação dos irmãos da Colônia Recanto de Irmãos, especialmente pelo fato da equipe acreditar na dinâmica da comunicação virtual via internet, sem as amarras burocráticas de uma instituição física.

Tal projeto não foi simplesmente um encontro de encarnados, que *inventaram* um centro espírita online, com Espíritos que nele atuassem, mas sim a observância de uma minuciosa elaboração de muitos, dentro do plano reencarnatório de seus envolvidos que ao *descerem à carne*, manteriam concórdia e parceria com os confrades que ficariam no plano espiritual para dar o amparo espiritual ao projeto.

Lopes, Miguel e Ricardo se faziam a mesma pergunta:

__ Como poderia nossa programação reencarnatória supor que fizéssemos trabalhos que envolvessem uma tecnologia que não existia quando nascemos, ou seja, a internet?

A resposta foi dada por Hanzi ao longo do desenvolvimento dos trabalhos:

__ Vossos planos para a aventura terrena não pré-determinaram os mínimos detalhes, como fosse um script a ser lido e executado tal como um software. Os amigos fizeram vossas preparações reencarnatórias na Colônia Recanto de Irmãos e firmaram conosco o compromisso de serem ferramentas para o

trabalho de evangelização cristã, sendo qual fosse uma roça a ser encarada. Nossa Colônia tem um papel de vanguarda no emprego das tecnologias da informação e já esperávamos que breve essa tecnologia chegaria aos encarnados.

Em certa ocasião César Hanzi explicou para a equipe da Fraternidade Luz Espírita:

— Não foi por acaso que o laboratório de nossa colônia recebe o epíteto de *Bauhaus*, cujo verbete, do idioma alemão, nos diz algo do tipo "casa construída", ou "casa da construção". É uma clara alusão à famosa escola alemã de design, pioneiríssima em frentes modernistas nas áreas de arquitetura, artesanato e das artes em geral, fundada por Walter Gropius em 1919, e, infelizmente, devastada pelo nazismo, nos anos trinta do século passado. A inspiração é mais do que válida, pois, ao quebrar tabus e paradigmas, o seu trabalho tem erguido então um novo padrão – ou derrubado todos os padrões.

Gradativamente, a equipe compreendia o sentido do projeto Luz Espírita que já havia se constituído em uma verdadeira Casa Espírita Virtual.

Pela psicofonia de Miguel o porta-voz Hanzi não estava sozinho. César Hanzi tornou-se o intérprete de um colegiado, que mais tarde estaria acessível para a equipe envolvida, colegiado este formado pelos espíritos Irmã Margarida, Afonso e Laerte, dentre outros.

19

A luta continua!

As lutas da vida cotidiana continuavam, Ricardo resolveu colaborar em uma nova casa espírita chamada Associação Beneficente Casa Amiga, também no bairro do Itaim Paulista, São Paulo.

Na Casa Amiga Ricardo iniciou um curso de Educação Mediúnica e propôs à diretoria da casa a implantação dos trabalhos de musicoterapia, nos mesmos moldes em que trabalhava na outra casa.

A proposta foi aceita e então, Ricardo iniciou seu projeto, cantando e tocando violões nos trabalhos de segunda-feira que consiste em explanação do evangelho e aplicação de passes.

Uma das canções que o pessoal da Casa Amiga gostava de cantar é *Senhor fazei de mim um instrumento de sua paz*:

*Onde há dúvida que eu leve a fé.
Onde há discórdia que eu leve a união.
Onde há erro que eu leve a verdade.
Onde há desespero que eu leve a esperança.
Onde há trevas que eu leve a luz.
Onde há tristeza que eu leve a alegria.*

Senhor, fazei de mim um instrumento de sua paz. 4x

*Oh! Mestre, que eu não busque tanto.
Ser consolado, mas consolar.
Ser compreendido, mas compreender.
Ser amado, mas amar.*

*Porque é dando que se recebe.
Esquecendo que se encontra.
Perdoando que se encontra o perdão.
Morrendo que se vive para a vida eterna!*

Senhor, fazei de mim um instrumento de sua paz. 4x

Para alegria do casal Ricardo e Isabela, em meados de 2010, conseguiram adquirir um segundo imóvel situado no município vizinho, Guarulhos. Compraram um lindo sobrado e em pouco tempo fizeram as reformas necessárias para sua mudança. Em setembro de 2010, mudaram-se para nova residência muito felizes e gratos a Deus por mais essa conquista.

Embora tenham se mudado para Guarulhos, Ricardo e Isabela continuaram a frequentar a Casa Amiga, pois como o seu próprio nome diz, trata-se de um centro espírita no qual as pessoas realmente são amigas.

O curso de Educação Mediúnica de Ricardo seguia muito bem. No início, este achava que não possuía nenhuma faculdade mediúnica, depois, começou a sentir os primeiros indícios de sua mediunidade de psicografia, escrevendo pequenas mensagens enviadas do mais além.

No entanto, em abril de 2011, a felicidade do casal começou a ruir, pois Francisco, pai de Ricardo adoeceu sendo vítima de AVC e devido a desavenças entre os parentes de Ricardo, os conflitos iniciaram novamente entre o casal.

Os espíritos que ainda reclamavam o passado infeliz de Arthur Bescherelle, o atual Ricardo Felício, começaram a se manifestar novamente pela mediunidade de Isabela usando a tática de mostrar falsas imagens de traições que supostamente Ricardo estaria fazendo:

— Seu imundo, não adianta lutar, agora vamos destruir sua vida. Você vai cair numa cama igual a seu pai. Vamos tirar Isabela de você!

Para agravar ainda mais a situação, trabalhava em uma grande obra em frente da residência de Ricardo, um engenheiro chamado Valério, rapaz de 26 anos vindo de família da classe média alta. Isabela, então, iniciou amizade com o referido senhor, passando a se confidenciar sobre seus problemas conjugais.

Isabela falava de Valério o tempo todo, o que deixava Ricardo muito irritado porque novamente desconfiava das intenções de sua esposa.

20

Segunda Separação.

O assédio da equipe do “estrangeiro” prosseguia.

Ricardo, por sua vez permanecia firme em sua fé e sentiu de fazer assistência espiritual no Centro Espírita Perseverança, recordando-se que em 2007 tal assistência foi muito salutar.

Mesmo assim, a tristeza invadia seu coração, porque se sentia injustiçado pelas acusações sofridas de ser adúltero, justamente no momento do auge de sua reforma íntima. Ricardo não era o mesmo homem do passado que desrespeitava o sentimento de suas companheiras. Ricardo era um homem

renovado e engajado na seara espírita. Ricardo Felício tornara-se um homem fiel à sua esposa.

Quanto mais recebia o assédio dos irmãos cobradores do passado, mas orava, pedia perdão e buscava auxílio do mais alto. Após o tratamento do Centro Espírita Perseverança, Ricardo prosseguiu fazendo assistência espiritual na Casa Amiga quando em determinada reunião mediúnica um irmão revoltado se manifestou:

__ Não adianta me trazerem à força aqui! Não vou desistir de minha vingança. Vou destruir Isabela porque ela já fez isso comigo no passado!

Outro irmão deu comunicação:

__ Eu também fui vítima dela! Vou destruí-la mandando a para o manicômio. Minha primeira ação será afastar esse que compartilha sua existência com ela, pois sua luz atrapalha meus projetos!

Desvelado trabalhador da casa tentou com muito amor e paciência doutrinar esses irmãos revoltados. No entanto, ainda não era o momento e as dívidas com estes eram muito grandes.

Mesmo assim, Ricardo não desanimava e prosseguia fazendo seu evangelho no lar, preces e dialogando com Isabela. De outro lado, os irmãos vingadores prosseguiram provendo o desequilíbrio de Isabela que oscilava em dias que vivia bem com o marido, mas em outros sequer suportava sua presença. Quando Ricardo chegava perto de si, sua pele tremia, a ira tomava conta e transbordava em impropérios contra o marido.

Em 04 de janeiro de 2012, aniversário de Ricardo, após passeio em família no litoral, Isabela toma a decisão de dizer para seu marido:

— Quero que você saia de casa, pois não suporto mais sua presença. Quem sabe eu me acalmo daqui uns dias, e quando eu não sentir mais nenhuma raiva poderemos recomeçar.

Muito triste saiu Ricardo de sua casa e instalou-se no antigo apartamento da família em Itaim Paulista. Acreditava que sua estadia longe dos seus seria breve. No entanto, o tempo passava e toda vez que buscava reconciliação com sua amada esposa, somente recebia respostas negativas como:

— Jamais voltarei a viver com você! Você feriu muito meus sentimentos! Não te amo mais!

O desespero tomava conta de Ricardo até que uma bela noite estrelada pensou em praticar o suicídio, sendo socorrido pela equipe socorrista de César Hanzi da Colônia Recanto de Irmãos, que o demoveu da infeliz ideia.

* * *

Após isso, como se o filme que se projetava em sua memória terminasse, Ricardo desperta de sua viagem no tempo, como quem desperta assustado e suando frio após um terrível pesadelo.

Ricardo se levanta do sofá, toma um banho, faz um lanche, liga seu net book e começa a escrever a primeira parte de seu livro que ficou pronta em poucas semanas.

Enquanto redigia seu livro autobiográfico, Ricardo com ajuda do médium Miguel começou a fazer reuniões quinzenais com Cesar Hanzi em sua casa a fim de levantar mais informações sobre seu passado.

Após ouvir as instruções de Hanzi pergunta Ricardo com o coração cheio de dúvidas acerca de fidelidade conjugal de sua esposa:

__ Amigo Hanzi, me fale sobre o perfil de Isabela?

Como ainda não era o momento de Ricardo saber de toda a verdade o benfeitor respondeu com sabedoria:

__ A construção da personagem em dédalo profundo, ora dócil, ora rebelde, típico de Adolescente, comportamento bipolar, mas que revela somente a insegurança que o espírito tem, uns mais, outros menos, que há de revelar a Arthur ensinamento singelo, porém de grande valia. Em resumo, colocando na balança a doçura e a rebeldia, a doçura sempre fará mais efeito e a rebeldia sempre contará com a ajuda de todos que a rodeiam.

Ricardo engajou-se na redação de seu livro e prosseguiu com suas reuniões quinzenais que além do médium Miguel contava com vários amigos de Ricardo, como Roberto, Wilson, Sérgio, Cibele e Alexandre.

Durante tais reuniões, Ricardo tomava atentamente nota de todos os pormenores fornecidos pelo amigo do mais além, em conversa informal na qual fazia diversas questões para confirmar o que já sabia de seu longínquo passado na França da *Belle Époque*.

Ricardo prosseguia escrevendo...

Segunda Parte

Vida Passada (França)

1

Paris, 16/01/1910.

No início do século XX a França estava em plena *Belle Époque*, período de grande crescimento político, econômico e cultural, contanto com a melhor tecnologia existente como uma extensa rede ferroviária, telefone, telégrafo sem fio, bem como grande industrialização.



(Paris em 1910)

Era vigente a Terceira República (1870 – 1940) tendo como primeiro mandatário o presidente Armand Fallières (1841 – 1931), cujo mandato durou entre 1906 e 1913. A França também dispunha de grande extensão de domínios coloniais como Marrocos, Tunísia, Madagascar, grandes áreas da África Ocidental e equatorial, bem como Vietnam e Guiana Francesa. Para defender seus interesses comerciais e coloniais, o país estava em plena corrida armamentista concorrendo com os Alemães e Italianos.

Em 16 de Janeiro de 1910, por volta do meio-dia, em Paris, a cidade luz, uma influente família de banqueiros estava ansiosa pelo novo membro que viria ao mundo.

Alfred Bescherelle não se continha com tanta alegria e distribuía charutos cubanos aos seus amigos mais próximos, em especial aos parceiros de negócios da família Bouchère. Então, em meio a tanta euforia, Amélie Bescherelle dá a luz ao menino Arthur Bescherelle. Logo após a esperada notícia, a família brinda com alegria bebendo o melhor Champagne francês.



(Ponte Alexandre III em 16/01/1910 data de nascimento de Arthur Bescherelle – Céus nublados antes da grande enchente)

Tudo ia muito bem à pujante cidade que era chamada de cidade luz não apenas pelo seu moderno sistema de iluminação elétrica, mas porque a cidade reunia os melhores expoentes das ciências, artes e filosofia, no entanto, dois dias depois, em 18 de janeiro o céu escureceu assustadoramente e uma grande chuva torrencial atingiu toda a região.



(La Crue de Paris – 1910)

O nível do rio Sena subiu oito metros e meio, inundando grande parte da cidade de Paris e arredores. Era *La Crue de Paris*, a maior enchente que a cidade sofrera desde 1658.



(Avenida Champs-élysées cheia em 1910)

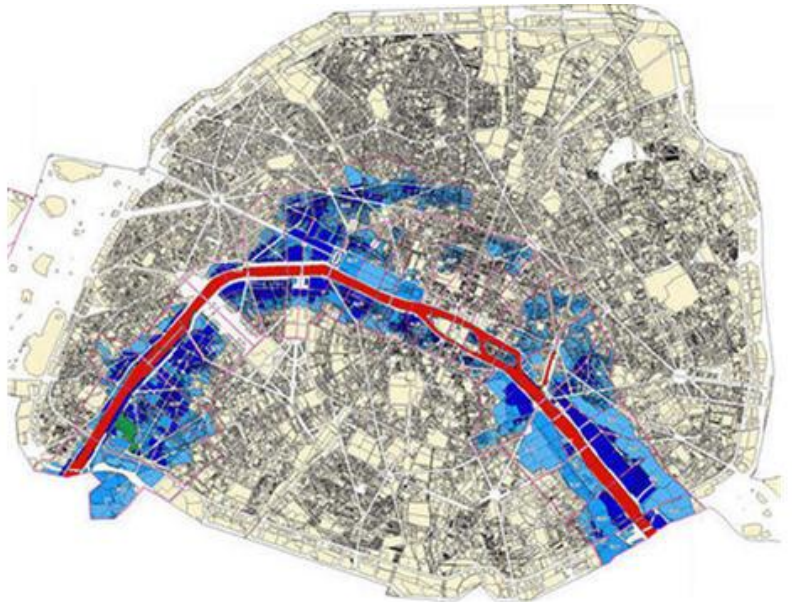
A cidade luz não só foi inundada, mas mergulhou em trevas paralisando-se completamente. Serviços de eletricidade, água, coleta de lixo e transporte foram interrompidos. Paris era considerada a cidade com a melhor infraestrutura na época,

contando com cinco linhas de metrô em operação e ampliação, bem como uma extensa malha ferroviária que ligava o país inteiro e a outros países da Europa.



(Ponte Alexandre III – Com o nível das águas do Rio Sena 8 metros acima do normal)

Os transportes fluviais também interrompidos em virtude da grande correnteza que dominava o rio Sena. Barcaças e barcos ficaram presos entre as duas principais pontes por mais de um mês. Enquanto isso, a propagação da água lamacenta ao longo dos 12 *arrondissements* (bairros) fazia Paris semelhante à Veneza.



(La Crue de Paris- 1910 – Mapa das áreas afetadas)

Tal tragédia natural era fruto da grande atividade industrial da região que já começava naquela época a colocar em risco o equilíbrio ecológico. A natureza dava suas primeiras respostas à ganância humana.



(Rua de Bourgoigne)

A popularidade do governo Armand Fallières foi colocada em risco, forçando-o a tomar medidas emergenciais para atender a população atingida. Foi a primeira vez que o governo se importou com a desgraça da população, pois até então era cada um por si e Deus para todos. O governo federal destacou grande mobilização contanto com o efetivo da policia, bombeiros e militares, assim como providenciou atendimento aos 200.000 desabrigados e distribuiu desinfetante, pois a memória da epidemia de cólera de 1886 era muito forte.

Oficialmente foi noticiada apenas uma morte, um jovem que tinha feito um barco se afogou sendo varrido pelas águas, mas infelizmente outras pessoas morreram. Dentre elas, o funcionário público **Antoine Henry**, que dedicou sua vida trabalhando como maquinista de trem no metrô de Paris. Antoine estava conduzindo uma locomotiva dentro dos túneis do metrô quando forte correnteza inundou os trilhos e arrastaram os vagões do trem sem tempo hábil para o maquinista escapar. Antoine deixou grande família aflita e órfã, pois foi dado como desaparecido, como forma demagoga de manipulação política perante a população revoltada.

O declínio das águas começou em 28 de janeiro e a reconstrução da cidade demandou meses trazendo prejuízos em

número atuais de 1,6 bilhão de euros ao país, pois Paris era responsável pela produção de cerca de 25% da riqueza nacional.

Não apenas o governo mobilizou-se para atender aos atingidos pela *Crue*. Vários cidadãos também cederam espaço em suas casas para receber os desabrigados, dentre esses voluntários, a família Bescherelle por situar-se em local mais elevado e não ter sido atingida diretamente pela cheia, atendeu amigos que moravam em áreas mais baixas da cidade. As grandes tragédias naturais servem como oportunidade para que as pessoas exerçam a caridade e fraternidade, minorando a dor dos aflitos.

2

A infância do *petit garçon*.

O *petit* Arthur teve uma infância típica de um garoto rico. Era cuidado pela governanta da casa para que sua mãe Amélie Bescherelle pudesse se ocupar com os assuntos sociais. O garoto fazia tudo o que lhe vinha na mente e ninguém o reprimia. Para ele a governanta da casa era mais do que sua mãe, pois era a única pessoa que se importava realmente com ele em sua casa.

Sua brincadeira predileta era “capa e espada”, na qual o pequeno francês se imaginava um Dartagnan, um grande mosqueteiro que vencida todos os seus inimigos. Também gostava de ser o “Cavalheiro da Tabula Redonda”, o Rei Arthur, como todos o chamavam. Além disso, Arthur gostava muito de passear ao longo do rio Sena e ficava observando as pequenas embarcações que iam e vinham pelo seu curso. Ele podia dar-se ao luxo de fazer tudo o que lhe viesse à cabeça por ser um garoto “*gaté*”, ou seja, mimado.

O pequeno Arthur gostava de passear sobre a ponte Alexandre III onde gostava de cantar uma cantiga do século XVIII chamada *Sur le pont d'Avignon* (Sobre a ponte de Avignon):

*Sur le pont d'Avignon,
On y danse, on y danse
Sur le pont d'Avignon,
on y danse, tout en rond.*

*Les bell's dam's font comm' ça,
Et puis encor' comm' ça.*

*Les beaux messieurs font comm' ça
Et puis encor' comm' ça.*

*Les cordonniers font comm' ça
Et puis encor' comm' ça.*

*Les blanchisseuses font comm' ça,
Et puis encor' comm' ça.*

*Sobre a ponte de Avignon,
Nós dançamos, nós dançamos
Sobre a ponte de Avignon
Lá dançamos em ciranda.*

*As belas damas fazem dessa forma (tiram o chapéu),
E em seguida dessa forma...*

*Os belos senhores fazem dessa forma (tiram o chapéu),
E em seguida dessa forma...*

*Os sapateiros fazem dessa forma (tiram o chapéu),
E em seguida dessa forma...*

*As lavadoras fazem dessa forma (tiram o chapéu),
E em seguida dessa forma...*

No entanto, faltava ao pequeno Bescherelle o amor de seus pais, pois seu pai Alfred era um ocupado homem de negócios que vivia viajando para cuidar dos assuntos de sua casa bancária. Como forma de ocupar o tempo do infante, seus pais o colocaram em um colégio interno como era o costume das famílias mais abastadas.

Arthur era desde criança, mais exaltado que os meninos de sua idade e desde sempre demonstrou grande desenvoltura intelectual. Foi um aluno muito dedicado que agradava aos seus preceptores.

Seus colegas de colégio interno, também oriundos de famílias ricas disputavam entre si quem tinha o pai mais rico:

__ Meu pai é dono de uma grande usina siderúrgica no vale do Rhône! Dizia um aluno.

__ E daí? O meu pai é mais importante, pois é dono de uma mina de carvão em Alsace que fornece carvão para produzir aço em diversas usinas siderúrgicas. Dizia outro aluno.

__ Os pais de vocês não podem fazer nada se meu pai que é banqueiro não financiar suas atividades. Então, meu pai é mais importante que os seus pais! Falava no final o pequeno e arrogante Arthur Bescherelle.

No entanto, o talento intelectual de Arthur não era admirado pelos pais que entendiam que ser inteligente é dever daquele que herdaria todos os bens da família Bescherelle.

O herdeiro da família Bescherelle foi mantido no colégio interno até os 15 anos de idade. Quando pensava que poderia então contar com a presença de seus pais, assim que completou 16 anos sofreu com a morte precoce de seu pai Alfred.

Com a morte de seu pai, Arthur viu-se forçado a passar diretamente da infância para a vida adulta, pois teve que começar a cuidar de si próprio. Os negócios da família começaram a declinar e para não cair na miséria, Amélie Bescherelle teve que contrair novo matrimônio, sem ao menos guardar o luto de seu falecido esposo.

Arthur muito temperamental, não concordou com a escolha de sua mãe e passou a se desentender frequentemente com ela:

— Não aceito que outro homem venha ocupar o lugar do meu pai e queira mandar em tudo. Agora o homem da casa sou eu! – dizia Arthur.

Tais conflitos familiares tornaram o coração dele duro, e com a perda do pai e dinheiro, entregou-se à vida nos salões da sociedade parisiense como forma de tentar buscar alternativas para não perder sua posição social.

3

Difícil adolescência.

Ao frequentar a vida social, Arthur por ser um belo jovem, loiro, de olhos azuis, barba aparada, cabelos sedosos e bom condicionamento físico, chamava muito a atenção das mulheres.

Além disso, ele tinha grande inteligência e poder de persuasão, cujos atributos aliados ao seu “sex appeal”, eram utilizados para atrair as mulheres que desejava, juntamente com os bens dessas.

Arthur Bescherelle se dedicava ao sexo desregrado e aviltante a exemplo, das prostitutas. Entregava-se na cama de mulheres vaidosas e ricas a troco de seu pobre dinheiro. Começou arregimentar grande covil de inimigos, pois massacrou muitas mulheres que reclamavam um homem compreensivo, carinhoso.

O espírito que renasce belo na carne deve usar essa beleza não só como atrativo do sexo oposto, como também tem a grande responsabilidade de atrair a simpatia de todos.

Como exemplo, podemos citar Jesus, que entre seu povo foi um homem muito belo. Ao ver Jesus em tamanha beleza era possível se apegar a ele por essa beleza, para então, ser fascinado por sua palavra edificante.

Infelizmente Arthur não fazia bom uso de seus dotes físico e intelectuais, pois calculava friamente seus movimentos visando apenas sua segurança financeira, sem a menor preocupação com a religião ou ética.

Era uma sociedade de pensamento materialista. Aqueles que detinham hábitos espiritualistas e elevados eram excluídos.

Um adolescente dificilmente suportaria essa forte influência, e não foi diferente com Arthur Bescherelle.

A Revolução Francesa, cultura materialista e riqueza intelectual eram muito fortes na ideologia do povo francês e por sua vez, essa herança revolucionária muito contribuiu para sua evolução. Primeiramente desenvolvemos as questões cognitivas e intelectuais, para depois desenvolvermos os atributos do espírito.

Além de frequentar os salões da sociedade parisiense, Arthur começou a ser assíduo em famosos prostíbulos, dentre eles o da Madame Veronique, um dos mais famosos da cidade.

O jovem francês estudou até os 18 anos de idade quando se casou. Teve boas instruções acadêmicas, mas não chegou a ter uma formação específica.

No entanto, dado a sua capacidade autodidata, Arthur ministrava aulas entre seus 16 e 18 anos, bem como fazia algumas traduções do inglês e alemão.

4

Os duelos.

Ao completar 18 anos de idade, Arthur casou-se com Madeleine Bouchère, filha de rica família de banqueiros que mantinham negócios com a família Bescherelle.

Madeleine era uma moça muito eufórica e desejosa dos afazeres matrimoniais. Como dote, entregou boa parte da herança de seus pais nas mãos de Arthur.

Entretanto, como Bescherelle se entregava a longas viagens a pretexto de negócios, alegando ir administrar os bens da família, este se encontrava com as mulheres da taberna, tendo preferência pelas moças da famosa casa da Madame Veronique.

Logo, essas aventuras começaram a perturbar Madeleine Bouchère que decidiu pagar na mesma moeda, se entregando ao mesmo desvario, chegando ao ponto de colocar outros homens em casa. Ela fazia questão de não esconder isso a fim de humilhar o marido.

Fato este que levou Arthur a participar de seu primeiro duelo enfrentando um senhor com cerca de 32 anos de idade chamado Pierre Legrand que fora o primeiro amante de Madeleine Bouchère. Legrand era o padeiro do bairro que instigava os fetiches da frívola francesa.

Na época os duelos não eram mais feitos com espada, a modernidade impunha o uso de pistolas, de modo que para vencer o duelo era necessário ser rápido no gatilho.

No entanto, Arthur era exímio esgrimista e tinha grande habilidade com a espada. Sua tática consistia em dar uma espada ao seu oponente ao invés de usar uma pistola:

__ Legrand, tome essa espada! Vamos ver se você tem outra habilidade além de amassar a massa de pão e as mulheres dos outros! Berrou Arthur irônico e com a face muito vermelha.

Pierre Legrand não logrou dar dois passos antes de ser perfurado pelo seu oponente.

O lamentável homicídio não intimidou Madeleine que continuou sendo adúltera para preencher sua existência vazia.

Enquanto Arthur fazia suas viagens de negócio, Madeleine começou um novo *affaire* com o desavisado Antoine Demarre, 35 anos, que acabara de herdar um importante teatro em Paris.

Ao retornar de sua viagem, Arthur desconfiou do comportamento de sua esposa e certa feita, disfarçou-se com um capuz e seguiu Madeleine pelas ruas de Paris até que a viu entrar pelos fundos do teatro.

Intrépido, Bescherelle adentrou o recinto, encontrou o adúltero casal fornicando atrás das cortinas do palco e disse:

__ *Ma chérie* (Minha querida) Madeleine agora sua comédia vai virar uma tragédia!

Arthur que trazia junto à sua cintura duas espadas de esgrima sacou uma delas e a jogou ao seu oponente que acabava de vestir suas roupas e disse:

__ Qual o nome que devo escrever em sua lápide?

__ Antoine Demarre! Não pense que irás me vencer, pois eu também estudei esgrima na juventude e mesmo sem treinar eu não estou enferrujado! – Respondeu o oponente.

O duelo começa em cima do palco do teatro e a única testemunha era a desesperada Madeleine Bouchère que ficou paralisada diante da luta de espada que durou apenas cinco minutos. Tudo ocorreu muito rápido e o duelo terminou com o dono do local tendo sua garganta atravessada pela espada de Arthur.

O fato rendeu as primeiras páginas do jornal que noticiou um crime que ficou sem solução. Madeleine guardou segredo da ocorrência por temer sua vida e porque não houve nenhuma outra pessoa que presenciou tal fato ocorrido em um dia de folga dos trabalhadores do teatro.

Madeleine inconformada com mais uma morte jurou se vingar de Arthur traindo-o novamente de forma que ele ficasse envergonhado na cidade.

Uma legião de espíritos menos esclarecidos começou a habitar a residência do casal cujo relacionamento se tornou tão conturbado que não chegaram a ter filhos.

Os famigerados duelos tornaram Arthur mais confiante e tal fato repetiu-se chegando ao número de três duelos. Era muito difícil para os benfeitores do mais além alcançar Bescherelle, pois este era atraído apenas por suas próprias ideias materialistas.

O terceiro integrante foi o mais complicado, pois como repetição Arthur deixou-se novamente levar-se pela ira pelo mesmo espírito.

Era um senhor mais velho que havendo praticado fornicação com Madeleine, não só a tomou na cama de Arthur, como a tratou como meretriz. Arthur sentindo-se ofendido duas vezes considerou que não podia deixar aquilo acontecer.

O senhor tinha 52 anos, idade para ser seu pai, e ao ver aquele homem, Arthur sentiu raiva e ódio que não era somente daquela vida.

Era ódio anterior que até então parecia adormecido:

__ Malditos vocês vão me pagar por me fazer passar por essa infâmia! Madeleine pegue suas coisas e volte para a casa de seus pais. Você irá passar pelo escárnio de ser uma mulher separada que foi devolvida pelo marido por infidelidade! – Esbravejou Arthur.

__ Qual foi o seu nome senhor? Pergunta Arthur ao cúmplice de Madeleine.

__ François Dupont! Agora chegou minha hora de concluir minha vingança contra você Rubem! - Respondeu François a Arthur sem saber que estava dando passividade mediúnica para os espíritos vingadores que lhe acompanhavam.

François era o nome da terceira vítima, que em outra vida também havia duelado com Arthur, morrera pelas mãos do bom espadachim que Arthur, na época Rubem, fora em vida anterior.

Rubem tendo tomado sua vida, levou para si sua esposa, seu dinheiro, e levou François, que usava o mesmo nome na época, mesmo liberto da carne a guardar grande sentimento de raiva por aquele que tirou sua vida.

A meta existencial de François passou ser a vingança de seu assassino e usurpador passando a fazer disso seu plano reencarnatório com a colaboração de espíritos de esfera não elevada. Plano este que foi executado por amigos menos evoluídos que com seu tosco entendimento de justiça, ajudaram François em sua vingança.

__ “Aquele que com ferro fere, com ferro será ferido” – Diziam tais espíritos que usavam de forma desvirtuada os

ensinamentos de Jesus que considerava como maior amor o exercício do perdão.

E foi assim que François renasceu como se o único objetivo de sua existência fosse ceifar a vida daquele que também ceifou a sua.

François reencarnou enquanto Rubem desencarnou e voltava ao plano espiritual, para se preparar para mais um estágio de mais crescimento na Terra. Infelizmente, Rubem na roupagem de Arthur novamente declinou diante das provas e voltou enfrentar François sua vítima mais tenaz que até pouco tempo tinha lhe perseguido como espírito obsessor no plano espiritual.

Voltando ao fatídico dia no ano de 1933, o jovem Arthur Bescherelle de 23 anos de idade enfrentava seu oponente François Dupont de 52 anos dizendo:

— O Senhor tinha que se envergonhar de tudo o que fez, pois tem idade para ser meu pai! Como pode fazer isso? Como pode me desonrar dessa forma fazendo minha mulher de prostituta?

— Isso é pouco perto do que você merece. Agora não adianta jogar uma espada em minhas mãos achando que vou cair no seu truque. Comigo vai ser diferente, pois sou um esgrimista profissional! – Disse François com um sorriso irônico.

Arthur suava frio, pois pela primeira vez encontrou um oponente à sua altura. Seu coração batia fortemente, sua respiração era ofegante e a adrenalina corria em seu corpo.

Benfeitores espirituais em tarefa de emergência envolveram Arthur enviando-lhe pensamentos para que perdoassem os atos de François.

Bescherelle, no entanto, não deu ouvido aos benfeitores espirituais, antes ele optou por duelar com este para lavar sua honra que na verdade era puro orgulho.

A batalha durou cerca de trinta minutos. Em alguns momentos François tomava vantagem sobre Arthur que em outros momentos tomava vantagem até que o jovem esgrimista conseguiu vencer pelo cansaço do adversário.

— *Touché!* – Disse finalmente Arthur atravessando o coração de François Dupont.

Com François foi a mais dolorosa e laboriosa dívida que Arthur fez em duas passagens terrenas, revestidas e repletas por diversos tropeços.

Depois dos duelos, Arthur passou a sofrer a ação de seus novos inimigos do mais além. Devido sua mediunidade desequilibrada, apresentava distúrbios de comportamento como síndrome do pânico e transtorno bipolar. Em certos momentos Arthur ficava muito dócil e feliz, em outros explodia em raiva como uma erupção vulcânica.

François ao voltar ao plano espiritual arregimentou para si grande legião de espíritos afins, adotou a alcunha de “Estrangeiro” em sua sanha por vingança e se tornou obsessivo de Arthur.

Contudo, a obsessão não é punição divina. Ela constitui-se de mérito do próprio espírito. Sendo mais meritório aquele que sabe não afastar o obsessivo, mas aproximar-se de seu coração do mesmo modo que Jesus fez, com ajuda do plano espiritual.

Quando fazemos a tarefa do bem não estamos nos tornando invisíveis a aqueles que nos querem mal. Na verdade, estamos nos tornando admiráveis pela verdade em nossos corações. E por essa verdade os perseguidores que querem fazer justiça com as próprias mãos entendem que também somos seres

carecidos e doentes como eles, mas buscando viver sob a luz de Deus.

Por isso que os mais obstinados no mal se inclinam diante dessa verdade por mais maldosos que sejam e passam a respeitar a vontade de Deus e nesse momento, se abrem para os conselhos e orientações que serão o conforto do obsidiado e juntos, obsessores e obsidiados farão a descoberta de si mesmos como seres celestiais.

O refúgio para Bescherelle passou a ser a casa de Madame Veronique onde não apenas se divertia com belas damas, mas também conquistou a especial amizade da proprietária da casa.

Veronique era a conselheira de Arthur, e ao contrário das outras mulheres daquele ambiente, Arthur Bescherelle não buscava nela os prazeres do sexo, antes buscava a oferta de abraço verdadeiro, de amiga, de irmã, e era nela que ele de forma saudosista buscava o colo de sua mãe.

Era possível para Bescherelle passar de duas a três noites trancado no quarto com Veronique a conversar, a fazer de sua vida algo com mais sentido que as futilidades da mesma.

Por incrível que pareça, apesar de sua profissão criticada, Veronique pregava a moral cristã a Arthur. Ironicamente era ela a única que tocou verdadeiramente sua alma.

A situação ficou tão insustentável que após cinco anos de casamento, Arthur resolveu se divorciar de Madeleine Bouchère seguindo os conselhos de Veronique que não queria que este se envolvesse em mais duelos.

Depois de separado, Arthur prosseguiu em sua escalada social, frequentando os salões em busca de outra mulher bem situada socialmente a fim de saciar-se de dinheiro e sexo. No

entanto, Arthur já não era mais o mesmo adolescente de 18 anos, começando a sofrer com sua consciência que começava lhe cobrar pelos atos impensados.

5

A Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Guerra Mundial foi um grande conflito militar que envolveu a maioria dos países do mundo e teve como principais participantes todas as grandes potências da época.



Nesse conflito os países participantes se organizaram em duas alianças militares opostas: os Aliados e o Eixo. A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito militar da história e sem dúvida o mais sangrento, pois além de mobilizar 100 milhões de militares, tal estado de “guerra total” empregou toda a capacidade econômica, industrial e científica.

O conflito se iniciou em 1º de Setembro de 1930 com a invasão da Polônia pela Alemanha Nazista de Hitler que ao mesmo tempo declarou guerra contra França e aos países do Império Britânico.



No entanto, na época alguns países já estavam em guerra como Etiópia e o Reino da Itália, bem como China e Japão. Os alemães iniciaram a guerra com o sentimento de revanche contra os franceses que lhe impuseram humilhante derrota no final da Primeira Guerra Mundial com o Tratado de Versailles, e ao mesmo tempo tinham grande rivalidade industrial com os ingleses.

Hitler não iniciou a guerra sozinho, seus ideais nacionalistas fascistas encontraram grandes aliados na Itália, cujo líder Mussolini compartilhava das mesmas ambições do líder alemão. Hitler também se aliou inicialmente à União Soviética e pouco mais tarde com o Japão formando então um grupo de países chamado de Eixo.



(Hitler e Mussolini em 1939)

A França, país vitorioso na Primeira Guerra Mundial, se alinhou com os países Aliados e em 03 de setembro de 1939 em resposta ao desrespeito dos alemães pelo Tratado de Versailles e invasão da Polônia, declarou guerra contra a Alemanha e Itália.



(Soldados Franceses na Itália)

Foi uma época de grande tensão e agitação na Europa. A França começou a mobilizar sua propaganda cívica para alistar o maior número de soldados para evitar possível invasão nazista e deter o avanço de Hitler que pretendia invadir a região francesa de Alsace (Alsácia), região rica em carvão mineral matéria prima essencial da indústria do aço.

Arthur Bescherelle, embora pouco mais velho do que a idade daqueles que seriam obrigados a se alistar, apresentou-se voluntariamente no serviço militar a fim de ajudar a França. Não que Bescherelle fosse um patriota como a maioria das pessoas. Ele se alistou pelo desejo de morrer e pela graça divina lhe faltava coragem para o suicídio.

A guerra seria ótima desculpa para o suicídio indireto de Arthur que pretendia morrer como um herói e ganhar medalhas. Ele queria morrer por sua consciência pesada, pois as vítimas dos duelos lhe assombravam em sonhos. Bescherelle tinha distúrbios mediúnicos.

François, ou seja, o “Estrangeiro”, disse aos seus espíritos subordinados:

__ Vamos levar Arthur para a morte na guerra, e caso ele sobreviva às metralhadoras, terminará seus dias no manicômio! Há! Há! Há!

O pelotão de Arthur foi designado para servir no front da Itália e dirigiu-se para Verona, importante cidade do norte italiano que foi durante muito tempo importante ducado italiano e cenário da famosa peça de Shakespeare, Romeu e Julieta. A cidade era grande fornecedora de mármore e tinha importante setor vitivinícola com grandes propriedades produtoras de vinho.



(Verona – Itália em 1955)

Apesar de seu desejo mórbido de abraçar a morte na guerra, Arthur nunca atuou diretamente no front. Em razão de seu intelecto ele não recebia tal permissão de seus superiores, sendo destacado para trabalhar nos bastidores como auxiliar dos oficiais nos trabalhos de inteligência e logística.



(Verona)

Arthur sentia-se muito frustrado por isso. Não lhe era permitido ir para o front e nas muitas vezes em que teve de passar pelo fogo cruzado, ajoelhava-se rogando a Deus para não morrer, um início de transformação em um homem que nunca fora dado à prece:

__ Senhor! Tenha misericórdia, me livre da morte!

Tudo isso quase o colocou em estágio de loucura e depressão, começando a fazer de Arthur um homem mais humano, mais dado aos sentimentos. Porque a frustração e o desespero são sentimentos que por deixar o homem apavorado e com medo, o fazia buscar algo melhor. Isso o fazia menos materialista e egoísta.

No entanto, naquele momento Bescherelle ainda não tinha condições para atingir o sublime.

6

Alexander Lagden.

Apesar do conflito entre os soldados franceses e italianos, Arthur bescherelle aproveitava os momentos de folga do batalhão para visitar as tavernas de Verona em busca de um pouco de diversão.



(Verona)

Numa dessas ocasiões, enquanto estava bebendo e paquerando belas ragazzas, um simpático italiano se apresenta à Bescherelle:

- *Buonanotte! Sono Alexander Lagden. Qual è Il tuo nome?*
(Boa Noite! Sou Alexander Lagden. Qual é o teu nome?)

Diante de simpática apresentação Arthur ensaiou algumas palavras em italiano:

- *Buonanotte! Il mio nome è Bescherelle, Arthur Bescherelle. Piacere di conoscerti!* (Boa Noite! Meu nome é Bescherelle, Arthur Bescherelle. Prazer em conhecê-lo!)

Rapidamente os dois rapazes se tornaram grandes amigos e passaram a beber o bom vinho da região, acompanhado de deliciosa *pizza* de *muzzarella*. Começaram a discorrer sobre diversos assuntos em comum, como a vida boêmia, bebidas, mulheres e diversão.

Apesar de serem de países inimigos, ambos partilhavam de filosofia parecida. Alexander incentivou Arthur a buscar um novo sentido na guerra, falou sobre a importância de lutar pelo país:

__ *Bescherelle*, a nossa pátria é a nossa segunda mãe, pois ela nos oferece o amparo e alimento necessário à vida. Da mesma forma que não devemos permitir que desrespeitem nossa mãe, devemos também proteger nossa pátria de invasores que visam tirar nossas terras, liberdade e alegria.

_ Arthur! – prosseguia Alexander – A melhor forma de defesa é o ataque. Em breve o Eixo vai atacar as principais potências aliadas como forma de defender nossos interesses. O primeiro alvo será seu país, à França, depois bombardearemos Londres e por fim atacaremos a Rússia.

Tal discurso causava estranhamento a *Bescherelle* que vendo um inimigo em potencial falando francamente dos objetivos da guerra, mesmo que isso prejudicasse seu país, se afinizou com este, que em vida anterior fora seu irmão.

Logo depois, Alexander confiando no soldado francês apresentou sua irmã, *Isabelie Lagden*:

__ Arthur esta é minha irmã *Isabelie*!

__ *Je suis enchanté de vous connaître!* O que no bom italiano quer dizer *Piacere di conoscerti!* (Prazer em conhecê-la). Arthur se apresenta para *Isabelie*.

__ O prazer é todo meu. Respondeu Isabelie que começou a se interessar pelo francês.

Isabelie Lagden, irmã do gentil italiano era uma mulher à frente de seu tempo, pois embora jovem, era psiquiatra conceituada em Verona.

Entretanto, Alexander desconhecia o interesse materialista de Arthur que já tinha conhecimento das riquezas da importante família viticultora que possuía imensas propriedades que produziam uns dos melhores vinhos da Itália.

Arthur fora convidado pelos patronos da família Lagden para um jantar. Roberto Lagden e Esmeralda Lagden, pais de Alexandre, desde o primeiro momento se simpatizaram com o jovem francês e passaram a tratá-lo como um membro da família.

Bescherelle era um galã e atraía a atenção das mulheres, e Alexander aproveitando-se da companhia do francês, mostrou as suas inferioridades, pois também era boêmio, gostava da vida noturna, mas escondido de sua família:

__ Arthur! Vamos aproveitar *la dolce vita!*(do italiano- a doce vida).

__ *Oui, mon chère! On y va!* (do francês – sim, meu querido, vamos) – respondia Arthur.

A presença de Bescherelle fora oportuna para Alexander manter suas aventuras em segredo, pois um mau espírito reconhece suas afinidades com outro mau espírito, da mesma forma que os bons reconhecem as virtudes dos outros.

No entanto, Isabelie logo percebeu o comportamento perdulário e dissoluto do irmão e começou a se desentender com Alexander:

— Seu irresponsável! Você quer envergonhar nossa família! Não permitirei isso, pois se eu perceber qualquer deslize de sua parte contarei tudo a nosso pai que irá lhe deserdar!

Contudo, Alexander não dava importância às reprovações de sua irmã, pois ganhara um irmão que lhe apoiava em suas incursões noturnas na cidade de Verona.

7

Fatídico dia.

Certo dia coincidiu que Arthur e Alexander estavam em folga de seus respectivos batalhões. Bescherelle com grande simpatia e persuasão cativava as pessoas, Alexander também tinha esse mesmo perfil.

Os dois conversavam em local longe dos acampamentos dos exércitos inimigos para evitar o risco de serem descobertos e serem condenados ao fuzilamento por traição às suas pátrias.

— Arthur! Como foi divertida nossa noite na taverna da *Signora* Olga. Você viu aquelas novas *ragazzas* que chegaram! – disse Alexander

— Sim Alexander. Na verdade foram elas que nos viram. Você não percebeu como elas se derreteram por nós! – Respondeu Arthur.

— Há! Há! Há! Há! Gargalharam ambos os fanfarrões.

De repente os amigos perceberam a chegada de soldados franceses com fuzis em mãos. Então, como previamente

combinado em casos de emergência, Arthur fingiu ter Alexander como seu refém, colocando-o à frente para falsear e salvar o amigo naquele momento tenso:

— *Compagnions, ne vous inquiétez pas puis le soldat italien est mon prisonnier!* (do francês: Companheiros, não se preocupem, pois o soldado italiano é meu prisioneiro!) – Gritou Bescherelle.

Contudo, por desespero e falta de preparo emocional, os soldados franceses começaram a atirar indistintamente.

Então, Alexander ao perceber que ambos morreriam decidiu tomar uma heróica atitude: a de sacrificar-se para salvar a vida do amigo.

Alexander permaneceu na frente de Arthur de forma que seu corpo serviu de escudo humano para Bescherelle.

Naquele momento, para salvar sua própria pele e não ser levado à corte marcial por traição, Arthur deu suas costas para o corpo de Alexander Lagden e seguiu com seus companheiros franceses.

— *Heureusement nous arrivons à temps de vous sauver, Bescherelle!* (do francês: Felizmente nos chegamos a tempo para te salvar Bescherelle) – Diziam os soldados franceses que acreditaram na farsa de Arthur.

No entanto, era lá atrás que ficava o verdadeiro amigo, o grande laço que tivera na Terra, seu melhor amigo. Tudo isso pesava na alma de Arthur Bescherelle, pois não podia expressar sua afeição pelo italiano.

Alexander por sua vez, recém liberto do corpo, continuou a ver Arthur com bons olhos, porque se sentiu honrado por ter salvado o amigo e considerava a morte como uma libertação.

Graças à bondade divina uma equipe socorrista da Colônia Recanto de Irmãos vinda do Brasil estava presente para socorrer vítimas da guerra.

Pelo seu bom coração e nobreza de caráter, Alexander Lagden foi prontamente socorrido pela equipe chefiada por Laerte que lhe disse:

__ Lagden, quando começamos a encarar a morte como libertação do espírito enclausurado, não mais a temeremos e buscaremos viver as obrigações na Terra com honra.

Laerte, o diretor da colônia espiritual continuou suas orientações ao recém egresso ao plano espiritual:

__ Alexander, sua vida não terminou, pelo contrário, agora é que ela começa aqui no mundo maior. Sua missão será acompanhar e auxiliar seus entes queridos e seu amigo Arthur. Minha amiga Lia recomendou que ajudássemos esse francês que vive na ilusão da matéria.

__ Sim benfeitor amigo, com a ajuda de Nosso Senhor Jesus Cristo irei colaborar com este honrado trabalho.

Depois disso, Alexander após ter passado por rápida recuperação no hospital de campanha montado pela Colônia Recanto de Irmãos em Verona, passou a integrar as equipes socorristas.

Poucos dias depois da morte de Alexander, em 14 de junho de 1940, Hitler invade a França impondo-lhe humilhante derrota de forma que em 24 de junho de 1940, o país assina armistício com a Itália e inicia-se o regime de Vichy com Marechal Pétain como líder.



(Ilustração de Hitler e seus comandantes)

Com a capitulação francesa, o batalhão onde Arthur servia foi dissolvido e o jovem francês por cautela decidiu permanecer na Itália, pois seus compatriotas começaram a viver difíceis tempos de privações de conforto e liberdade.

Por questões de sobrevivência, o regime de Vichy decidiu aliar-se aos nazistas e a Igreja Católica Romana a partir da *L'entrevue de Montoire* entre Hitler e Pétain em 24 de outubro de 1940.



(Tropas Nazistas diante o Arco do Triunfo em Paris 1940)

Depois de 1942 o regime de Vichy passou a lutar ao lado da Alemanha. No entanto, Arthur decidiu pedir baixa no exército e permanecer exilado em Verona, pelo menos até o final da guerra.

08

O Segundo Casamento.

A morte de Alexander provocou grande abalo na família Lagden, pois além da perda de seu ente querido perdiam a esperança em seu primogênito que seria o continuador do clã produtor de vinho de Verona.

Tal morte era vista entre os familiares como uma infelicidade, de uma tentativa heróica de salvar Arthur. Então, como compensação pela perda do jovem filho, Roberto e Esmeralda Lagden transformaram Arthur Bescherelle como um filho, pelo fato de ter sido o melhor amigo de Alexander.

— Arthur nós te consideramos como um filho que Deus nos deu para superar a perda de nosso Alexander. Diziam Roberto e Esmeralda Lagden.

Arthur já tinha amizade com Isabelie que o correspondia. Em pouco tempo tal amizade evoluiu para um relacionamento sério, então, Arthur pediu as mãos de Isabelie Lagden em casamento, não por amor, mas sim pelo desejo de receber seu rico dote.

Por ser um homem muito egoísta, Arthur decidiu envidar todos os esforços para interromper a promissora carreira da psiquiatra italiana como forma de manipulação para enriquecer.

— Isabelie, você é uma dama da alta sociedade e deveria viver apenas para atender aos compromissos sociais dos Lagden, para me acompanhar nos jantares de negócio que irei promover para melhorar a venda de nossos vinhos! Dizia o empreendedor Arthur.

— *Amore mio*, eu pensarei em seu pedido. No momento eu prefiro continuar tratando de meus pacientes.

Em pouco tempo fizeram todos os preparativos e a importante família veronesa promoveu faustoso casamento.

Isabelie Lagden por sua vez, era uma mulher extremamente temperamental o que causava exaustão no ambiente residencial.

Arthur era um homem de cultura, frequentava os salões da alta sociedade, ouvia a boa música e conversava com intelectuais.

Sua esposa, ao contrário, dada às futilidades de mulher, não se sentia à vontade nos meios de Arthur, pois as mulheres que os frequentavam eram cultas e inteligentíssimas. Isso cansava

Isabelie que ao regresso para o conforto de sua casa, despejava toda a sua indignação sobre o marido:

— Não suporto aquela gente arrogante e afetada. Não gosto de ficar falando com aquelas mulheres que pensam que sabem tudo! Eu preferia ficar em casa a ficar te acompanhando nesses eventos!

Diante sua insatisfação, Isabelie não demorou para perceber que Arthur flertava com uma ou duas mulheres daquele ambiente:

— Arthur! Você pensa que sou burra e não percebo como aquelas mulheres olham para você! Para piorar vejo que você gosta disso e dá toda sua atenção para elas.

Certa vez, embriagada Isabelie levantou-se no meio do salão, apontou o dedo para Arthur e para as duas mulheres que sentavam ao seu lado e berrou para que todos ouvissem:

— As senhoras deveriam honrar vossos casamentos e não deveriam se rebaixar ao papel de amantes de meu marido!

Tal acusação assustou os maridos que agrediram Arthur com murros.

No entanto, Arthur de forma inteligente reverteu a situação com os amigos que logo deixaram o caso esfriar:

— Acalmem-se, por favor, senhores! Isso não é verdade. Não percebem que minha esposa delira sob efeito do vinho! Além disso, os pacientes loucos que ela atende em seu consultório estão deixando-a paranóica. Perguntem para seus pais como ela se comporta dentro de casa. Ela vive berrando o tempo inteiro conosco e com os empregados. Perdoem-nos por esse incidente!

Entretanto, esses cavalheiros guardavam algumas ressalvas de Arthur, pois sabiam de sua fama. Contudo, em sua

consciência Bescherelle sabia que realmente tivera encontros adúlteros com as duas conceituadas senhoras da elite de Verona.

Apesar de escapar ileso da acusação, a vida para Arthur não virou um mar de rosas, pois na casa daquele casal a situação piorou cada vez mais.

Com vergonha do escândalo que foi habilmente contornado por Bescherelle, os pais de Isabelie a deserdaram e colocaram toda a herança que lhe competia nas mãos de Arthur:

— Arthur, não suporto mais as explosões de Isabelie. Ela demonstrou não ter equilíbrio para ser minha continuadora nos negócios da família. Até hoje não consigo tolerar sua ideia de trocar nossas vinhas pelos seus loucos pacientes. Como não tenho mais Alexander para me substituir nos negócios e pelo apreço que temos por você, decidi passar uma procuração no cartório e entregar definitivamente meus negócios em suas mãos. Tenho certeza que você atenderá as minhas expectativas, pois já percebi que você é um bom administrador que honra o nome da antiga casa bancária Bescherelle – Roberto Lagden declara a Arthur diante a família em um almoço dominical.

— Senhor Roberto, sinto-me grandemente honrado em ser seu continuador e envidarei todos os meus esforços para atender às suas expectativas! Declara Arthur com um grande sorriso.

O golpe da providência divina colocou nas mãos de Bescherelle novamente a riqueza que ele já teve no passado e que gostaria de recuperar.

Depois disso, Arthur induziu Isabelie à loucura persuadindo a todos na cidade que por ela ser psiquiatra, a mesma se contaminou com a loucura de seus desequilibrados pacientes:

— Senhores, peço encarecidamente que não levem em conta as atitudes de minha esposa, pois a cada dia que passa percebemos que ela assume o comportamento excêntrico de seus pacientes do manicômio. Tememos que ocorra o pior e tenhamos que tratá-la como um de seus loucos.

09

A difícil convivência familiar

Depois de conturbados acontecimentos, Arthur, como novo administrador dos bens da família Lagden, esforçava-se para manter as aparências e seguir o curso da vida.

Carismático, Bescherelle continuava conquistando a simpatia de todas as pessoas da cidade e não apenas da cidade, mas como também do velho casal Lagden, Senhor Roberto e dona Esmeralda, bem como de todos os funcionários.

Dentre os funcionários, Arthur construiu um belo vínculo de amizade com a governanta da mansão Lagden, a senhora Marie Prisco que em existência passada fora mãe de Arthur e Alexander.

Marie tinha uma filha única, a pequena e linda menininha loira chamada Cibele Prisco, nascida em 1932, a qual desde a primeira vista foi alvo dos sentimentos paternos de Arthur que sempre desejara ser pai de uma menina:

— *Salut ma belle fille, vous rassemblez à un rayon de soleil!*
(do francês: Olá minha bela menina, você parece um raio de sol!) - dizia Arthur para a pequena Cibele.

Cibele Prisco não teve muita convivência com Arthur, entretanto, os poucos momentos que passaram juntos foi marcante para seu espírito. Sendo menina nova, via em Arthur, em sua inocência de criança, o seu futuro marido.

Arthur, por sua vez, a via como uma irmãzinha que não teve e apesar de ser materialista, dispensava a ela tudo o que podia dispensar a um filho passando a custear-lhe os melhores cuidados e educação disponíveis na época.

Tal atitude de Bescherelle despertou muito ciúmes em Isabelie que até então não queria dar um filho ao marido. A desequilibrada psiquiatra decidiu então engravidar-se.

Meses depois nasceu o único filho do casal, Arthur Figlio (Filho), que ao contrário do pai, era um ser apático:

— Esse garoto é um ser mentalmente incapaz de desenvolver qualquer ato inteligente, sinto-me envergonhado de ter um filho assim. Era assim que seu pai lhe descrevia.

Bescherelle tomava-o na conta de um desperdício, e a fim de livrar-se daquilo que ele considerava como um estorvo levou seu filho para estudar na França, enquanto residia na Itália.

— Isabelie, nosso filho precisa de uma educação digna de nossa posição. Não quero nosso filho estudando com padres. Vou mandá-lo para Paris, pois lá tenho certeza que ele vai se tornar uma pessoa mais culta e preparada.

Contra a vontade de Isabelie, Bescherelle deixou que Arthur Figlio estudasse e crescesse na França. Arthur Figlio por sua vez sentia-se profundamente rejeitado. Poucas vezes procurou contato com sua família na Itália.

O único que tinha maior acesso àquele jovem era Roberto Lagden que se importava e o mantinha em boas condições de estadia, mas para decepção do velho italiano, Arthur Figlio não se desenvolveu em nada.

Tornou-se um boêmio frequentador de casas de moças, a exemplo de seu pai, mas sem nenhum dom para o galanteio, pois era gordo e sujo como os beberrões da Idade Média.

Era assim que Arthur Figlio se assemelhava. Pela evolução moderna e explosão industrial do século XX, aquele garoto se comportava como um plebeu da idade média.

Arthur Figlio não tinha nenhuma filosofia de libertação ou desapego aos bens materiais, escolhendo a inércia ao invés da desenvoltura e emprego de suas forças, porque ele as tinha, no entanto por apatia da própria vida, delas não fez uso.

Seu pai contribui com isso, porque não lhe fazia qualquer incentivo e o seu escasso investimento intimidava diretamente a Isabelie que não conseguia tratar seu próprio filho e isso a corroía por dentro. Ela tentou buscar ajuda de outros colegas de profissão, mas nada o motivava.

Voltando na linha do tempo, nos idos de 1940, o jovem casal Arthur e Isabelie decidiu fazer uma viagem a Paris.

Arthur já não se encontrava no corpo militar e aproveitava a paz ilusória do *Régime de Vichy* para matar suas saudades de sua cidade natal que na ocasião estava ocupada por tropas nazistas.

Certo dia Bescherelle e Isabelie faziam seu passeio matutino às margens do rio Sena, quando viram duas pequenas meninas recolherem restos de legumes nos latões de lixo.

Eram as doces Patrice e Anne Louise que recém chegadas no plano físico ficaram órfãs de pai e mãe, levados pelo horror da guerra.

Esses espíritos vieram ao mundo com duas finalidades, primeiramente, a de experimentar ainda jovens a dor, mesmo que infantil, da perda de seus pais. A segunda finalidade seria consertar uma pendência de suas vidas anteriores.

Patrice, a mais velha, logo com um pouco mais de conhecimento, tomou a incrível postura adulta de fazer com que sua irmã mais nova não sentisse tanto a dolorosa separação.

Andavam sozinhas pelas ruas, com os olhos perdidos como que no próximo passo fossem encontrar aqueles que lhe receberam no plano terrestre como pais, e mesmo sabendo que era impossível, aguardavam um milagre divino, que veio pelas mãos de Arthur e Isabelie.

Arthur, parecendo ouvir a inspiração dos amigos da espiritualidade que lhe inspiravam a oferecer suas mãos amigas às duas pequenas, disse:

— Isabelie, gostei dessas meninas. Quero levá-las conosco para Verona!

Isabelie ciumenta, mas não desejando contrariar o marido as aceitou, mas não as abraçou como filhas. No entanto, o amor que lhe faltava como esposa, parecia catalisar a feição de Arthur às duas pequenas, que nada mais eram que suas duas primeiras vítimas nos duelos.

Vítimas estas que retornaram jovens ao mundo espiritual e mesmo dilaceradas pela dor e desejo de vingança, concordaram em dar mais uma chance de redenção e refazimento a Arthur. Pierre Legrand reencarnara como Patrice e Antoine Demarre como Anne Louise.

Graças à bondade de Deus, Arthur naquele dia pode ouvir no íntimo de sua alma o eco dos amigos espirituais que gritaram rogando-lhe a devida ajuda.

E mais que isso, esses espíritos tiveram a chance de se desligarem de toda a amargura que sentiram desde seu desencarne e com o auxílio do plano superior se propuseram a voltar a Terra.

Casos assim de reencarnações ligeiras são raros, mas extremamente eficazes. Espíritos que abandonam o corpo físico e em tão pouco tempo assumem outra personagem na Terra conseguem ainda manter fresca a memória da vida anterior, do plano espiritual, conseguindo ter seus impulsos mais aflorados e se deixam levar pelas inspirações da alma.

Isso não é desmerecer ao divino esquecimento. Serve para pontuar a necessidade de alguns espíritos de ter que viver tão rápidas experiências entre uma vida e outra.

As meninas foram adotadas por Bescherelle e cresceram a exemplo de seu filho consanguíneo e da afilhada Cibele Prisco, sendo muito bem educadas no moldes que a boa situação financeira do casal permitia.

Enquanto isso, Arthur embora sabendo dividir seu carinho entre suas filhas, considerava Cibele como sua “menina dos olhos”, pois ao contrário do comum entre os homens não desejava um filho homem.

Bescherelle por sua ignorância ridiculamente chegou a culpar Isabelie por não ter lhe dado uma garotinha, culpava-lhe também pelo débil filho homem que lhe dera: Arthur Figlio.

Arthur ficou muito enraivecido quando Isabelie resolveu colocar no garoto seu próprio nome. Essa foi uma tentativa de sua esposa para chamá-lo às suas responsabilidades familiares o que não teve eficácia.

— Você passou dos limites Isabelie! Você não tinha o direito de passar por cima de minha autoridade e dar o nome de nosso filho por conta própria! Detestei a ideia de ter colocado meu nome nele, pois saiba bem que eu não queria ter um filho homem!

Com Cibele era diferente, era tudo o que ele pensava e não foi à toa que dispensou seus dotes de pai, formando-a e tornando-a influente na sociedade Veronesa desde criança. Ela queria ser professora e Arthur realizou seu sonho.

Cibele Prisco dizia:

— Se depender de mim nenhum ser ficará sem saber interpretar a riqueza dos livros.

Ela não levou a leitura ao mundo inteiro, mas aos poucos alunos que pode alfabetizar com presteza.

Cibele casou-se ainda jovem e viveu seu único casamento com Pietro D'Arezzo como deveria se viver todos os casamentos, com muito respeito e dedicação.

Sempre foi muito distinta e educada fazendo uso de sua influência em favor daqueles que considerava mais carentes de informação e conquistou por isso a simpatia de muitos poderosos da época.

O tempo passou e no início de 1955, Isabelie demonstrou-se tão desequilibrada e hostil em seu lar que Arthur propôs aos seus pais, Roberto e Esmeralda Lagden a urgente internação em manicômio, alegando que tal comportamento era devido ao trato com seus pacientes de psiquiatria:

— Eu já avisei que tínhamos que internar Isabelie para tratá-la. Ela se contaminou com a loucura de seus pacientes de

modo que precisamos interdita-la rapidamente para seu próprio bem, antes que aconteça uma tragédia em nosso lar. Disse Arthur Bescherelle.

Depois da tensa reunião familiar, decidiram manter todos os bens da família sob responsabilidade de Bescherelle por já ter demonstrado ser hábil administrador. Também decidiram pela internação de Isabelie Lagden em hospício.

Isabelie recebeu muitos choques elétricos e sofreu intensamente com a internação. Arthur falseando ser um caridoso esposo ia poucas vezes ao manicômio agravando o estado dela mesmo sabendo disso. Ela berrava o tempo inteiro:

— Maldito Arthur! Você me pagará por tudo o que me fez seu monstro! Socorro! Vejo monstros querendo me devorar! Eles estão mostrando seus dentes fedorentos e vão devorar a todos! Vamos todos virar comida de abutres! Há! Há! Há! Vão todos queimar no inferno! Há! Há! Há...

François, o “Estrangeiro”, juntamente com sua equipe de espíritos obsessores, atormentava Isabelie com o intuito de alistá-la na legião de inimigos de Arthur.

Quando Bescherelle voltava de suas esporádicas visitas mentia aos pais de sua esposa que ela melhorava e que logo teria alta. No entanto, o estado de Isabelie piorava cada vez mais em seu exílio do lar.

10

No Brasil.

Ao internar Isabelie no hospício Arthur Bescherelle tinha a ilusão de que se tornaria um *bon vivant* e curtiria sua vida gastando o dinheiro da família Lagden.

Isabelie dissera a verdade quando acusava o marido de promiscuidade, mas este usou sua inteligência habilmente para inverter o jogo acusando-a de desequilibrada e manipular a situação. Se Arthur usasse seu conhecimento para o bem seria uma alma limpa e pura.

No entanto, Arthur passou a sofrer com a ação de obsessores liderados por François e pela sua própria consciência:

— Você é um homem rico, porém infeliz! Do que adiantou vencer na vida destruindo a pessoa que você amava! Você não merece ser feliz nem viver ao lado de quem te ama! Fuja! Vá embora para não fazer Cibele, Patrice e Anne Louise sofrerem! – Diziam-lhe os obsessores.

Bescherelle descobriu tardiamente que realmente amava Isabelie e daria tudo para tê-la novamente, mas era tarde demais, se definhando cada vez mais no manicômio, local onde transformou todo seu amor pelo marido em ódio mortal:

— Maldito Arthur, eu te amaldiçoo com todas as forças de meu ser. Você pode ter me destruído, mas eu o encontrarei até no inferno para me vingar e fazer você sentir na pele tudo o que passei! – Gritava Isabelie em seus delírios.

No final de 1955, Arthur movido pela sua culpa resolveu exilar-se de sua família e sentiu-se atraído para mudar-se para o

Brasil. Ele ficou tão perturbado por aquele misto de amor e culpa que decidiu ir embora sem despedir-se daqueles que amava sem ao menos deixar endereço.

Além disso, sua fuga da Itália foi uma forma de fugir da responsabilidade sobre a internação da esposa. Tinha em suas mãos todo o poder financeiro que desejava e a escolha pelo Brasil foi devido às situações econômicas que regiam o globo.

Entretanto, no Brasil, momentos políticos fervilhavam cada vez mais. Naquela época já se ensaiava o golpe militar e Arthur chegava ao país nesse período de conflitos políticos e também porque muitos europeus escolhiam se refugiar.

Então, Arthur iniciou os preparativos para sua mudança discretamente, porém, no dia de sua partida alguns empregados da casa perceberam o patrão colocar as malas no carro e sair sem nada dizer.

Cibele ao ser informada que Arthur partia, saiu correndo chorando e gritando:

___ Não vá embora Arthur! Fique conosco que te amamos!

Era inútil gritar, o carro de Arthur dobrava o quarteirão rumo à estação de trem. Então, Cibele sentou-se desolada no chão da sala da família Lagden.

Arthur veio para o Rio porque era o único ponto de referência que conhecia do Brasil, mas logo se mudou para a cidade de São Paulo, juntamente com a grande quantidade de imigrantes italianos que para esta cidade vinham.



(Rio de Janeiro 1955 – Copacabana)

Bescherelle ficou pequeno tempo morando em hotel no bairro Santa Efigênia, próximo a Estação da Luz e montou uma adega de vinhos finos no bairro do Bom Retiro, na Avenida Rudge número 500. Seu negócio era pequeno, mas bastava-lhe para manter sua vida na cidade.



(São Paulo em 1955 – Estação da Luz)

Em São Paulo, Arthur começou a ter boas relações nos salões e eventos sendo que ao mesmo tempo conquistava a simpatia dos populares. Era fino e popular ao mesmo tempo, do tipo que poderia ser um político. Chegou a conhecer a Doutrina Espírita, admirando sua filosofia, frequentou a Federação Espírita do Estado de São Paulo, no entanto, por ainda não estar preparado não aceitou como fé religiosa.



(São Paulo em 1955 – Av. São João)

Terceira Parte

Período Umbralino

01

De 1965 a 1974.

Arthur Bescherelle, depois de uma existência muito atribulada, desencarna experimentando sólida e indizível solidão, pois a única coisa que tinha por companhia eram os falsos amigos e alguns clientes de sua adega situada na Avenida Rudge número 500 no bairro do Bom Retiro em São Paulo.

O francês, mais velho, aparentava mais do que sua idade real, seu corpo fora tremendamente prejudicado pelos problemas do sistema nervoso, a esclerose múltipla. Doença que lhe dava desenhos e feições mais anciãs que sua idade, pois já vivera 55.

Arthur, embora contasse com 55 aniversários, tinha uma aparência de um homem de cerca de oitenta e cinco anos de idade. Sempre que seus clientes o abandonavam naquele local, sentia todo o peso da solidão que ele mesmo plantou e colhia na mesma encarnação.

Lembrava-se de Isabelie, mulher que ele não soube cuidar, nem abraçar a tarefa que haviam instituído um para o outro, de conduzirem-se na convivência fraterna no lar. Deixaram essa pendência para mais tarde, para uma existência futura.

Naquele momento, esta era a sua dívida, o francês deixou seu equilíbrio de vidas passadas. Sua culpa pelo que fez na presente existência atormentava-lhe o sono e tinha a sensação que Isabelie Lagden de alguma forma havia deixado o âmbito das atividades físicas em razão de suas investidas de *Don Juan*.

Arthur sentia-se assim infinitamente réu pela despedida doente e febril de Isabelie que fugia do orbe terrestre. Não tinha uma noite que podia ele fechar os olhos sem relembrar a presença daquela mulher.

No entanto, não era somente atormentado por essas lembranças, porque ao recordar de seus erros no velho continente, lembrava-se daqueles que matou nos duelos, e eram estes seus grandes companheiros de suas noites frias e tenebrosas em sua adega.

Assim, Arthur Bescherelle deixava a experiência na crosta terrestre, passando a viver agora ao lado dos espíritos e não era por menos, que os espíritos da equipe de François, o “Estrangeiro”, o esperavam eufóricos e desejosos de vingança. Eram aqueles mesmos que Arthur se ligou terrivelmente em seus últimos instantes:

— Há! Há! Há! Vejam quem chegou! O Mosqueteiro de araque! O Dom Juan falido! Agora vou me vingar de você Arthur! – Disse-lhe François.

Quem dera se ele se voltasse para Deus suplicando perdão, mas seu egoísmo era algo indizível, não podendo Arthur suportar qualquer pensamento elevado para dirigir qualquer palavra para Deus, e deste modo, impediu que aqueles amigos que o acompanhavam em seu plano reencarnatório e o ajudaram no campo da carne se aproximassem dele.

Não podiam os amigos benfeitores alcançar aquele ser que continuava persistindo e afundando-se cada vez mais em sua autopunição. Mas fácil foi para os benfeitores que pretendiam oferecer auxílio primeiramente ajudar aqueles que desejavam se vingar do francês.

E foi assim, que o auxílio iniciou-se em um longo e honroso processo para todos aqueles que fizeram parte dessa legião de

espíritos doentes, o ultimo a sair foi o próprio Arthur, o que levou um longo tempo.

Dos espíritos obsessores, o único que não aceitou a ajuda dos benfeitores foi François que preferiu se retirar dizendo:

— Vou dar uma trégua para esse infeliz, mas depois voltarei para acertar as contas com ele!

Arthur se prendeu em um processo de monoideísmo (idéia fixa) que se resumia nas seguintes imagens: o velho Bescherelle se decompunha lentamente, sentindo todos os efeitos da degeneração da carne por meio dos vermes. Quando se tornava então um esqueleto, Arthur voltava a se recompor voltando para sua forma inicial. Ao se sentir recomposto, ele começava a buscar equilíbrio, andava, no entanto, não conseguia sair do mesmo lugar. Sofria, chorava e começava a se decompor novamente em um longo processo que se repetia sucessivamente.

Era assim que Bescherelle vivia em suas próprias construções mentais, buscando a luz onde não existia, porque buscava essa luz em coisas materiais.

Durante quase nove anos sucessivos, o francês ficou assim sozinho, sem ninguém que pudesse ao menos lhe dirigir uma ofensa sequer. Qualquer palavra que lhe fosse dirigida seria para ele um alento, porque não seria mais só.

Foi quando um amigo querido de Arthur, já conhecido de suas próprias tarefas se alistou ao grupo que lhe dispensava auxílio e alcançou seu coração.

Este amigo pensou em atravessar as trevas que circundava Bescherelle e o único modo de alcançá-lo era fazer que Arthur pensasse naquele fatídico dia que acovardado permitiu que seu amigo de pátria diversa morresse para que ele mesmo se salvasse.

Ao se lembrar daquele dia, Arthur parecia se destruir cada vez mais e desejava que os tiros que despiram Alexander Lagden da matéria, tivessem atingido o seu corpo.

Vinculado a essa ideoplastia fazia isso a título de autopunição, ou como se fosse um mártir e desse processo resultasse algo de bom.

Entretanto, tal ideoplastia foi salutar, por possibilitar algo de bom, porque foi dessa forma que Alexander conseguiu se fazer visualizar pelo amigo infiel.

Naquele instante, Arthur ficou mudo, congelado em um misto de medo, alegria, arrependimento, de vontade de correr, pedindo para que aquele amigo se afastasse:

— Afaste-se, não sou digno de misericórdia, pois sou um pecador!

O francês sentia-se envergonhado, porque até então, pensava que estava em estado de coma e que aqueles momentos eram um pesadelo que haveria de passar. Somente quando Arthur sentiu em seu corpo sujo, imundo e flácido, o doce toque das divinas mãos de Alexander Lagden, pode então compreender que não fazia mais parte do número dos vivos na Terra.

Como consequência daquele momento divino, Bescherelle desejou acompanhar o amigo e gradativamente as névoas que estavam em seu redor se desfizeram, de forma suave e lentamente, sem lhe causar nenhum choque de realidade.

Quando finalmente toda a escuridão se desfez de suas adjacências, Arthur se viu dentro do Hospital da Colônia Recanto de Irmãos e curiosamente aqueles nove anos que pareciam uma eternidade em uma região purgatorial, eram apenas a construção mental que ele fizera viva. Na verdade, ele estava o tempo todo em um ambiente de harmonia e sustentação.

02

O Resgate de Isabelie Lagden.

Em 1965, Isabelie Lagden desencarnou no manicômio por degradação da própria vitalidade e depressão, bem como por transformar todo o amor que sentia por Arthur em ódio autodestrutivo. Ódio este que impede a criatura renovar suas energias até o momento em que seu corpo para de trabalhar.

Seu estágio de insanidade era avançado, isso dificultava a aproximação dos amigos espirituais para auxílio. Ela se sentia incentivada pelos espíritos menos esclarecidos a fazer vingança:

__ Isabelie! Vamos destruir Arthur e você será nossa grande aliada! – Dizia-lhe o “Estrangeiro”.

Isabelie ligou-se cada vez mais a eles quando finalmente a equipe socorrista da Colônia Recanto de Irmãos coordenada por Alexander Lagden, irmão de Isabelie, conseguiu alcançar um dos espíritos que a atormentava por meio de diálogo fraterno, direto e objetivo, fez com que ele mesmo falasse a ela sobre sua condição, porque ela em seu deturpado estágio mental não havia assimilado sua passagem para o plano espiritual.

Ao saber que estava desencarnada e retomando dolorosas lembranças, desejou vingar-se de Arthur e investiu suas forças em procurá-lo para que seu trabalho insalubre e vingativo pudesse, pelo menos em sua visão, ofertar algo de justiça:

__ Vou achar você Arthur! Não adianta se esconder! Você me pagará centavo por centavo que me roubou!

Ignorantemente, Isabelie se empenhou nesses objetivos. E foi com a graça de Deus que ela não encontrou Arthur, mas encontrou aqueles que perceberam seu momento de descanso e desespero em um altar de uma igreja implorando uma chave para ser feliz:

— Senhor Jesus! Ajuda-me, não aguento mais esse sofrimento! Indique-me um caminho para conseguir paz! – Rogava Isabelie naquele iluminado momento.

Suas preces, misturadas com o desespero e pavor daquilo que ela não conhecia, deturpadas por seu próprio interesse, ainda assim fruto do coração, foram o ponto necessário para aproximação da equipe socorrista de Alexander que lhe ofertaram fluidos balsâmicos e a conduziram para um ambiente mais amigável e regenerador.

Ao mesmo tempo, Arthur Figlio era vítima dos inimigos espirituais mais cruéis de Arthur Bescherelle que se no século XX duelava praticando atos ilegais, quiçá antes, quando os duelos eram tidos como legais e permitidos pela sociedade.

François, conhecido entre os espíritos como “o estrangeiro”, foi a terceira vítima de Arthur em seus duelos por Madeleine e passou a chefiar grande número de espíritos que viram no filho de Arthur meio de levá-lo à desgraça, por conhecerem o perfil arrogante do francês que não aceitaria um filho sem suas qualidades.

Foram estes espíritos, que rodeando filho e pai, fizeram o segundo desprezar o próprio filho e catalisaram a dor do garoto à pretexto de quando este retornasse ao plano espiritual fosse amigo dos obsessores e lhe mostrariam o quanto estúpido e não merecedor seria seu pai, para plantar ódio e desamor para que Arthur Figlio levasse o próprio pai a morrer de desespero:

— Seu pai foi o responsável pelo seu sofrimento e o de sua mãe. Ele não pode ficar impune depois de nos fazer sofrer. Junte-

se a nós que iremos nos vingar dele! – Dizia François a Arthur Figlio.

E assim aconteceu com Arthur pai porque em seus últimos dias lamentava não ter dado o amor que Isabelie e o filho lhe reclamavam. Bescherelle desencarnou em sua adega. Sua doença impossibilitava toda sua coordenação motora e já estava em estágio muito avançado. Não podia andar e entregava-se em seu assento como forma de autopunição. Ele abandonou sozinho sua vestimenta carnal.

Nesse ponto Deus colocou uma alma caridosa no caminho destes personagens – Alexander Lagden que foi o responsável pela recepção de todos no plano espiritual. Foi ele mesmo que se propôs a reunir todos de modo a refazer os erros do passado. Não é ele a peça central no plano físico, mas fora ele o idealizador de todo o estágio regenerador.

Após seu resgate feito por Alexander Lagden, Isabelie foi atendida pelo Hospital de Irmã Margarida e após seu refazimento, conheceu a colônia Recanto de Irmãos, local que fica gravado na memória da maioria dos espíritos como Lar das Flores.

Isabelie então se tornou a partir de então, a viver no burgo Lar das Flores que tem suas tarefas coordenadas por Maria Madalena, encontrando amparo, trabalho, estudo e tarefas para conseguir conceitos mais nobres da vida em nome do bem e foi lá que a italiana recebeu todas as instruções que lhe dariam condições para retornar ao plano físico.

Entretanto, não diferente de Arthur, sentindo a densidade do corpo físico, entregou-se às suas próprias dificuldades (ânimo).

Aquele que recebe em mão o conhecimento libertador tem por dever libertar-se a si mesmo e compreender que o outro

também é carecedor dos ensinamentos, capacidade cognitiva e força para o labor em si mesmo.

Em resumo, o orgulho, a vaidade e materialismo nos forçam a andar nos caminhos contrários aos ensinamentos do Cristo.

Quarta Parte

Período Colonial

01

O despertar na vida maior

Por mais suave e lento que tenha sido o dissipar das névoas, o choque era inevitável. Então, Arthur desmaiou, mas balbuciou algumas palavras:

_ Obrigado Alexander... Obrigado Deus!

Era o ano de 1974 quando aqueles que dariam a Bescherelle nova experiência na carne já estavam encarnados e se dispuseram àquela tarefa. Porém, os pais do novo corpo também tinham as suas provas particulares, sendo que o aborto natural de um feto era parte de suas experiências individuais.

Pela bondade divina, Alfred Bescherelle (pai de Arthur) agora reencarnado como Francisco Felício (Francisco significa pequeno francês) e Amélie Bescherelle, reencarnada como Rose da Silva, iriam experimentar tal aborto natural em um ambiente de lar e coletividade onde somente quem passou por isso entende.

Arthur era ótima ferramenta para a prova de seus pais e este começava por si próprio as primeiras investidas de seu refazimento. No entanto, antes era necessário lhe prestar esclarecimentos, fazendo que ele redesenhasse toda sua história de vida, voltando aos seus momentos antes de sua encarnação anterior. Tal processo lhe seria salutar, pois nessas experiências anteriores, Arthur acumulou conhecimentos maravilhosos deixados de lado por suas paixões.

As experiências dolorosas de vidas pretéritas já haviam marcado toda a composição daquele ser que não conseguia se ver como criatura divina, porque aderiu de forma indizível a materialidade em todas as facetas que compõe o globo terrestre.

Irmanado a tão pesados fluido, exigia da equipe do Hospital da Irmã Margarida da Colônia Recanto de Irmãos, um trabalho rápido para conduzi-lo a um tratamento de regressão às vidas anteriores do personagem Arthur.

Nesse procedimento, os benfeitores tinham o objetivo de resgatar todo o auxílio de redentor aprendido para que Bescherelle tomasse ânimo e vitalidade e que desejasse por si próprio receber o convite que breve lhe seria feito.

O tempo reclamava urgência e assim os laboriosos amigos não hesitaram por trabalhar horas a finco, demorando tempo correspondente de 1 ano a 2 anos, quando Arthur retomou sua consciência, agora menos autopunitivo, tomando apenas como lição seu fracasso e não mais tendo como presídio, ou como desvio friamente calculado, de sua parte.

Arthur desejou dar ouvidos àqueles amigos que pediram que ele, a título de refazimento perispiritual, desse início à sua reconstrução moral e pudesse servir de ferramenta para o casal Francisco e Rose (antes Alfred e Amélie Bescherelle), pois nisso teria grandes benefícios.

Sua mãe repararia erros de suas vidas pretéritas e o mesmo aconteceria com seu futuro pai, porque ambos foram cúmplices de crimes com crianças, no campo da sexualidade.

Arthur foi uma dessas crianças e agora sabendo disso, ele guardando um pouco do orgulho de sua última existência, hesitou por alguns instantes.

Entretanto, carinhosamente Alexander Lagden disse-lhe:

— Arthur, faça as coisas para o bem maior que ainda não conhece, porque breve teremos a oportunidade de partilhar a mesma época e espaço na crosta terrestre.

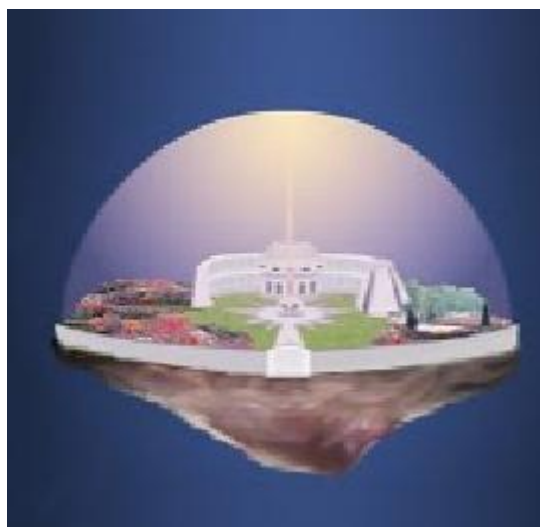
Então, confortado e sustentado por aquele amigo decidiu aceitar e assim se fez a vontade divina que permitiu que a Justiça novamente fosse feita.

Bescherelle conseguiu uma forma perispiritual mais condizente, mais judiciosa, após ter sido submetido ao processo de aborto natural.

02

A Colônia Recanto de Irmãos





(Desenhos da Colônia Recanto de Irmãos feito pelo médium Wilton Oliver)

Logo após sua recuperação do aborto natural, Arthur sentia-se mais disposto para sua renovação íntima. Alexander, como um irmão desvelado, acompanhava de perto sua transformação.

Em uma manhã ensolarada Alexander se aproxima dos aposentos de Bescherelle e lhe faz um convite:

_ *Buongiorno, Il pigro!* (Bom dia, preguiçoso!).

_ *Bonjour mon obsesseur!* (Bom dia meu obsessor!) – Responde espirituosamente Arthur em francês ao gracejo feito em italiano.

_ Bescherelle, levante-se e vamos conhecer melhor nossa colônia. Tal visita servirá de estudo.

_ Só se for agora seu carcamano!

Alexander utilizando-se de automóvel que levita levou Bescherelle para conhecer com detalhe sua nova residência, a Colônia Recanto de Irmãos.

Lagden iniciou o *tour* dizendo:

_ Arthur, a Colônia o Recanto de Irmãos é uma espécie de núcleo espiritual que se interliga a outras instâncias afins, além de conter burgos diretamente ao seu entorno. Seu posicionamento, em relação ao nosso irmãos encarnados equivale à zona leste de São Paulo, lá para os lados de Itaquera, Guaianases, São Miguel Paulista e Itaim Paulista.

Vendo um grande jardim Arthur pergunta:

_ Alexandre que belo campo florido é esse?

Após inspirar tranquilizante perfume floral, Alexander lhe responde:

_ Trata-se do grande jardim da Irmã Madalena. Devido à memória deste campo de flores muitos espíritos chamam nossa colônia de Lar das Flores. Alexander Lagden prossegue explicando:

_ Além desse campo florido, basicamente a cidade contém dois ambientes principais: o primeiro é o da área de socorro espiritual, cuja unidade recebe o nome de Hospital Irmã Margarida; o segundo ambiente, bem reservado, é o do núcleo central, que concentra a parte administrativa, de estudo e experimentação prática. Neste setor, encontram-se uma grande biblioteca e um grande centro de convenções.

_ *Oh lá lá!* Nunca pensei que existissem lugares como esse na vida além túmulo. Aliás, nem mesmo acreditava que existisse vida além da matéria! Interpelou o francês.

_ Pois é Bescherelle, a vida sempre nos revela algo além de nossa pequena inteligência. Continuando minha apresentação, a distinção desses dois ambientes principais se faz útil para compreendermos que, sem desprezo ao trabalho socorrista, do qual faço parte, a Colônia privilegia suas atividades especialmente no terreno do desenvolvimento de estudos e experimentos voltados para o intercâmbio de ideias e programas de espiritualização da humanidade, com um detalhe bastante interessante: os irmãos do recanto reconhecem o Espiritismo como a melhor e mais avançada doutrina para o ensaio da natureza espiritual, contudo, destacam a cooperação com outras correntes filosóficas e religiosas, ligando-se com irmãos de outros templos, como católicos, evangélicos (protestantes), budistas, judeus, muçulmanos e, enfim, entidades que exerçam serviços em favor do bem comum.

__ Infelizmente tal conceito ecumênico ainda não é muito aceito lá embaixo. Nos meus últimos anos na Terra quando eu fiz visitas em algumas casas espíritas percebi que até mesmo os espíritas que deveriam ser mais tolerantes com as demais religiões agem com fundamentalismo. Ainda existe muito preconceito religioso – disse Arthur.

Então, prossegue Alexander:

__ Isto evidencia o que nos parece lógico – embora não tão aceito pelos espíritas mais ortodoxos –: os Espíritos não são exatamente espíritas e nem mesmo uma colônia espiritual é uma propriedade dos kardecistas. Claro que, mediante a abertura que a Doutrina Espírita dá ao intercâmbio espiritual, indubitavelmente isso a coloca na dianteira do projeto da espiritualidade em face da necessidade evolutiva da Humanidade. Contudo, não tomemos com rigidez a justeza do rótulo, o que nos faz lembrar um velho refrão espírita: *O Espiritismo não é a religião do futuro, mas o futuro das religiões.*

__ Diante desse quadro de liberdade de religiões qual o objetivo da colônia?

__ O objetivo da colônia é preparar as pessoas para as questões da tecnologia para o bem geral da humanidade: a divulgação do Espiritismo e o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo – Explicou Lagden.

__ Quando me deparei com a tecnologia desse lugar eu tive um grande choque de realidade, pois foi difícil conceber em minha cabeça dura que tal tecnologia fosse um dia alcançado pela ciência. Será que vai demorar a ela chegar a Terra? – Pergunta Arthur.

__ Não meu caro amigo, segundo o andamento das pesquisas acadêmicas em andamento na crosta terrestre, breve teremos uma grande comunicação mundial através de uma rede de computadores conectados. Quando isso ocorrer, começaremos

a colocar em prática um importante projeto de divulgação do espiritismo e do evangelho – responde Alexander.

__ E como será esse projeto de divulgação do Espiritismo? Pergunta Arthur com interesse?

__ O projeto de divulgação do Espiritismo nos meios de comunicação e manifestações artísticas é um projeto que está sendo elaborado por um colegiado composto dos coordenadores da colônia, sob organização de Laerte que é secretariado por Miguel, nosso porta-voz. Laerte tem um plano arrojado dentro do projeto: A Criação de Centros Espíritas eletrônicos, nos quais será possível atender pessoas de todos os cantos do mundo e quebraremos as barreiras que impedem a libertação do homem. Para colocar em prática este projeto de divulgação do espiritismo através da tecnologia, breve prepararemos a reencarnação de diversos colaboradores que serão acompanhados por benfeitores para que no momento certo implantarão nosso projeto que interligará nossa colônia com o movimento espírita da Terra.

__ Eu gostei dessa idéia e gostaria de poder ajudar? Será que isso seria possível? Pergunta Arthur empolgado.

__ Claro que sim, você nem sabe, mas já foi inscrito entre os primeiros colaboradores que reencarnarão para iniciar o projeto!

__ Espera um pouco Alexander! Eu não me sinto digno de fazer parte do front desse projeto. Quem me indicou para esta tarefa? Pergunta o francês.

__ Arthur, aprenda uma coisa: Todos nós somos dignos para fazer o bem. Sobre sua escalação do projeto no momento posso dizer que você foi indicado por Lia à coordenadora do burgo Maria de Nazaré que enxergou grande potencial em você. Acalme seu coração que no momento certo tudo ficará claro – Responde Alexander.

— Só mais uma pergunta sobre o assunto. Quais são suas considerações sobre a implantação da Casa Espírita Virtual? Pergunta Bescherelle.

— O papel da Casa Espírita Virtual será o de esclarecer e ampliar o alcance da Doutrina dos Espíritos, enquanto o Centro Espírita tradicional convém primar pela Assistência Social, Evangelização Infantil e a Mocidade Espírita. Trabalhos de Estudo, desobsessão e afins, podem ser conduzidos pelo formato virtual.

— Alexander, estou satisfeito com seus esclarecimentos. Agora me conte como foi criada a colônia Recanto de Irmãos? – Perguntou Arthur.

— Pois bem: A Colônia Recanto dos Irmãos foi fundada por diversos espíritos imigrantes que vinham para o Brasil e constituíam suas vidas aqui. Estes, quando desencarnavam eram socorridos por diversas colônias afins, porém, aqueles que tinham ligações com colônias de seus países de origem não conseguiam contato com seus amigos dessas cidades, ficavam então sem seus “mentores” e muitas vezes ficavam em regiões de sofrimento onde buscavam ajuda do Divino e então, encontravam Campos de Estudo e adaptação para novas reencarnações. Tal processo era longo, pois muitos falavam japonês e eram atendidos por espíritos que não falavam japonês, por exemplo. Isso dificultava o atendimento, sobrando ao espírito assistido muito saudosismo.

Alexander prossegue sua explanação:

— Depois da readaptação, libertando-se do idioma de sua encarnação anterior, os espíritos começaram a pensar em outros espíritos que tinham os mesmos problemas e juntaram-se para fundar a Colônia Recanto dos Irmãos agregando pessoas e tecnologia. A colônia expandiu-se ao ponto de que irmãos que ali foram acolhidos começaram a estudar e desenvolver atividades frequentes. Em alguns momentos tivemos com mais japoneses, outros momentos, portugueses, italianos e alemães. Hoje não há

mais dificuldade de locomoção entre os países e a Colônia Recanto dos Irmãos é uma colônia a serviço dos imigrantes no Brasil. Nela há um hospital para a reencarnação daqueles que simpatizam com a colônia. Atualmente, há uma gama maior de espíritos afins com a colônia.

— Então não foi por acaso que vim parar por aqui! Em meus últimos dias eu sentia muita saudade de minha França e também sentia muita tristeza por viver longe de minhas doces Cibele, Patrice e Anne Louise as quais deixei na Itália. Graças ao bom *Dieu* e ao amigo aqui estou em processo de reajuste. – disse Arthur.

— Alexander, agora gostaria de saber mais sobre a geografia da colônia.

— Sim, belo! A Geografia da colônia é muito diversa. Tem entidades que fazem parte da área rural que mantém uma estrada com jardins floridos, assim como a alimentação vegetal da colônia bem amparada e servem no desenvolvimento de novas ferramentas e técnicas agrícolas que não agridem ao meio ambiente. Técnicas que serão intuídas aos pesquisadores encarnados. Na área rural trabalham espíritos muito simples com relação ao conhecimento, porém muitos dispostos em servir. Dentre os que têm acesso a esse lado da colônia há também o lado tecnológico.

— O Centro de Estudos da Colônia é o maior prédio que temos, com Biblioteca, Centro Tecnológico e tudo que há de desenvolvimento científico, filosófico e teológico. É um prédio de grandiosidade. A colônia conta ainda com o Hospital da Irmã Margarida que você já conhece bem, sendo o ponto principal do socorro espiritual que atende não apenas os moradores da colônia, mas também encarnados que buscam atendimento em igrejas, hospitais e centros espíritas nos quais mantemos equipes socorristas em dedicada atividade- Responde Alexander.

__ Como funciona a administração da Colônia Recanto de Irmãos e quais são seus departamentos? – pergunta o curioso francês.

__ Tudo fica concentrado no centro da Colônia no Centro de Estudos, Centro de Convenções, Biblioteca e Hospital. Nos arredores existem burgos que são outras regiões como os campos que cuidam do cultivo de nossa alimentação, flores e pesquisas de novas técnicas agrícolas e Centro de Biologia. Existem outros burgos que atendem a irmãos de outras línguas e culturas e possuem características que lembram seus países de origem. São semelhantes a algumas cidades que temos no Brasil que lembram outros países como, por exemplo, Holambra que lembra a Holanda, etc. Toda organização administrativa está sob a responsabilidade de Laerte, Madalena e Margarida. Sem esquecer nosso atual porta-voz Miguel que breve irá reencarnar.

__ Sinto-me muito honrado por ter sido acolhido nesta abençoada cidade. Gostaria muito de poder retribuir por sua hospitalidade e beneficência! – Exclama Bescherelle.

_ Então estás convidado para participar de nossos grupos de estudo, dessa forma estará mais preparado para reencarnar e ser nosso representante junto aos irmãos encarnados! – Disse Alexander com grande sorriso.

03

Arthur na Colônia Recanto de Irmãos.

Após sua alta do Hospital da Irmã Margarida, Arthur foi designado para ficar sob a tutela de Alexander Lagden morando no burgo Lar Maria de Nazaré que é administrado pela dedicada Irmã Lia.

Na ocasião Lagden disse a Bescherelle:

_ O Espírito não é como um fogão que nasce fogão na fábrica e com o uso se desgasta. Pelo contrário, o espírito se desenvolve. Portanto, Arthur deixe de lado toda culpa e lamentação e se dedique ao estudo e trabalho.

Graças ao intelecto que adquirira, Arthur Bescherelle tivera fácil assimilação às informações e despojado das vestes carnis, tivera todas as facilidades e potencialidades intelectuais aumentadas, e proporcionaram grande desenvolvimento da consciência de forma que ele deseioso, de forma indizível por sua reestruturação íntima, envidava todos os esforços, pois sabia que teria apenas três anos para tanto.

Depois de acomodar o amigo em seus novos aposentos Alexander elucida ao seu tutelado:

_ Quando fomos criados éramos simples e ignorantes, passamos pela experiência de diversas reencarnações e fazemos o

caminho de volta para o Criador com a meta de sermos um dia perfeitos. Então, nesse campo é extremamente compreensivo que o espírito desenvolva primeiro o intelecto ao invés da moral porque inserido em ambiente tão inóspito, tem que articular ideias para sua sobrevivência o que permito desagravos com outros espíritos até que se sinta atingido por suas ferramentas para que haja paz.

Quando retornou ao plano espiritual Arthur guardava todas as informações do intelecto, porém, poucas informações no âmbito moral. Sabedor disso Alexander o encorajava à renovação íntima dizendo:

__ Ânimo Arthur! Levante sua cabeça, pois seus amigos espirituais estão aí para isso, para colocá-lo em exercícios precisos para que você saiba atuar de forma mais bondosa possível frente aos adversários que virão.

__ Mas será possível me preparar em tão curto tempo?
Pergunta Bescherelle.

__ Podemos julgar três anos para essa tarefa, um tempo muito curto, segundo o relógio da Terra. Entretanto, apesar de ver o sol nascer e se por, de ver o dia e noite, compreendemos que esse vai e vem de luz e estrelas não influenciam em nosso tempo habitual, porque trabalhamos e estudamos incessantemente e não paramos em nenhum momento – Respondeu Alexander.

Bescherelle desejava voltar ao plano físico o mais breve possível, pois tinha sede de justiça e se reconhecia como devedor, e queria dedicar uma nova existência em auxiliar a quem magoou. Isso tem seu peso no plano espiritual, pois enquanto muitos fogem de suas responsabilidades, outros a elas se devotam.

Arthur pôs-se a estudar no burgo que o acolheu, Lar Maria de Nazaré, sob a coordenação de Irmã Lia. Alexander, morando em outro burgo, Lar das Flores, passou a viver com o amigo para motivá-lo como bondoso irmão.

Nesse estágio, Arthur teve experiências felizes com aquele que fora seu pai, Alfred Bescherelle, agora reencarnado como Francisco Felício que em momentos de desdobramento durante seu sono se encontrava com o filho. Alfred, ou melhor, Francisco, apesar de não lhe ter sido muito fraterno e esbanjador de carinho paterno era um exemplo de trabalho e honestidade.

Como o leitor já sabe ainda jovem, Arthur foi separado de seu pai, e isto como é de comum na maioria de nós espíritos falíveis, Arthur permaneceu algum tempo na zona escura de seus pensamentos.

A partir desse momento, Alexander não mais compartilhou do estudo junto ao amigo e o deixou com seu pai. Lagden partiu em busca dos outros com a intenção de unir a todos novamente, se não na carne, unir no mesmo habitat espiritual para que houvesse o perdão fraternal entre todos. E assim o fez.

04

Preparação para o porvir.

Isabelie Lagden já se encontrava na colônia e ficou longo tempo em uma unidade do burgo Lar das Flores. Desde seu desencarne fora tratada para livrar-se dos distúrbios mentais que lhe acometeram.

Sabendo ela do retorno de Arthur e a possibilidade de reencontrá-lo, ameaçou a se animar, não porque o amasse, mas porque via a possibilidade de se vingar do francês que lhe feriu.

__ Finalmente terei a oportunidade de fazer aquele francês sentir na própria pele tudo o que sofri! - Dizia Isabelie.

Mas, como sabemos, Arthur ficou longo tempo trancado em suas construções mentais, mesmo estando em fraterno local, pois ele não percebia o auxílio recebido.

Isabelie parecendo mais liberta de seus sentimentos negativos por Bescherelle, dispôs-se a se refazer e aceitou as propostas de Alexander que lhe foram autorizadas pela dirigente do burgo Lar das Flores, Maria Madalena.

A mãe de Arthur, dos encarnados foi a mais complexa e relutava muito porque não desejava tê-lo de novo como filho. Amélie Bescherelle, agora Rose, teve em sonhos experiências oníricas nas quais ela conversava com o espírito Arthur juntamente com o espírito daquele que seria seu pai.

Arthur não sabia, mas todo o estudo que teve com seu pai era em estado de desdobramento e somente sua mãe não havia ainda aceito tal condição. Depois de longas idas e vindas, bem como noites investidas nesse âmbito, foi que sua mãe se dispôs a honrosa tarefa de ser sua mãe novamente. Negava-se a prioridade pelo fato de ter sofrido a experiência de um aborto espontâneo.

Amelie (agora Rose) dizia em desdobramento:

— Eu não vou suportar novamente passar por uma nova gestação! Só Deus sabe o quanto sofri quando perdi meu filho no aborto espontâneo. Mesmo compreendendo a finalidade divina, peço a Deus que me afaste desse fardo.

A junção do casal Alfred e Amélie (agora Francisco e Rose) novamente era algo já premeditado e estudado pela espiritualidade.

Rose não negava o nascimento de Arthur, ou melhor, Ricardo, por maldade, mas por temor, por viver sentimentos de vidas anteriores e Arthur, por seu turno, tinha o medo comum entre os espíritos errantes porque na erraticidade retomamos nossas lembranças e erros do passado que nos servem de impulso e para acertos fraternos, até que finalmente todos pediam para unir-se no plano espiritual durante o período de sono e desdobramento, e os outros personagens pelo menos a maioria, ainda no plano espiritual.

Alexander com o aval da governanta da Colônia Recanto de Irmãos, Maria Madalena, propôs a todos planos de refazimento mútuo.

Uns reencarnariam para ofertar forças para os outros e graças a Deus, poucos reencarnariam para expiar a dor ocasionada aos seus semelhantes.

Alexander disse a todos:

_ Nossa primeira missão é dar mais um passo na imensa escadaria da reforma íntima. A segunda missão é aprender amar nos moldes do Cristo que nos implora o amor ao semelhante todos os dias.

05

Convencimento entre irmãos.

Alexander não teve que andar muito para encontrar Isabelie, porque ela já estava na Colônia, o que demorou foi convencê-la com argumentos sólidos e precisos do imperioso de mais uma existência junto ao personagem que ela amou e não sabendo conduzir esse sentimento, ambos transformaram aquilo em algo doente.

O italiano explicava para sua irmã:

_ Isabelie, o amor em si em sua definição mais simples é algo que não se desfaz e não se destrói. Não se permuta em ódio. Seu amor por Arthur resumiu-se pela paixão carnal.

Aquele que fora pai de Arthur já estava encarnado. Como já foi dito era preciso levar todos a uma reunião e garantir que aquele encontro seria decisivo para que todos aceitassem a nova experiência.

Alexander não fez isso sozinho, mas foi o idealizador, aquele que se prontificou a reunir todos, contudo, de todas as personagens a única que oferecia prejuízos reais para seus planos era Isabelie, sua irmã.

De modo geral todos já estavam na Colônia, entretanto alguns se refazendo, outros já refeitos, mas nenhum deles, à exceção de Isabelie, faziam oposição a Alexander.

Então, Alexander Lagden deu início ao plano de exortação de sua irmã Isabelie Lagden.

A primeira proposta feita por Alexander, foi a de nascer como filha de Arthur. Isabelie recusou a ideia de pronto, porque não compreendia a finalidade daquela proposta, por desconhecer que em vidas passadas ela mesma foi à mãe de Arthur e de forma odiosa ter abandonado seu filho.

Em outra vida, tiveram a oportunidade de serem irmãos. Arthur como irmão mais velho, como que sendo empurrado por sentimentos odiosos, entregou a própria irmã para os bordéis da época a troco do dinheiro fácil que ela não via, pois seu irmão o gastava com suas colegas de trabalho.

E por fim, nasceram como desconhecidos um do outro, mas que em algum momento se tornaram marido e mulher na esperança que o esquecimento fosse maior por não haver laço sanguíneo, para que a memória fosse amenizada no âmbito de rivalidade e para que fossem mais fraternos.

No mundo espiritual, apesar de Arthur e Isabelie habitarem na mesma cidade, ainda não haviam mantido contato. Da mesma forma que as afinidades aproximam as pessoas, as grandes antipatias as afastam.

Naquele momento, Isabelie não queria vingança, apenas distância. Ele queria distância pela vergonha que era aumentada de forma infinitesimal por estar no plano espiritual, de forma que seus sentimentos eram catalisados.

Esses esclarecimentos foram entregues à Isabelie por Alexander. Ainda assim, ela se colocava em oposição voltando a consultar amigos mais elevados.

Alexander finalmente sugeriu que vivessem novamente constituindo família.

Talvez a ideia não fosse para todos os dias na Terra, mas se assim acontecesse à missão estaria mais que cumprida.

A ideia de voltar em família é para que Arthur experimentasse a dor que fez Isabelie experimentar e mais importante que isso, que desenvolvesse a inquestionável e maravilhosa ação de perdoar.

Perdoar verdadeiramente desejando ao outro a felicidade que desejaria para si. Isso é perdoar, pois o verdadeiro perdão vem com o esquecimento. E se algum dia Isabelie viesse a ofender Arthur, que este aprendesse a lição, perdando-a como se fosse à primeira vez.

É isso que se espera.

06

A reunião de Alexander Lagden.

Isabelie Lagden sentia um pouco animada. Infelizmente tal animação não se dava pela ideia de refazimento, mas pela idéia de fazer justiça conforme seus recuados conhecimentos.

De outro lado estava a individualidade de Arthur que temia sofrer o que fez, não somente Isabelie experimentar, mas também sua primeira esposa Madeleine Bouchère. Sabia que o menor ato desviado lhe seria uma dor extremamente aguda. O estudo da moral cristã lhe trazia grandes responsabilidades.

A fim de convencer Isabelie, Alexander solicitou aos demais personagens que aceitassem uma reunião a fim de que todos, como conselheiros, também pudessem sinalizar positivamente aquele planejamento:

— Amados irmãos, agradeço a todos pelo comparecimento a esta reunião que está sendo feita com a anuência dos coordenadores dessa abençoada Colônia. Deus em sua infinita bondade nos concederá a oportunidade do recomeço na esfera carnal para que todos possam refazer o aprendizado moral e intelectual com o objetivo de atingir a divina destinação de ser um dia espíritos elevados e servos do Senhor! - Inicia Alexander seu discurso.

— Para que tenhamos sucesso é imprescindível que exercitemos o perdão mútuo e que nos despojemos de todo o orgulho. Felizmente, a maioria de nos já apresenta boa vontade para iniciar nosso projeto de reencarnação e correção coletiva.

Apenas minha irmã Isabelie ainda resiste à ideia de compartilhar nova existência ao lado de seu parceiro de sua última existência, Arthur Bescherelle. Assim, peço vênha que todos os presentes venham a conversar com Isabelie como forma de ajudá-la a concordar com nosso plano reencarnatório coletivo - Apelou Alexander aos participantes da reunião, a saber, Lia, Irmã Margarida, Miguel, Arthur, Cibele Prisco, Patrice, Anne Louise, Marie Prisco, Alfred, Amélie, Madeleine, para que persuadissem Isabelie Lagden a dar uma oportunidade para Arthur resgatar seus débitos.

Como Isabelie relutava, a reunião iria impulsioná-la pela opinião da maioria. Ela estava constrangida a continuar em sua oposição e por isso sentiu-se desconfortada novamente em dizer não e por isso disse solenemente diante de todos os presentes:

__ Sim, eu irei dar a Arthur mais uma oportunidade. Dou minha palavra a todos.

Alexander inteligentemente dirigiu essa reunião e somente Lia e os amigos mais elevados que o inspiravam sabiam de seu plano.

Alexander conhecendo que a manifestação positiva de Isabelie era feita por intimidação, guardou-se de anotá-la como opinião favorável e todos ficaram mais felizes e tranquilos já que saíram sabedores que uma dívida entre milhares, ao menos uma eles começavam a pagar uns com os outros.

Após a reunião, Alexander teve outros encontros com sua irmã, sem a presença de outros para obter uma opinião sincera e honesta nos moldes verdadeiramente aplicados a esta experiência que ainda não saiu de Isabelie, mas sim de um sentimento que leva os homens a desgraça - o orgulho.

Ela não era mulher de voltar atrás, ficaria infinitamente envergonhada caso voltasse atrás à palavra dada ao grupo, e em todas às vezes após a reunião, Isabelie Lagden passou a sinalizar positiva e firmemente sua opinião de que iria reencarnar e ter vida conjugal com Arthur.

07

Promessas no banco da praça.

A reunião feita por Alexander não serviu apenas para discutir os planos reencarnatórios de todos os membros do clã e para persuadir Isabelie Lagden a dar uma oportunidade de reparação a Arthur Bescherelle.

A reunião serviu, sobretudo, para reaproximar todos os envolvidos para que não apenas matassem a saudade dos tempos antigos, mas principalmente para que fizessem entre si seus votos de amor, amizade e fraternidade.

Arthur aproveitou o pouco tempo que tinha antes de sua nova reencarnação para conviver com aqueles a quem amava: Patrice, Anne Louise e Cibele Prisco. Ele esperava resgatar o tempo perdido com aquelas que eram suas filhas do coração em sua última existência.

Contudo, Bescherelle não imaginava que um novo sentimento surgisse depois de conturbada existência. O coração, no entanto, tem razões que a própria razão desconhece e para

surpresa de todos, Arthur e Cibele Prisco se apaixonaram e passaram a fazer planos sobre o futuro.

Então, em um belo final de tarde Arthur Bescherelle e Cibele Prisco caminhavam por uma bela praça da colônia e resolveram sentar em um banco para conversar:

— *Mon rayon de Soleil* (do francês: Meu raio de sol), sei que deverei primeiro reparar meus erros do passado perante Madeleine e Isabelie, mas depois de tudo quero te reencontrar para juntos podermos viver felizes em uma relação madura na qual dois seres se amarão e se respeitarão como irmãos na presença de Deus! – Arthur inicia a conversa.

— Sim meu amor, será um prazer realizar um sonho antigo que eu guardava em segredo. Alexander me disse que antes de te reencontrar, terei que primeiro dar mais uma oportunidade para Pietro ser meu marido – Cibele revela a Bescherelle.

— Sonho antigo? Explique-me melhor *mon chérie*? (do francês: minha querida) – Arthur pergunta surpreso.

— Trata-se de uma longa história, mas vamos lá, afinal este lugar é maravilhoso para conversarmos e refazer nossas ideias. Tudo começou quando eu era ainda muito nova em Verona. Eu desde cedo via em você Arthur como um príncipe encantado, ou melhor, um cavalheiro encantado. Você era meu paradigma de marido ideal. O tempo passava, eu percebia você sofrendo com seu conturbado casamento com Isabelie, mas você somente me via como uma afilhada. Quantas vezes eu chorei por não ser correspondida no amor que eu sentia por você.

— Cibele, você está me deixando emocionado! Eu vivia mergulhado em tantos problemas que nunca pude perceber seus

belos sentimentos por mim. Se eu soubesse disso, eu jamais teria te abandonado na Itália – Interpela Arthur.

__ Não se culpe Arthur, eu fui covarde e não lutei pelo meu amor, antes, eu preferi o caminho da fuga e me casei com um homem a quem eu não amava, Pietro Di Arezzo – Prossegue Cibele.

__ Por isso você repentinamente quis se casar? Pergunta Bescherelle.

__ Sim, mas eu não imaginava que estaria entrando em um verdadeiro inferno, pois não sabia que o irmão de Pietro, Antony Di Arezzo era apaixonado por mim. Ambos começaram a brigar e travar diversas disputas verbais que muito me perturbavam. Pietro se tornara um homem muito nervoso e agressivo comigo. Meu refúgio passou a ser a escolinha da cidade onde eu lecionava, até que nasceu minha querida filha Giulia que passou dar um sentido para minha existência vazia.

__ Mas porque você não me avisou que Pietro e Antony te faziam sofrer? Você sabe que eu te defenderia com unhas e dentes! Exclama Arthur.

__ Era justamente isso que eu temia. Eu preferi sofrer em segredo, pois sabia de seu passado de espadachim e como foram os seus duelos. Eu temia por novas mortes. Logo em seguida você foi para o Brasil me deixando desamparada perante aqueles irmãos desequilibrados. Então, eu preferi me dedicar ao trabalho de alfabetização das crianças carentes da região como forma de ter um novo sentido na vida, e assim eu fiz até o final de meus dias quando adoeci gravemente do coração e desencarnei. Respondeu Cibelle.

__ Como será o desfecho dessa história? Pergunta Bescherelle.

__ Alexander me disse que terei a missão de me casar novamente com Pietro na juventude e ser mãe de Antony como uma forma de resgatar nossa convivência como casal e reconciliar os irmãos. Para me dar apoio nessa tarefa, receberei novamente Giulia como filha- Explica Cibelle.

__ E nosso amor como ficará, pois fiquei sabendo por Alexander que meu relacionamento como casal com Isabelie será muito difícil? – Pergunta com preocupação o francês.

__ Alexander explicou que assim como seu casamento com Isabelie, meu casamento com Pietro não será para toda a vida e que me reencontraria contigo para juntos curarmos nossas cicatrizes da vida e teremos um relacionamento doce e sereno. Nós poderemos então, nos dedicar a nossa reforma íntima e aos trabalhos voluntários na casa espírita.

__ Então vamos fazer um pacto entre nós? Propõe Arthur.

__ Sim vamos! – Responde Cibebe.

__ Vamos fazer um pacto para que custe o que custar vencamos todas as adversidades e nos amemos como todo o casal deve se amar: com muito carinho e respeito! – Exclama Arthur.

__ Sim meu amor, vamos nos amar como se não existisse o amanhã! – Responde Cibebe Prisco.

08

Reencarnação do grupo.

Depois de elaborados os planos reencarnatórios dos membros do grupo, todos os passos na execução desses projetos foram elaborados por Alexander Lagden, sob a supervisão de Lia e Maria Madalena coordenadoras dos burgos Lar Maria de Nazaré e Lar das Flores respectivamente, com o deferimento de Laerte o governador da Colônia Recanto de Irmãos.

Uns estavam mais esperançosos e otimistas, com exceção aos já encarnados. Os mais jovens desejavam missões mais complexas e que somente não lhes foram entregues, não pela falta de capacidade, mas pela disposição daquilo que era mais importante à elevação desses voluntários.

Hoje os que Arthur chama de filhos são espíritos que encarnações mais dolorosas puderam alcançar degraus maiores e atualmente devolvem àquele que chamam de pai o carinho de outros dias.

Dos jovens, apenas Arthur filho parece permanecer em letargia evolutiva.

Todos nasceram e seria possível passar dias a fio, contando cada singularidade de planos reencarnatórios irrelevantes, além das revelações já feitas.

No entanto, para melhor entendimento da história do grupo, os personagens reencarnaram assumindo os seguintes nomes:

Alfred Bescherelle reencarnou em 1937, como Francisco Felício e se casou com Rose Silva. Amelie Bescherelle reencarnou em 1955, como Rose Silva, que se casou com Francisco e teve dois filhos, Amanda e Ricardo Felício. O Casal viveu junto durante 18 anos.

Cibele Prisco reencarnou como Cibele Pereira em 1975, e se casou com Pedro que era Pietro D'Arezzo tendo dois filhos, sendo eles Felipe que foi Antony D'Arezzo e Daniela que foi Giuglia. Cibele e Pedro foram casados durante 17 anos.

Isabelie Lagden reencarnou como Isabela Silva em 1975 e teve dois filhos, Ricardo que foi Arthur Figlio e Helena que foi Anne Louise.

Alexander Lagden reencarnou como Walter Santana em 1980. Madeleine Bouchère reencarnou como Silvia Oliveira em 1979. Silvia foi casada com Ricardo durante 4 anos e mais tarde se casou com Wagner Santana.

Arthur Figlio reencarnou como Ricardo Silva (o Ricardinho) em 1994; Patrice Bescherelle reencarnou como Elisabeth Felício em 1997; Anne Louise Bescherelle reencarnou como Helena Felício em 2005.

Arthur Bescherelle tentou reencarnar sem sucesso em 1975 e finalmente reencarnou como Ricardo Felício em 1977.

E a vida prossegue sempre...

Quinta Parte

O Presente

01

O Despertar para a realidade.

Era o mês de abril de 2012.

A Páscoa tem o significado de renovação, renascimento ou libertação da escravidão. Foi isso o que aconteceu com Ricardo Felício durante a páscoa.

Os encontros mediúnicos com César Hanzi, o porta-voz da Colônia Recanto de Irmãos, fizeram uma verdadeira terapia de regressão às vidas passadas com Ricardo Felício que passou a entender tudo o que acontecia em sua vida.

Ricardo Felício compreendeu que uma nova etapa em sua vida começava e seria uma etapa de renovação íntima e trabalho edificante na Seara do Mestre. Ele finalmente se conformou com o fim de seu casamento com Isabela que na verdade nunca o amou de verdade tampouco o respeitou.

Felício descobriu finalmente que Isabela prosseguia com suas relações adúlteras, descobriu também que a separação do casal era um ato premeditado por Isabela que queria apenas vantagens materiais. Ricardo compreendeu que a sua ex-mulher preferiu o caminho da vingança ao invés do caminho do perdão e reparação.

Finalmente, Ricardo deixou de se considerar como vítima e passou a se ver como responsável por tudo o que ocorreu em sua vida.

Com relação à Isabela sua missão seria dali por diante a de perdoá-la e vê-la como uma irmã perante Deus. Então, Felício ingressou com o pedido de divórcio com cláusulas que não prejudicassem sua ex-esposa e filha, pois queria apenas recomeçar sua vida sem prejudicar a ninguém.

Depois de sua separação com Isabela, Ricardo começou a compartilhar mais tempo com suas filhas Elisabeth e Helena aos finais de semana. Pai e filhas finalmente começaram uma nova relação, uma relação de amizade e carinho. Embora ficassem pouco tempo juntos, melhoraram a qualidade desse tempo em passeios a parques, shoppings, casas de parentes, etc.

Elisabeth ao invés de ocupar um papel de filha, passou a ocupar papel de amiga de seu pai ajudando-lhe em sua nova etapa com conselhos. Além disso, passou a ajudar seu pai no trato com a pequena Helena, dialogando com a irmãzinha para que aceitasse a separação de seus pais.

Seguindo boas intuições de seus amigos espirituais, Ricardo voltou a freqüentar novamente o Centro Espírita Caminho da Luz, onde reencontrou com Cibele Pereira que passou inicialmente a ser uma amiga e conselheira.

Durante o feriado de Páscoa começaram a namorar, fato que fez Ricardo Felício um homem mais forte para prosseguir sua caminhada. Ricardo e Cibele passaram a trabalhar juntos nos trabalhos voluntários da casa espírita.

Cibele Pereira por sua vez, era uma mulher mais experiente na vida, pois experimentara o divórcio três anos atrás. Ela foi casada com Pedro que na existência anterior fora Pietro D'Arezzo. Eles viveram 17 anos juntos com a missão de resgatar a difícil

convivência que tiveram em Verona. Antony D'Arezzo que na época foi o irmão de Pietro nasceu da união do casal como oportunidade para transformar em amor os ciúmes que sentia pelo casal Pietro e Cibele. Como a providencia divina não apenas cobra os débitos do passado, mas também fornece os meios para tal, permitiu que Giuglia D'Arezzo renascesse novamente como filha do casal, sendo batizada como Daniela Pereira que veio ao mundo para dar apoio à sua família.

Com conhecimento de causa, Cibele Pereira ensinava a Ricardo:

— Pare de se lamentar pelo passado. Você tem que aprender a ser amar e se valorizar mais. Aprenda que não podemos mudar as pessoas, pois nunca conseguiremos. Na verdade nós que precisamos nos mudar para melhor. Não seja leviano com os corações dos outros e nem permita que os outros sejam levianos com seu coração. Você é uma pessoa maravilhosa que não merece ficar assim deprimido. Tudo na vida é oportunidade de aprendizado. Você não é um derrotado, mas sim um vencedor, pois aprendeu muito com tudo o que aconteceu na vida.

Ricardo respondia:

— Sim meu amor, você está coberta de razão. Deus é tão bom que me deu a oportunidade de resgatar meus erros do passado sentindo na pele o que eu fiz os outros passarem. Agora que amadureci eu não preciso aprender pela dor. Posso aprender por meio do trabalho voluntário em prol do próximo no centro espírita. Para começar, publicarei meu livro-regressão que servirá para ajudar a muitas pessoas que não precisarão cometer os mesmo erros que eu cometi. Elas poderão aprender com meus erros e acertos.

— Então, viva nosso amor! Concluía o casal.

02

Reuniões esclarecedoras.

Ricardo se tornara um novo homem.

O trabalho de redação de seu livro regressão serviu para que renovasse sua esperança tornando-se mais otimista com o porvir.

Depois de muita reflexão sobre suas experiências sob a roupagem de Arthur Bescherelle, sua passagem pela Colônia Recanto de Irmãos e suas consequências sobre esta vida presente, Ricardo tomou novas resoluções em sua vida.

Ricardo aprendeu que para conseguir novos resultados seria necessário assumir novas atitudes perante a vida. Decidiu deixar de sentir-se como vítima ou como culpado pelo passado. Decidiu tomar uma postura mais proativa diante de sua vida, passando a ser o senhor de seu destino seguindo a seguinte receita: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

O trabalho voluntário no centro espírita, bem como a boa convivência com as pessoas que estavam em sua vida seria o início dessa nova etapa em sua vida.

Quinzenalmente Ricardo Felício convidava o médium Miguel, bem como amigos do centro espírita como Wilson, Cibele,

Jorge, Rogério e Glauber para reuniões mediúnicas em seu apartamento.

Nessas ocasiões que evocavam o benfeitor César Hanzi para levantamento de dados para o livro, bem como para tirar dúvidas sobre a Doutrina dos Espíritos.



(César Hanzi – desenhado pelo médium Wilton Oliver)

Hanzi sempre comparecia às reuniões com boa vontade e respondia os quesitos não em tom professoral, mas como um amigo que se tornara de todos os presentes.

Em uma das reuniões Ricardo perguntou ao porta-voz da colônia Recanto de Irmão:

__ Hanzi fale sobre nosso envolvimento com o projeto do Portal Luz Espírita feito na Colônia?

César Hanzi responde:

“Não apenas estavam sendo preparadas novas reencarnações para o grupo afim, paralelamente estava sendo elaborado um projeto muito importante para a Colônia Recanto de Irmãos: A Fraternidade Luz Espírita.

Alexander Lagden reencarnou como Walter e se dedicaria pelo grupo nos bastidores, enquanto a direção espiritual do grupo ficaria sob responsabilidade de Lia, a coordenadora do burgo Lar Maria de Nazaré.

Miguel que era o porta-voz da colônia deveria reencarnar com a missão de ser médium da Fraternidade Luz Espírita recebendo o mesmo nome, Miguel, e passaria sua responsabilidade para o recém egresso na Colônia César Hanzi que receberia importantes responsabilidades como porta-voz e protetor do grupo recém reencarnado.

Bell e Lopes naquela época estavam com Miguel na Colônia. Um já estava encarnado e só teve conhecimento da obra quando Miguel estava ligado àqueles que seriam sua família.

Você Ricardo, tomou conhecimento conforme sua intuição já lhe grita por meio de encontros oníricos quando finalmente a pasta com as instruções iniciais desse trabalho foram por mim compreendidas. Em simpatia de tarefas e forte lógica de implantação foi que Laerte, nosso diretor, nos permitiu as experiências oníricas.

Entretanto, os amigos já encarnados antes de minha preparação para ser o porta-voz desse programa, foram

acompanhados desde a infância porque este acompanhamento e toda a história desta vigília me serviriam de orientação e aprovação para este trabalho.

Se ao longo de suas infâncias e juventude e para o mais velho para a vida adulta, se nosso comportamento não fosse bom para os espíritos e o trabalho ficasse inviável, teríamos de transferir o projeto para outra entidade espírita apta.

Não fomos os primeiros por acaso, nós somos simplesmente a primeira fagulha de um grande trabalho e desejamos muito que o fogo se acenda e temos pressa e vontade que isso aconteça. Como estamos sujeitos à limitação da matéria e suas limitações, cabe-nos esperar pela providência divina superior em graus de conhecimento.

“Todos vocês tiveram encontros oníricos, e somente sabiam das preliminares desse trabalho que apresentam reflexos que transcendem nosso planejamento que nos deixam orgulhosos e felizes por fazer parte dessa parceria.”

— Muito obrigado pelos esclarecimentos – Agradece Ricardo Felício.

Então, Glauber, amigo de Ricardo, toma a palavra e pergunta:

— Hanzi, Por que os envolvidos na história escolheram o Brasil?

O benfeitor prontamente respondeu:

“Brasil – Coração do mundo, pátria do evangelho. Os espíritos do velho mundo foram trazidos para o Brasil para se refazerem no âmbito moral naquilo que mais lhe apontam a inferioridade. Porque o Brasil seria a única pátria cujo sincretismo permite a liberdade de crenças e o ecumenismo regado de inteligência, bem como a vontade de evolução moral desses irmãos.

O Brasil é o país que hoje e no futuro atuará como a Jerusalém de antigamente da mesma forma que a África foi incumbida de ser o berço de Jesus (Egito – durante sua fuga às perseguições de Herodes).

Nosso país foi escolhido para ser o abrigo do evangelho de forma libertadora e racional e não é à toa que a República Federativa do Brasil é a única pátria que abriga o Espiritismo. Vale dizer que aqui não temos outra religião que a do amor. E nessa afinidade tenho o prazer de ser ligado ao Espiritismo.

Não diminuindo o valor das outras religiões, enfatizo que todas atuam livremente no Brasil para receber com amor aqueles que aqui vieram e se sentem amparados.

Jesus sabiamente escolheu esse local não só pelas belezas naturais, mas por sua jovialidade, sua infância diante das outras nações do mundo antigo.

Como as crianças são puras e mais abertas ao conhecimento, o Brasil criança, está sim neste campo de infância e da pureza e a voar, amados amigos.

Isso tem grande responsabilidade e peso, porque as crianças estão abertas a toda informação boa ou má e nós que temos a boa educação cristã não devemos nos omitir e assumir o pessimismo.

Entendam que são vocês os responsáveis pela limpeza e quando escolhestes não coletar o lixo da rua, passa a partilhar da mesma sujeira, não adiantando dizer que os outros são mal-educados. Os espíritos mais elevados dirão – o que fizeram com o que lhe foi confiado. Amor e esclarecimento e não partilha de seus defeitos.”

Em outra reunião, Ricardo e seus amigos foram presenteados com uma visita especial, pois Lia a coordenadora do burgo Lar Maria de Nazaré da Colônia Recanto de Irmãos compareceu através da médium Alessandra.

Então por gostar do trabalho de musicoterapia na casa espírita Ricardo Felício propõe um estudo sobre o tema e pergunta à Lia:

— Lia fale um pouco sobre a musicoterapia durante o momento de aplicação do passe espírita!

A benfeitora responde:

“A música durante o trabalho dos passes é importante para a dissipação das energias negativas do ambiente, trazidas por encarnados e desencarnados, em situação de desequilíbrio, e que adentram a sala de passe com dúvidas sobre o que vão receber. Ela dissipa as energias negativas e promovem o refazimento de energias positivas. Os fluidos são reciclados pelos acordes, retornam para o fluido cósmico universal mais saudáveis- Aduz Lia.

Ela não nos atrapalha porque nós trabalhamos pelo Cristo, interligados pelo amor e nada nos atrapalha. Vocês encarnados é que conseguem se atrapalhar.

Os acordes dissipam as energias trocando pensamentos inúteis por pensamentos elevados limpando alma e coração. Quando se canta se entoa em uma só voz unimos pessoas na mesma canção.

“A Música lava a alma e permite sua ligação com Deus, por isso ela deve ser implantada em todas as casas espíritas”.

A fim de ouvir outra opinião sobre o assunto, Ricardo faz a mesma pergunta para César Hanzi que de bom grado responde:

“A música serve como foi dito por Lia para absorver as energias insalubres ou dissonantes com o ambiente. Para os

encarnados serve para colocar um rumo em suas atenções. Serve de vínculo para todos, fazendo que se mantenha um único pensamento.

Todas as artes indiscutivelmente pela beleza intelectual são inspiradas por todo o universo espiritual.

Entretanto, a música é como grande arrebatadora de almas, como disse Lia, a música lava as almas e não é porque é somente bela, mas porque de todas as artes, ela não é estática, possui movimentos.

As notas vibram não somente o ar, mas tocam os corações e cantadas com força e sentimento elas chocam-se nas linhas fluídicas da Terra e no caso da Casa Espírita chocam com o ambiente proporcionando mais dinamismo nos trabalhos.

Quando vamos para as regiões mais escuras, encontramos impulso na música celeste. Benfeitores superiores se comunicam pela melodia com vozes ligadas ao Criador.

A música é eficaz apoio aos trabalhos de passes, pois canaliza a doação magnética feita em conjunto pelos dois planos. “Cantar é orar duas vezes”.

Poucos dias antes do feriado dos dias das mães, Wilson participou da reunião mediúnica na casa de Ricardo Felício e lhe fez um convite intuído pela espiritualidade:

— Que tal você fazer a exposição do evangelho no feriado dos dias das mães? Será uma boa ocasião para você ajudar um irmão que você ofendeu no passado. Este irmão vem comparecendo nas reuniões mediúnicas da casa se identificando ora como François, ora como “Estrangeiro” e diz que ainda não

acredita na sua renovação nem na sinceridade de suas preces lhe pedindo perdão.

__ Eu aceito o convite de bom grado. Também continuarei a fazer minhas preces para este irmão para que ele me perdoe pelo que fiz no passado e perceba que não sou mais Arthur Bescherelle.

__ Ótimo Ricardo, na ocasião da palestra faça uma homenagens às mães deste plano e também do plano espiritual, pois a mãe de François certamente comparecerá ao trabalho e quem sabe ele possa aceitar novas ideias.

03

O Resgate de François.

Após o convite de Wilson, Ricardo Felício começou a se preparar para fazer a exposição do Evangelho no Centro Espírita no Dia das Mães. O tema da palestra seria – A Mãe Espírita.

Ricardo além de fazer a habitual pesquisa para a elaboração do discurso começou a envolver François, o “Estrangeiro”, em preces com pedido de perdão pelo mal que lhe fizera no passado.

Como o tema do dia seria uma homenagem às mães, Ricardo pedia a Deus que na ocasião a mãe de François também comparecesse na reunião.

Indignado ante as boas intenções de Felício, François disse resolutivo:

— Chega de palhaçada! Eu não acredito em sua renovação Arthur! Eu não acredito na sinceridade de seu pedido de perdão! Agora chegou o momento de encerrar minha vingança. Vou reunir todos os meus capangas para te subjugar e levar à loucura diante de todos do centro espírita. Você morrerá esquecido em um manicômio da mesma forma que morreu Isabelie! Nada me deterá! Há! Há! Há!

Chega finalmente o Dia das Mães, Ricardo depois de visitar sua mãe Rose Silva, se dirige para o Centro Espírita.

O trabalho é iniciado com uma prece inicial, Ricardo entoia algumas canções em homenagem a Maria Mãe de Jesus e inicia a palestra:

“Querido Irmãos,

Que a paz do Mestre Jesus permaneça sempre em nossos corações!

O tema do Evangelho de hoje é Mãe Espírita...”

Ricardo fala sobre a missão da Mãe Espírita: ser uma representante de Deus na Terra cuidando e orientando os espíritos que reencarnaram sob sua responsabilidade.

Felício destaca também que o papel da Mãe Espírita é educar aqueles que serão um dia adultos e irão compor a sociedade dizendo que se queremos uma sociedade mais honesta e fraterna, isso dependerá da educação que damos aos nossos filhos.

O palestrante ressaltou que a diferença entre a mãe espírita e as demais é o conhecimento da exata dimensão de sua responsabilidade sobre a educação de seus filhos, tendo o dever de ensinar as verdades do Cristo.

Durante a exposição do tema, Ricardo mantinha sua mente em constante prece e mentalizava François, rogando a Deus que sua mãe viesse reencontrá-lo para seu resgate.

Para concluir sua palestra, Ricardo recitou o poema *Mãe* ditado pelo espírito Maria Dolores a Chico Xavier:

*“Quero, Mãezinha, agradecer-te, em festa,
por tudo o que me dás ao coração,
entretecer-te uma canção modesta, mas todo
esforço é vão...
Se pudesse dizer à gratidão que sinto por
teu santo carinho protetor, precisaria conhecer
na essência toda a glória do amor.
Tens o segredo da Bondade Eterna, Deus me
acena e sorri por tua face... Não há sábio no
mundo que defina o Sol quando aparece,
o lírio quando nasce!... Falar de ti,
mostrar-te? isso seria como explicar a
terra, olhando a Altura, a doce maravilha de
uma estrela a guiar o viajor em noite escura.
Converto em prece o reconhecimento, que de
meu peito humilde extravasa, rogando ao Céu
te envolva em rosas de ventura, anjo
sustentador de nossa casa!... Deus te
guarde Mãezinha, pelo berço, descuidado e
risonho, em que me acalentaste para a vida,
como flor de teu sonho. Deus te engrandeça
pelos sacrifícios e pelos sofrimentos que te
impus, quando em pranto escondido te arrasavas
por ser minha luz. Deus te compense pelas
noites tristes de aflição que te dei, pelo
perdão de tantas vezes, tantas !...
Quantas foram, não sei ...
Deus te enalteça a fonte de ternura, que*

*nunca se abandona e nem se cansa, pelo cuidado
com que me restauras, ante o dom do trabalho
e a força da esperança ! Perdoa se te oferto
unicamente, na minha devoção de todo dia,
o meu ramo de flores orvalhadas nas lágrimas
que choro de alegria ! Com júbilos divinos,
Mãe querida, que a Celeste Bondade te coroe !...
Por tudo o que nos dás nos caminhos da vida,
Deus te exalte e abençoe !...*

Se para os frequentadores encarnados o ambiente era de paz e tranquilidade, o mesmo não ocorria entre os frequentadores desencarnados, pois uma legião de espíritos comandados por François conseguiu varar as guarnições e invadiu o local.

Toda a equipe de trabalhadores ligados à Colônia Recanto de Irmãos se reuniu para fazer uma corrente de preces pedindo socorro ao Pai Maior e fizeram um escudo fluído em torno de Ricardo para que este não fosse interrompido durante a exposição do Evangelho.

Por sua vez, François estava ligado ao ódio e vingança em tristeza por não se libertar desses pensamentos. Cansado de tanto se lamentar nesses sentimentos ele conseguiu por mérito próprio imuniza-se a qualquer afetividade. Isso causou grande dificuldade aos amigos que visavam socorrê-lo tentando entrar em sua jaula de emotividade.

Então, seguindo a intuição dos trabalhadores da Colônia Recanto de Irmãos, Ricardo começou a solicitar em seus pensamentos com grande veemência a presença da mãe de François para fazê-lo lembrar que ele um dia soube amar.

Esses breves segundo, transformaram-se em tempo quase infinito para a prática do amor e aproximação daquele que

queriam socorrer. Porém, François afastava-os aproximando-se apenas daqueles que lhe inspiravam vingança.

No momento em que Ricardo pegou suas anotações para ler o poema *Mãe*, François grita:

— Arthur você não conseguirá fugir de minha ira! Os filhos do Cordeiro não serão páreo para os Dragões! Breve nós iremos romper essa barreira fluídica e te destruiremos! – Berrou François.

Quando o “Estrangeiro” estava prestes a dar ordem ao ataque, um grande clarão iluminou o recinto.

Lia a coordenadora do Burgo Maria de Nazaré da Colônia Recanto de Irmãos, e sua equipe materializaram-se entre a corrente que protegia Ricardo Felício e a falange de François.

François arregalou seus olhos, pois não acreditava no que via. Ele não imaginava que um dia ficaria novamente diante daquela que fora sua mãe em sua existência anterior.

O “Estrangeiro” caiu de joelhos no chão aos prantos e disse:

— *Maman! Ma petite mère, je jamais pensais que vous trouveriez. Pardonnez-moi pour marcher dans la voie du mal!* (do francês: Mamãe! Minha mãezinha, eu jamais pensei que te encontraria novamente. Perdoe-me por andar no caminho do mal!).

Desorientados, os espíritos da legião de François começaram a correr em retirada deixando seu líder para trás, pois não suportavam a grande luz que Lia irradiava.

Emocionada e cheia de amor Lia se dirige ao filho:

“Filho! Seu ódio não te levará a lugar algum, apenas te manterá em ambiente penoso, insalubre e covarde, onde o medo impera e você em seu íntimo não deseja ficar.

“Mon petit François, Não há um oceano de maldade que uma gota de amor não pode despoluir”. Lembre-se que um dia você amou alguém de forma fraterna e assim poderá finalmente se esquecer do mal que foi vítima.

Perdoe Arthur Bescherelle! Seja seu irmão!”

Depois dessas palavras, François toma coragem, levanta a cabeça e olha para sua mãe que pôde depois de muitos anos entrar em seus sentimentos mais profundos.

Lia teve a chance que esperava havia muito tempo. Então, a benfeitora aproximou-se de seu filho e conseguiu tocá-lo vendo além de seu espírito machucado pelo ferro, uma esperança que brotava do fundo de sua alma.

A coordenadora do Burgo Maria de Nazaré conseguiu senti-lo como se fosse à primeira vez.

Os corações nesse momento, por meio da sintonia da perda, ensinam que não importando o tempo, nunca é tarde para o Criador. Nunca é tarde para podermos perdoar e continuar.

— François, você sabe que pode contar comigo e com o amor e carinho de todos que compartilharam sua história – Lia sussurra aos ouvidos do filho.

— Mãezinha, te agradeço o amor que não tenho experimentado e o carinho que há muito não tenho sentido. Leva-me contigo! – Responde François.

Antes de partir levando o filho para o hospital ligado à Casa Espírita Lia fala para todos os presentes:

“A doutrina espírita é muito mais que meros rituais. Ela é dos espíritos e não dos espíritas. Ela visa o melhoramento moral. Sua proposta vai muito mais além do que compreendem.

Quando ultrapassamos as barreiras entendemos o papel dela.

Espíritos esclarecidos não gostam de rédeas. Modificam para melhor o que acham que pode ser melhorado. Estamos preocupados com a transformação do planeta e esquecemo-nos de nossa própria transformação.

Foi de grande importância a participação de Ricardo Felício no resgate de François. Meu filho não acreditava que aquele que um dia lhe tirou a vida com uma espada lhe pedisse perdão lhe estendendo suas mãos para que ele continuasse.

François ouça bem, tuas feridas ainda estão abertas como um troféu do duelo, no entanto, um dia elas vão cicatrizar. Elas são a prova de que você foi ferido e agora está vivo!

François olhe para frente e abrace as pessoas como se fosse à última vez!

O sofrimento não enaltece nem faz que sejamos melhores, só demarcam nossa vida com um ponto final.”

04

Esperança.

O tempo corria célere, pois Ricardo estava terminando a redação de seu livro no mês de Agosto de 2012.

Felício seguia sua jornada com grande esperança em dias melhores, pois sabia que sua vida seria dedicada para as abençoadas tarefas do trabalho profissional, estudo e servindo ao próximo nas atividades no Centro Espírita e portal Luz Espírita

Faltava apenas mais um encontro mediúnico para concluir o trabalho. Nessa ocasião, Ricardo pergunta a César:

— Amigo Hanzi qual o balanço entre as existências dos personagens Arthur e Ricardo?

Hanzi responde gentilmente:

“Positivo, não por elogio, mas por acreditar na lei da evolução, se disser que não, negligenciaria. Ainda pode alcançar mais desde que se dedique mais a própria moral e esquecimento de si próprio.

Dizer que não se pode crescer muito ao ponto da santidade em uma única encarnação é algo pessimista, mas é possível, no entanto, nos limitamos à permanência no estágio mediano.

Se teu progresso tem se mostrado aparentemente ínfimo aos olhos da carne, aos olhos da alma é de grandeza indizível e assim com uma boa parte daquele que verdadeiramente se entrega às tarefas do bem, sem tratá-lo com segundas intenções ou a título de permuta.

Porque aquele que faz o bem esperando algo, não o faz naturalmente, mas terá benefícios porque toda a boa ação recebe sua recompensa.

Evoluir não implica somente praticar atos benévolos, implica em praticá-los de forma mais honesta que for possível.

Quem assim procede, dá grande passo, mas ainda não compreende a santidade das palavras de Jesus que estão nos estágios da bondade e amor de Deus. Crescemos incessantemente em nano segundos que sejam, porque esta é a vontade de Deus crescer sempre.

Saldo sempre positivo.

Se a diferença de um estágio para outro será grande ou ínfimo, depende não apenas de nosso comportamento em toda a existência física, pois o ser evolui nos dois mundos.

Enquanto Ricardo reconhece que não fora o melhor dos seres em outras vidas, o peso de sua responsabilidade o conduz com todas as suas forças no caminho do amor e da entrega em nome de Deus. Se não tudo isso que escrevemos será perda de tempo, mesmo que para os leitores não o seja.

Haverá de ser por tudo na personificação da singularidade de cada um que destas reuniões participou, inclusive eu, carecidos de passos mais firmes no caminho de Jesus, se fui solicitado par este trabalho foi para aprendizado.

De forma franca e direta, digo que toda essa regressão lhe fora possibilitada com o objetivo de te transformar naquele ser que teu ânimo deseja alcançar.

Entretanto, se o corpo inanimado oferece resistência, e o meio que tu fora colocado construir um muro, se esses muros e o peso da matéria vencerem, a vontade da alma tornará a missão

como incompleta, mas nunca sem a possibilidade de retornar e retomar seu crescimento.

É bom que tenhamos sempre a consciência de que estamos inseridos em um grupo chamado humanidade e todas as nossas ações tem reflexos arrebatadores ou destruidores em toda a humanidade.

Tomando isso como verdade e nos comportando da melhor forma possível estaremos efetivamente no melhor rumo: o amor e a evolução.”

Após um momento de reflexão, Ricardo prossegue a reunião perguntando:

__ como está François?

Hanzi responde:

“É recente, não vou dizer a aceitação, mas a comunhão de ideias novas que lhe foram ofertadas. Em um tão grande histórico de grande amargura é necessário que se desfaça todas as costuras defeituosas do perispírito que levarão mais ou menos tempo longo para reencarnar.

François é um amigo de grandes potencialidades e não seria salutar a ele impor a reencarnação compulsória. “Será melhor aguardar seu refazimento completo e mais fraterno do bem para que ele mesmo por si próprio escolha voltar a reencarnar.

Graças a Lia, mentora do grupo e coordenadora do burgo Lar Maria de Nazaré, François foi resgatado por essa entidade bondosa, que fora sua mãe, durante sua exposição do evangelho no dia das mães.

A mãe é a mais justa representação em que podemos ilustrar o amor do Cristo: este é o amor de mãe pelo filho. Não exclui o amor dos pais, apenas evidencio a emanção geradora da vida na Terra que é a ferramenta de Deus para dar à luz seres para honrosa experiência.

Quando estiverem em comunicação com espíritos ainda sofredores utilizem-se dessa ferramenta lembrando amigo comunicante de seus laços na Terra. Lembrando-o de sua mãe, pedindo que esta mãe esteja em condições mais elevadas e se disponibilize para que auxilie seu filho. “Recebemos muito auxílio quando imploramos por nossas mães ao deixar o plano físico.”

__ Tenho uma boa notícia para lhe dar! Exclama Hanzi.

__ Qual? Pergunta Ricardo Felício.

__ A Lia pediu para avisar o amigo que breve você e François serão parceiros de trabalho nas atividades da casa espírita e juntos escreverão um novo livro em continuação do que acabamos de escrever – Responde Hanzi.

__ Ficarei honrado em participar dessa parceria! Não vejo a hora de François se recuperar para que possamos iniciar nossos trabalhos. Quem sabe falaremos sobre nossa existência em comum como Rubem e François na França do Século XIX! Exclama Ricardo com alegria.

__ Amigo Hanzi, antes de encerrarmos nossa reunião, qual lição poderíamos deixar aos leitores no término deste livro? Pergunta Ricardo Felício.

05

Por que o perdão impera?

César Hanzi responde a última questão feita por Ricardo Felício:

_Ricardo, leia por gentileza o Capítulo 10 do Evangelho Segundo o Espiritismo, item 14 - Instrução dos espíritos- Perdão das ofensas.

O anfitrião da reunião lê:

PERDÃO DAS OFENSAS

14. Quantas vezes perdoarei a meu irmão? Perdoar-lhe-eis, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Aí tendes um dos ensinamentos de Jesus que mais vos devem percutir a inteligência e mais alto falar ao coração. Confrontai essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que ensinou a seus discípulos, e o mesmo pensamento se vos deparará sempre. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: perdoarás, mas ilimitadamente; perdoarás cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensinarás a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; serás brando e humilde de coração, sem medir a tua mansuetude; farás, enfim, o que desejas que o Pai celestial por ti faça. Não está ele a te perdoar freqüentemente? Conta porventura as vezes que o seu perdão desce a te apagar as faltas?

Prestai, pois, ouvidos a essa resposta de Jesus e, como Pedro, aplicai-a a vós mesmos. Perdoai, usai de indulgência, sede

caridosos, generosos, pródigos até do vosso amor. Dai, que o Senhor vos restituirá; perdoai, que o Senhor vos perdoará; abaixai-vos, que o Senhor vos elevará; humilhai-vos, que o Senhor fará vos assenteis à sua direita.

Ide, meus bem-amados, estudai e comentai estas palavras que vos dirijo da parte d’Aquele que, do alto dos esplendores celestes, vos tem sempre sob as suas vistas e prossegue com amor na tarefa ingrata a que deu começo, faz dezoito séculos. Perdoai aos vossos irmãos, como precisais que se vos perdoe. Se seus atos pessoalmente vos prejudicaram, mais um motivo aí tendes para serdes indulgentes, porquanto o mérito do perdão é proporcionado à gravidade do mal. Nenhum merecimento teríeis em relevar os agravos dos vossos irmãos, desde que não passassem de simples arranhões.

Espíritas, jamais vos esqueçais de que, tanto por palavras, como por atos, o perdão das injúrias não deve ser um termo vão. Pois que vos dizeis espíritas, sede-o. Olvidai o mal que vos hajam feito e não penseis senão numa coisa: no bem que podeis fazer. Aquele que enveredou por esse caminho não tem que se afastar daí, ainda que por pensamento, uma vez que sois responsáveis pelos vossos pensamentos, os quais todos Deus conhece. Cuidai, portanto, de os expungir de todo sentimento de rancor. Deus sabe o que demora no fundo do coração de cada um de seus filhos. Feliz, pois, daquele que pode todas as noites adormecer, dizendo: Nada tenho contra o meu próximo. Simeão. (Bordéus, 1862.)

Hanzi agradece pela leitura e aduz:

“Pai perdoa as nossas ofensas como perdoamos a quem nos tem ofendido”. Ensina-nos Jesus que devemos nos atentar para o sentido dessa palavra.

Cautela ao proferir a prece que o mestre nos deixou, entretanto, como disse ainda que compreendamos o perdão em sua sublime e verdadeira definição. Temos ensaiado esse comportamento não cristão, mas divino (para não negar a dádiva do perdão aos não cristãos).

O perdão deve ser entendido como não se magoar. Porque Deus não se magoa? Porque ele é perfeito.

Quais os atributos de um ser perfeito?

Como um sábio da antiguidade certamente falou “o homem é a medida de todas as coisas” eu digo que “Jesus é a medida de todos os homens”.

Todos os seus atos e ensinamentos nos demonstraram o ser divino, não para nos salvar dos pecados, pelo seu sofrimento, mas para nos libertar da ignorância.

Por isso o orgulho e egoísmo devem ser ausentes em nós.

O perdão não é um item das leis imutáveis porque haverá o dia em que os habitantes da Terra deixaram esse estágio tão aviltante e não ofenderão mais os seus semelhantes, e não havendo mais feridas e conflitos, descartada será a necessidade do perdão.

Porém em nosso estágio o perdão é o ato mais caridoso que podemos dispensar ao nosso próximo. Isso Jesus nos deixou evidente no Evangelho dizendo que antes de entregar a oferta no altar devemos nos reconciliar, não apenas com palavras, mas com o coração para que na prece possamos dizer: “Pai perdoa-me porque aprendi a perdoar”.

Porque aquele que perdoa não carece de solicitar perdão a Deus porque foi automaticamente perdoado. Aquele que perdoa tem

a obrigação de pedir a Deus que aquele que foi perdoado siga o seu caminho sem ofender outros na estrada.

*Laerte, governador de nossa colônia, define a vida na Terra em uma palavra que transformamos na sigla **VIVER** que significa Valor Insofismável da Verdade **E**spiritual de **R**enunciar.*

Sugestão para um ponto de reflexão na Terra. Toda a moral da história, não onde se encerra, onde recomeça: que Deus nos coloca as dificuldades não para nos fazer sofrer, mas para que olhemo-las e aquele que julgamos uma pedra no sapato e façamos a pergunta – será que não somos nós a pedra no sapato dessa pessoa impedindo-lhe a caminhada? E peçamos-lhe o devido perdão. Então, passaremos a olhar toda a provação como um presente de Deus, porque ela é que sustenta a nossa pirâmide de reencarnações, pois sem esses tropeços não teríamos cautela e assim aprendemos com a dor, pois ainda não sabemos aprender com a dor de nosso semelhante, de modo que precisamos sentir na pele própria pele a dor para o aprendizado.

Aquilo que sofremos não é por punição e sim por amor de Deus que a permite para aprendizado e para nossa auto superação.

“Perdoar é abraçar aquele irmão que nos ofendeu, como Deus nos abraça.”

Após a bela explanação do benfeitor, Ricardo faz a última pergunta da reunião:

— Amigo Hanzi, do texto do Evangelho Segundo o Espiritismo que acabamos de ler, qual o trecho que devemos nos atentar?

César responde:

Atentando-nos a um trecho que convida os espíritas, ênfase os espíritas, a praticarem o verdadeiro perdão e que essas palavras de amor e indulgência não sejam expressões vazias em nossas bocas.

Perdoar da mesma forma que desejamos ser perdoados e amar da mesma forma que desejamos ser amados, pois Deus nos ama.

Caso contrário, nossa permanência em ciclos dolorosos haverão de se estender pela falta de coragem de nos assumirmos como seres divinos e não como personagens que vestem máscaras de vilões, homens do mal.

Somos bons e assim devemos ser. Enquanto apenas falamos, repetimos e parafraseamos Jesus, não estaremos crescendo e fazendo crescer nossos irmãos.

Quando colocarmos Jesus no centro, colocando suas palavras em ação, estaremos ajudando Deus, nosso pai, a construir moradas mais elevadas em todo o universo.

Deus espera colaboração honesta, verdade adorável e doçura com entrega e não amargura.

Jesus não está no trono esperando por nós e vendo nosso sofrimento. Ele visita todas as moradas da Terra e lideranças espirituais. Hoje ele grita dentro de nossas almas para que todos nos entreguemos aos conhecimentos do mundo espiritual.

“Ouça a voz de Jesus - se entregue ao trabalho que ele nos confia.”

Após as sábias instruções, os amigos encerraram a reunião com uma bela prece feita por Ricardo Felício em agradecimento a Deus pela dádiva da vida e seu aprendizado:

Pai de infinita bondade somos gratos por tudo que fizestes por nós. Somos gratos pela benção da vida na Terra que é uma dádiva valiosa para nosso aprendizado.

Obrigado senhor pela indulgência com nossas falhas e pela divina lição do perdão. Senhor nos ensina a viver verdadeiramente os exemplos do Cristo, dentre eles o de fazer ao próximo aquilo que gostaríamos que fizessem conosco.

Educa-nos para que aprendamos a lidar com nossos sentimentos de forma que nos momentos difíceis saibamos dar nosso bom testemunho perante nossos irmãos.

E por fim, te agradecemos pela bendita oportunidade de trabalho que nos faz úteis aos nossos semelhantes e pela esperança de que teremos dias melhores.

Obrigado senhor por sua lição de amor.

*“Pai nosso que estais nos céus,
Santificado seja o vosso nome,
Venha a nós o vosso reino,
Seja feita a vossa vontade,
Assim na terra como nos céus,
O pão nosso de cada dia nos daí hoje,
Perdoai as nossas ofensas
Assim como nos perdoamos a quem nos tem ofendido
E não nos deixeis cair em tentação,
Mas livrai-nos do mal.*

“Que assim seja.”

DA FRANÇA COM ESPERANÇA narra a história do Don Juan francês Arthur Bescherelle, um verdadeiro alpinista social, que viveu uma vida desregrada não tendo escrúpulos para atingir aos seus objetivos materialistas: Enganou mulheres visando seus ricos dotes, envolveu-se em aventuras amorosas, enfrentou adversários em duelos, foi para a Segunda Guerra transferindo-se para a Itália e depois fugiu para o Brasil.

Apesar de escapar ileso das leis humanas, Arthur não escapou das leis divinas, passou por estágio regenerador no plano extrafísico e reencarnou como o trabalhador espírita Ricardo Felício que sentiu na pele os efeitos de seu passado delituoso para então aprender que somente pelo exercício do perdão e trabalho voluntário encontrará um novo sentido existencial.

Em **DA FRANÇA COM ESPERANÇA** o Leitor encontrará importantes ensinamentos a respeito da pluralidade de existências, ou seja, das reencarnações e suas finalidades: A Evolução do Ser. Este romance foi elaborado em um trabalho de parceria de dois autores, Rodrigo Felix da Cruz deste plano e de César Hanzi, da Colônia Recanto de Irmãos, situada no mais além.

Do Autor:

RODRIGO FELIX DA CRUZ é bacharel e licenciado em Letras Português/Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente, dedica-se ao estudo da Doutrina Espírita escrevendo ensaios como *O Perispírito*, *O Pensamento*, *O Espiritismo em Movimento*, *A Música na Casa Espírita*, *A Fé na Casa Espírita*, *A Manutenção da Casa Espírita*, *A Tecnologia da Informação no Espiritismo*, as coletâneas de mensagens psicografadas como *Do Além e Do Aquém* e *Semente na Mente* em conjunto com Jorge Gonçalves de Farias, assim como a difusão da Música no meio espírita, sob coordenação da Colônia Recanto dos Irmãos.



www.luzespirita.org.br